

Celso Ferrarezi Jr.

Linguagem, discurso, educação: entremeios e leituras



Fabíola Ferreira Ocampo
Sérgio Nunes de Jesus
Organizadores



Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Celso Ferrarezi Jr.

Fabiola Ferreira Ocampo
Sérgio Nunes de Jesus
Organizadores

LINGUAGEM, DISCURSO,
EDUCAÇÃO:
entremeios e leituras

EDITORA CRV
Curitiba - Brasil
2012

Copyright © da Editora CRV Ltda.

Editor-chefe: Railson Moura

Diagramação e Capa: Editora CRV

Foto da Capa: Arquivos do autor

Revisão: Os Autores

Conselho Editorial:

Prof.ª. Dr.ª. Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR - RO) Prof. Dr. Leonel Severo Rocha (URI)
Prof. Dr. Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ) Prof.ª. Dr.ª. Lourdes Helena da Silva (UFV)
Prof.ª. Dr.ª. Carlos Frederico Dominguez Avila (UNB - DF) Prof.ª. Dr.ª. Josania Portela (UFPI)
Prof.ª. Dr.ª. Carmen Tereza Velanga (UNIR - RO) Prof.ª. Dr.ª. Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UNIR - RO)
Prof. Dr. Celso Conti (UFSCAR - SP) Prof. Dr. Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL - MG)
Prof.ª. Dr.ª. Gloria Fariñas León (Universidade de La Havana Prof.ª. Dr.ª. Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFS)
- Cuba) Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Prof. Dr. Francisco Carlos Duarte (PUC-PR) Prof.ª. Dr.ª. Solange Helena Ximenes-Rocha (UFPA)
Prof. Dr. Guillermo Arias Beatón (Universidade de La Prof.ª. Dr.ª. Sydfione Santos (UEPG PR)
Havana - Cuba) Prof. Dr. Tadeu Oliveira Gonçalves (UFPA)
Prof. Dr. Joao Adalberto Campato Junior (FAP - SP) Prof.ª. Dr.ª. Tania Suely Azevedo Brasileiro (UNIR - RO)
Prof. Dr. Jailson Alves dos Santos (UFRJ)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F426L

Ferrarezi Junior, Celso

Linguagem, discurso, educação: entremeios e leituras / Celso Ferrarezi Junior; Fabíola Ferreira Ocampo, Sérgio Nunes de Jesus (organizadores). - 1.ed. - Curitiba, PR: CRV, 2012.

130p.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-8042-505-5

1. Linguagem e línguas - Estudo e ensino. 2. Análise do discurso. I. Ocampo, Fabíola Ferreira. II. Jesus, Sérgio Nunes de. III. Título.

12-6677.

CDD: 407

CDU: 811(07)

13.09.12 02.10.12

039204

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

2012

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora
CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela:

Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418

www.editoracrv.com.br

E-mail: sac@editoracrv.com.br

APRESENTAÇÃO

... O APRENDIZ ...

Comemorar o que já é sabido, às vezes torna-se démodé, mas Enquanto nos céus as estrelas brilham, ele nunca ofuscou as Luzes que tentavam apagar aquela que escolhera as letras como Sua mola propulsora de trabalho: a linguagem, a educação e O ser humano – a humanidade sempre lhe tocara como ferida...

Feridas que nunca cicatrizam, mas eterniza no Ser vs Ter E seus significados sociais se perdem, subjagam, morrem, pois os Resíduos da integridade moral são ainda o que nos tornam humanoides Remanescentes daqueles que fizeram da história a história que Algures são lembrados, esquecidos pela mudança do homem em Reativar a memória que o “Bravo Mundo Novo” nos reserva Em acreditar que a tecnologia não é mais um paliativo, mas o Zelo e a perspicácia em fazer querer e ser uma mudança serão Inquestionáveis por todos que o conhecem e os que conhecerão...

Jaz aqui aquele que a escuridão da verdade era opaca: aprendi e vi Ubuescos... presunçosos... Patifes disfarçados... Donos de verdades Nunca expostas, mas disfarçadas e Incondicionalmente querem e até roubam a nossa paciência – mas *O temor do Senhor é o princípio da ciência*¹ [...] que nos Resgata como aprendizes – como professores – como humanos...

Prof. Sérgio Nunes de Jesus

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Versão final

Ao Educador *Anísio Spínola Teixeira*,
Idealizador por uma Educação Democrática Brasileira;

Aos professores:

Elcy Silveira/UNEB,

Iara Telles/UNIR,

Nair Gurgel/UNIR,

Maria Cristina Ramos Borges/UNIR,

Wanderley e Corinta Geraldí/UNICAMP.

Minha eterna gratidão educacional – do aprendiz;

Ao professor *Celso Ferrarezi Junior*,

Pela confiança, apoio e eterna amizade – obrigado!

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Versão final

No princípio criou Deus os Céus e a terra.
(GÊNESIS, Cap. 1, Versículo 1);

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo
*seja*¹ com todos vós. Amém.
(APOCALIPSE, Cap. 22, Versículo 21).

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

SUMÁRIO

PREFÁCIO - UMA TRAJETÓRIA, UMA VIDA	13
NOTAS DO COTIDIANO	15
A CRISE E A EDUCAÇÃO.....	19
AFINAL, O QUE PODEMOS CHAMAR DE “ESCOLA”?.....	23
O LOBO-MAU MORA NO ATALHO	31
NÃO EXISTE “VIOLÊNCIA ESCOLAR”!	37
ESPÉCIE EM EXTINÇÃO – PARTE I.....	41
UMA ESPÉCIE EM EXTINÇÃO – PARTE II	45
O UBUESCO E O CADA VEZ MAIS RARO.....	49
A VEZ DO PROFESSOR	55
UMA LEI DENTRO DE NÓS	59
O DESENVOLVIMENTO SUFICIENTE: EM CASA.....	65
ALGUMAS COISAS, NÃO DÁ PRA IGNORAR.....	71
A PRESUNÇÃO DO PATIFE.....	81
A DESSACRALIZAÇÃO DA VIDA I	87
A DESSACRALIZAÇÃO DA VIDA II	89
PROFISSÃO: PROFESSOR I.....	95
PROFISSÃO: PROFESSOR II	99
PROFISSÃO PROFESSOR – EPÍLOGO.....	105
TRÊS ATITUDES PARA MUDAR O MUNDO	111
A LEITURA EM CASA – O EXEMPLO	113
POSFÁCIO - DISCURSO E PRÁTICAS DOCENTES	119
POSFÁCIO (2) - UMA CAMINHADA FRUTÍFERA	121
OS AMIGOS, AS PALAVRAS	123
UM OLHAR ALÉM.....	125
COM A PALAVRA, O MESTRE	127

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

PREFÁCIO

... UMA TRAJETÓRIA, UMA VIDA ...

Mércia Gomes Bessa Coelho²

Estrear como prefaciadora de um livro não é uma tarefa fácil. Contudo, a oportunidade de enveredar por mais uma seara da aprendizagem me permitiu aceitar o desafio e aqui estou ousando apresentar esta obra composta por uma coletânea de textos do professor Celso Ferrarezi Junior, Doutor em Linguística pela UNIR e pós-Doutor em Semântica pela UNICAMP.

Em 2009, por ocasião de uma visita que fiz ao município de Guajará-Mirim, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente o prof. Ferrarezi e, logo, reconheci um “Indivíduo de Caráter Irrepreensível” (CI). Sua simplicidade em falar da educação e de seus “entremeios” me encantou e passei a ser uma leitora assídua do “Artefato Cultural”. Algumas vezes, cheguei a arriscar comentários dos textos postados e, em um deles, fui brindada com uma de minhas observações.

O jeito inteligente, bem-humorado, sincero, mas, sem perder de vista a criticidade necessária na qual a temática educação merece ser tratada, o faz contar histórias que nos levam a refletir sobre como a educação é construída em nosso país e no imaginário das pessoas. Isto faz da ideia dos organizadores desse livro, Fabíola e Sérgio, uma bela oportunidade para estender a outras pessoas o contato com o universo de pensamentos que o professor Ferrarezi nos proporciona.

Ao abordar temas delicados como a falta de qualidade da educação e a falta de comprometimento e ética de alguns profissionais que se dizem “educadores” nos leva a meditar sobre o papel que devemos efetivamente ter para buscar uma nova educação formada por CI’s.

Ao ler os textos deste livro muitas vezes me enxerguei neles e percebi quantos indivíduos “ubuescos” convivem conosco sem que nada possamos fazer para extirpá-los. Alguns desses textos foram escritos há mais de uma década, mas continuam atuais. Isto nos leva a questionar “Por que os automóveis e computadores evoluem com tal velocidade e o elemento humano que os cria teima em continuar na ignorância?” “Por que o velho/atual discurso que apregoa que a educação é a salvadora/redentora do mundo não é capaz realmente de promover uma revolução ‘educadológica’?” Talvez isso possa ser explicado por umas das reflexões do Celso no texto “*O Lobo Mau mora no atalho*”:

[...] Conhecimento fere o fundo da alma e, para poder extirpar as raízes e cicatrizes deixadas pela Ignorância e sua família, ele procede a uma operação cruel, sem anestesia, um arrancar abrupto, que decepa de nós pedaços de nossa carne, de nossa alma e de nossa história. [...]

Ou seja, parece mais fácil permanecer na ignorância, fingir que não sabe, ou que não tem culpa, ou ainda, que a culpa seja do outro, do que se comprometer com o verdadeiro conhecimento que leva à sabedoria. Porque obter conhecimento dá muito trabalho.

Faço parte da 2ª geração de educadoras de minha família e aprendi, com outras palavras, o conceito de ‘Desenvolvimento Suficiente’ proposto pelo professor Celso na prática. Considero-me sortuda por isso e grata à minha mãe e tias por terem me ensinado que para ser feliz é preciso dar mais valor ao ‘ser’ verdadeiramente humano e não ao ‘ter’ o bem material em si. Por isso, creio que os princípios abordados nos textos a seguir levarão o leitor a buscar os aspectos intelectual, emocional, social, espiritual que compõem a formação do ser humano e devem ser explorados infinitamente por meio da educação que liberta.

Por fim, agradeço ao professor Sérgio Nunes de Jesus por ter me presenteado com esse convite que oportunizou a leitura da seleção de textos do professor Celso Ferrarezi Junior. Só me resta convidar o leitor para mergulhar em um manancial de histórias que o possibilitará ao crescimento enquanto ser humano e enquanto profissional da educação.

NOTAS DO COTIDIANO

Pane seca

A família da cantora *Amy Winehouse* declarou recentemente que a cantora teria morrido por abstinência de álcool. Seria um caso de “pane seca”? Oras bolas, o que interessa no caso não é se o que matou a moça foi droga lícita ou ilícita, ou abstinência de drogas, já que era mais do que sabido que se tratava de uma dependente contumaz de diversos tipos de substâncias, mas, sim, o fato incontestável de que ela chegou nesse nível de desespero por causa das drogas.

Essa semana, o site IG divulgou uma retrospectiva fotográfica da vida da moça. Foi aterrador verificar como ela era antes e como ficou depois do uso de drogas! Deu vontade de chorar! Ver um talento daqueles – mais um grande talento! – se acabando no inferno das drogas é muito triste. Quantos e quantos artistas talentosos acabam como ela?! Por que isso? Que mundo miserável é esse da vida artística que encaminham tantos e tantos para a autodestruição? Até quando as altas rodas da sociedade e os círculos artísticos assistirão a isso caladas, como se nada estivesse acontecendo? Quantos talentos mais serão perdidos no álcool, nos alucinógenos, na depressão?

E, depois, ainda tem gente que acha bonitinho o sujeito fumar maconha... Vai entender...

Mau gosto

Plejanov foi um filósofo russo da virada do século XIX para o século XX. Ele já previa que o século XX seria conhecido pela posteridade como “o século do mau gosto”. Acho que ele acertou, mas não podia prever que a coisa iria piorar no século XXI. Está difícil entender os níveis atuais de mau gosto!

Vamos começar pelas roupas. Nem estou falando dos desfiles escalafobéticos de “moda”, que parecem uma insanidade. Falo das roupas rasgadas, manchadas e sujas que se compra “novas” nas boutiques chiques por aí... Depois vem a mania de usar roupa 3 números menor que o corpo da pessoa. Uma espécie de “complexo de salame”...

Então, passamos para esses medonhos “cabelos de jogador de futebol”... Pensei que tinha acabado a moda com o “cabelo de Cascão” do *Ronaldo* Fenômeno, mas não. Agora pirou: é cabelo espetado. Isso não tem nada de moicano: é pica-pau puro! E virou uma mania insana. Ontem, dentro dos Correios, vi uma mocinha – tadinha! – seus belos 14 ou 15 anos e um bebê no colo. O bebê não tinha um ano de vida, mas ela gritava e brigava com ele como se ele tivesse 25... É maturidade... Mas, o detalhe: a cabeça cheia de gel e um “penteado” de pica-pau, ao pior estilo *Neymar*. Pera lá: tudo tem limite!...

Aí passamos pra música. Haja mau gosto! Não bastassem as melodias horrendas às quais somos submetidos, os chamados batidões, e a certeza de que em duas horas de rádio ouvimos versões da mesma música 40 vezes, pois de uma pra outra não muda um decibel na melodia – é aquela mesmice chata, maçante, Tum, Tum, Tum, Tum!, Ainda vêm as letras tenebrosas. É sempre a mesma coisa: eu sou gostoso, você é gostosa, a gente tem que transar... Ou, então, vem uma gagá cantando seu amor por Judas. Isso quando a gente não pega uma metáfora de péssimo gosto do tipo “tsunami de paixão”. Arre égua! Vai ter mau gosto assim na Conchinchina! “Tsunami de paixão” é pior que “morango do nordeste”! Essa afronta à música brasileira deve ser primeiro lugar nas paradas de sucesso da Indonésia e do Japão... As pessoas de lá ficariam muito felizes ao ouvir essa pérola...

Então passamos para as artes plásticas e descobrimos que um rolo de arame farpado pendurado no teto do museu virou arte, conceito, coisa de gente culta. E eu que pensava que meu pai pendurava os rolos de arame farpado no teto da oficina dele pra gente não se machucar... O velhão era artista e eu nem sabia... Tenha dó!

Depois vem o humor que perdeu a graça. Coisas apelativas e humilhantes como o humor praticado em diversos programas de TV de hoje deveriam ser banidas da tela. Certos quadros exibidos em programas como *Pânico*, por exemplo, chegam a ser irritantes. É sempre a mesma coisa: encher o saco de algum sujeito famoso, colocar mulheres quase nuas rebolando o tempo todo no programa, mostrar aberrações, gerar humilhação e sofrimento bizarros, ao mais puro estilo “a psicopatia somos nós”. Sempre isso, sempre isso e outros programas seguindo o mesmo caminho. Falta inteligência, falta refinamento, falta aquela fina ironia que caracterizou os programas de humor brasileiros por tanto tempo. Parece que acabou o

estoque de boas histórias. *Chico Anísio, Manoel da Nóbrega, José Vasconcelos* e outros gênios ficaram pra trás. Não há nada novo pra se mostrar. O humor brasileiro se aposentou e o que veio pra assumir o lugar é algo horrível, de muito mau gosto...

Pior que isso só a *Yoko ex-Lenon* fazendo sua demonstração de arte performática assustadora em uma exposição de arte moderna nos Estados Unidos: 3 minutos gritando e gemendo (<http://www.youtube.com/watch?v=7GMHI7bmlzw>) ... Ininteligível? Não, terrível! Foi motivo de piada pelo mundo afora... Os rostos das pessoas que assistiram denunciavam seu espanto com o desatino da senhora. Algumas não conseguiam conter o riso diante do ridículo, outras pensaram – garanto – em chamar a ambulância...

Afinal, o que está acontecendo com a humanidade? Quando foi que perdemos a noção de beleza, o senso de estética, a certeza de que o feio é feio? Se não é isso, parece coisa de conspiração universal: ensinar a achar o feio bonito, ensinar a acreditar que o imprestável é maravilhoso. De onde vem tanto mau gosto, tanto amor ao ridículo? Onde as pessoas se inspiram pra realizar essas estupidezes? Onde vamos parar?

Conversa de alto nível

Eu estava no saguão de um dos prédios da universidade aguardando o horário de abertura da Secretaria. As zeladoras estavam lavando o chão. Chegou uma moça carregando vários papéis, dirigiu-se à zeladora e perguntou:

- Moça, onde fica o terceiro andar?

(Uma breve pausa para meditação, puxando pela memória...)

- Lá em cima... Isso! É lá em cima!

(Outra breve pausa para meditação, exercitando o raciocínio...)

- Ahhh... Tá bom! Obrigada!

E começou a subir as escadas...

Onde fica o terceiro andar? Como assim?! Onde ficaria o terceiro andar de um prédio? Se eu não tivesse visto e ouvido, não acreditaria na pergunta... Mas, a resposta, essa sim foi de alto nível!

Quer saber de uma coisa? Ou eu nasci no século errado, ou acho que chegou a inescapável hora de me aposentar...

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

A CRISE E A EDUCAÇÃO

Sempre defendi e continuo defendendo que a Educação de verdade é a solução para os problemas do mundo. Não há outro caminho. Acredito que uma educação de qualidade promove a paz e a igualdade social, bem como permite a sustentabilidade e, assim, garante a perpetuação da nossa espécie. Acho que a educação verdadeira reconstrói o que de divino pode existir no homem, que se perdeu ao longo da história.

Mas, vendo essa crise toda mundo afora tenho me perguntado qual é a relação entre a educação e a crise e se a educação tem mesmo esse poder todo que atribuo a ela. Vendo os números da crise fico espantado: GM, prejuízo de mais de 30 bilhões de dólares em 2008; a seguradora AIG, mais de 60 bilhões, os investimentos anticrise para salvar empresas e o sistema bancário mundial chegando a 2 trilhões de dólares, ou seja, dinheiro mais do que suficiente para acabar com a fome no mundo 10 vezes, segundo especialistas. E isso está acontecendo justamente nos países com melhor educação. Pelo menos, melhor do ponto de vista técnico. E é aí que acho que está o nó da história.

Esses países que estão desmoronando têm aquilo que, por muito tempo, se tem chamado de melhor educação do mundo. Na verdade, eles têm sistemas educacionais eficientes, que preparam a juventude para o mundo da tecnologia de forma inigualável em relação a países como o Brasil, por exemplo. Os meninos nascem e crescem conectados à *net*, tem em mãos o que existe de mais moderno e aprendem nas escolas as teorias mais importantes para o que o mundo se acostumou a chamar de “desenvolvimento”. Tecnologia, tecnologia e mais tecnologia, pesquisa, pesquisa e mais pesquisa, desenvolvimento, desenvolvimento e mais desenvolvimento é o que eles estudam a cada dia. E seus índices de desenvolvimento educacional são, assim, os maiores. Mas, de alguma forma, essa “educação de primeira” deixou de fora algumas coisas que parecem estar fazendo falta hoje...

É como se esses meninos supereducados do primeiro mundo tivessem deixado de aprender que a ganância não pode ser tanta que destrua o próprio mundo em que vivemos, que a responsabilidade

social vai além de ficar rico e dar o que de melhor existe no mercado só para os próprios filhos, que é preciso ser honesto e responsável na manipulação dos recursos naturais e do capital e que, por isso, a gente não deve gastar o que não tem, nem contrair dívidas que não poderá pagar, entre outras ações de prevenção econômica, que investir trilhões de dólares em armamentos e guerra é de uma insanidade “à prova de bala”, que o transporte coletivo é superior ao transporte individual, que água bem tratada na torneira de todo mundo é melhor do que água engarrafada só na casa dos ricos, que antes de conquistar a Lua deveríamos ter conquistado nossa própria felicidade, enfim, que existe um conjunto de valores que poderíamos chamar de “humanos” que determinariam uma vida mais feliz e que teriam evitado essa desgraça econômica global.

É mais incrível ainda verificar que essa crise já havia sido amplamente anunciada. Agora estão vindo à tona livros e mais livros, relatórios e mais relatórios que mostravam que isso tudo ia acontecer. Os governantes dos países desenvolvidos sabiam que tudo o que está acontecendo aconteceria, mas ficaram “na moita”, como que “pagando pra ver”. Deixaram a coisa rolar sem intervenções drásticas, pois as intervenções necessárias poderiam ser negativamente avaliadas por seus eleitores. Incrível! É a mesma coisa que os Estados Unidos continuam fazendo em relação ao aquecimento global: sabem que estão desgraçando tudo com a poluição que geram, mas não aderem aos acordos internacionais para não prejudicar a economia. Economia? Qual? Essa desgraça que está aí? Nesse caso, eles estão literalmente “pagando pra ver” como vai ficar a coisa.

O que eu quero frisar com isso tudo, é que não basta dar informação técnica a uma pessoa e chamar isso de educação. Mesmo que um sistema educacional seja extremamente eficiente no que tange à informação técnica, à formação de novos cientistas e grandes administradores, isso não valerá muito diante do desenvolvimento da História se essas pessoas não puderem lapidar também aquilo que costumamos chamar de “caráter correto”. A crise mundial é resultado claro e óbvio da falta de caráter de meia dúzia de pessoas. Aqueles que jogaram suas empresas gigantescas no lixo por uma administração irresponsável, que cirandaram com e no o mercado financeiro como se isso fosse um joguinho de crianças, que implantaram um carnaval na administração dos países, que plantaram e cultivaram

guerras desnecessárias e ridículas. Todos muito bem educados do ponto de vista técnico, nas melhores escolas do mundo, mas sem caráter algum. E agora é tarde. A crise está aí e precisamos de pessoas com um bocado a mais de caráter para resolver a questão, se que essas pessoas terão acesso ao poder necessário para fazê-lo.

Ao longo de minha vida, tenho visto pessoas sem caráter destruir instituições, pessoas e projetos de vida. Conheço “acadêmicos” com excelente formação técnica que plantam o inferno onde se infiltram. Pessoas egoístas, verdadeiros doentes sociais, que só buscam o benefício próprio a qualquer custo, mas o fazem em nome da Ciência! Gente dessas de dar dó! E se acham educados e sabidos quando são, na verdade, “pobres, cegos, desgraçados e nus”, para recobrar aqui a linguagem bíblica.

E, por que razão nossas escolas e os nossos educadores resistem tanto à educação do caráter de nossas crianças? Fico me perguntando por que não existe na escola matérias que ensinem honestidade, responsabilidade, previdência, respeito, moral, ética. Por quê? Que maldito medo é esse que nossas escolas e educadores têm de achar que não podem ensinar nossos meninos e meninas a ser gente honesta e de bem. Dizem que isso é problema dos pais! Que pais?! Dizem que a escola tem que ensinar apenas as equações, as datas comemorativas e as classes gramaticais e que o resto cabe à família. Será mesmo que é assim? Sabe que futuro essa educação técnica e sem preocupações com o caráter dos meninos nos trará? O futuro sem futuro. É uma pena.

Como eu sonho com o dia em que nossos educadores enxergarão isso e passarão a se comprometer com a formação do caráter dos meninos mais do que com o aprendizado da crase e com o cálculo da hipotenusa. Será que isso é apenas mais um sonho de um educador idealista?

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

AFINAL, O QUE PODEMOS CHAMAR DE “ESCOLA”?

O Brasil tem lei pra dizer o que é um hotel. Tem lei também pra dizer o que é um hospital. E até tem lei pra dizer como deve ser um estádio de futebol ou uma boate. Há normas a ser seguidas, classificações, controle. Para as escolas, não tem não. Pelo menos não algo objetivamente definido e criteriosamente controlado. Pra maioria dos estabelecimentos comerciais e de saúde, tem que ter um mínimo disso e um mínimo daquilo, cuidado com isso e com aquilo. No Brasil, como escrevi em um artigo publicado em meios científicos há alguns anos, no que tange às escolas, temos apenas os artigos 3º e 4º da Lei 9.394/96 (a LDB) que dizem:

Art. 3º - O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

[...]

IX – garantia de padrão de qualidade.

Art. 4º - O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

[...]

IX – padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e a quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

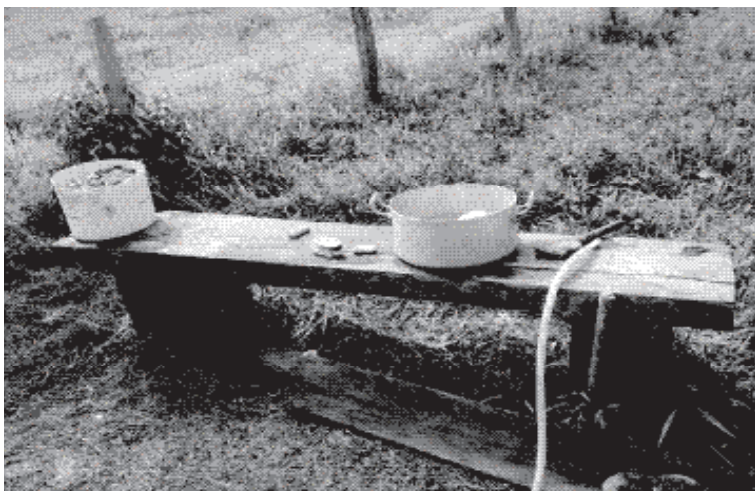
Como se pode ver, o Art. 3º define apenas a existência de um “padrão”, mas não define o que ele é exatamente. O Art. 4º define, por sua vez, que esse padrão deve ser medido na forma de “variedade e quantidade mínima de insumos”, o que demanda, é claro, uma regulamentação do que seja essa variedade e de quais são as quantidades mínimas exigidas por aluno em cada elemento e dimensão do processo educacional. Só que isso ainda não foi devidamente regulamentado. Está “jogado ao vento”. Ou seja: temos que ter um padrão de qualidade, mas não sabemos bem o que é isso. E enquanto não sabemos, qualquer coisa pode ser “uma escola.”

Há uns quinze dias, coordenei uma equipe de alunos universitários em uma visita a uma escola rural multisseriada no interior do

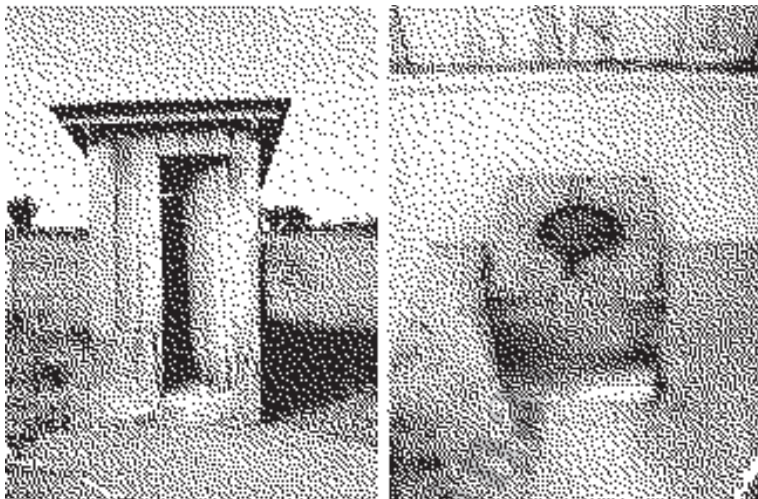
Brasil. Como havia dito em outro artigo aqui do portal, pra mim, as escolas rurais multisseriadas são o cartão-postal ao avesso do que a educação deve ser. Creio que seria interessante mostrar o que é “aquilo” que nós presenciamos (e quero frisar aqui que essa escola que vou mostrar, não é das piores que existem: há outras bem piores que essa!). Vamos conhecer o local, então:



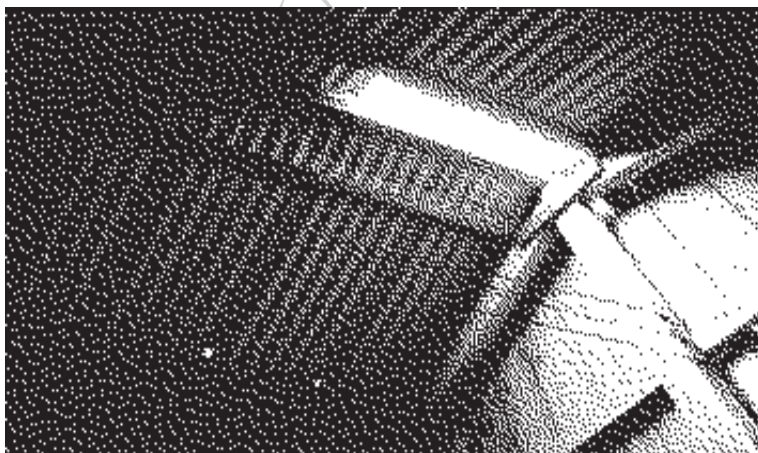
Esta é a sala de aula. A única. Duas lousas são divididas em duas séries cada uma. A heroína que trabalha aí por um salário mínimo, e que os alunos chamam de professora e eu chamo de “mártir”, começa passando no quadro o conteúdo da primeira série e explica; passa o da segunda e explica (os da primeira juram que estão fazendo o conteúdo deles, ao invés de prestar atenção no que a professora está explicando para a segunda); passa o da terceira e explica (idem para as duas séries iniciais, enquanto os meninos da quarta aguardam pacientemente); finalmente, passa o da quarta série e explica. Todos vão fazer as coisas, já é quase hora da merenda. Aquela caixa de ferro no meio da parede, entre as lousas, já teve uma televisão... Mas faz tempo isso...

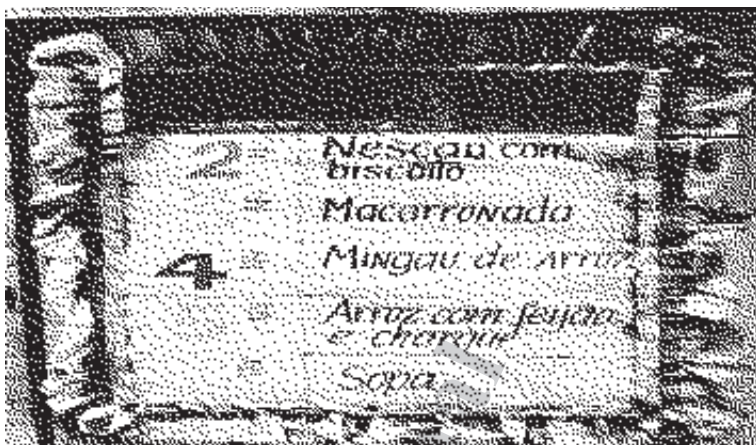


Esta é a pia de lavar os alimentos e preparar as coisas para a merenda. O fogão da escola da professora, assim como o botijão de gás (pois a Prefeitura que mantém a escola manda reabastecer – mas nem sempre a tempo). O negócio aí em cima também serve de tábua de lavar roupa para a professora, que mora no local, num quarto contíguo à sala de aula. Quem faz a merenda? A professora (que também é zeladora, secretária, enfermeira, psicóloga, empresta dinheiro... e por aí vai). Quando? Enquanto os alunos estão dentro da sala fazendo as tarefas que ela explicou no começo do dia. Conheço escolas em que o alimento é cozido em uma lata, suspensa em dois tijolos que abrigam um fogo de lenha. Então, depois da merenda, os alunos podem sentir vontade de ir ao banheiro...

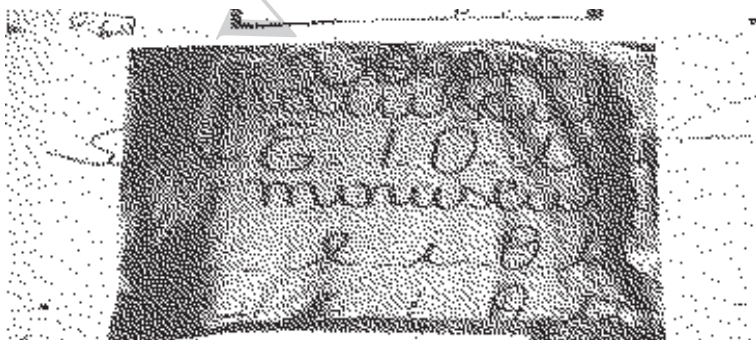


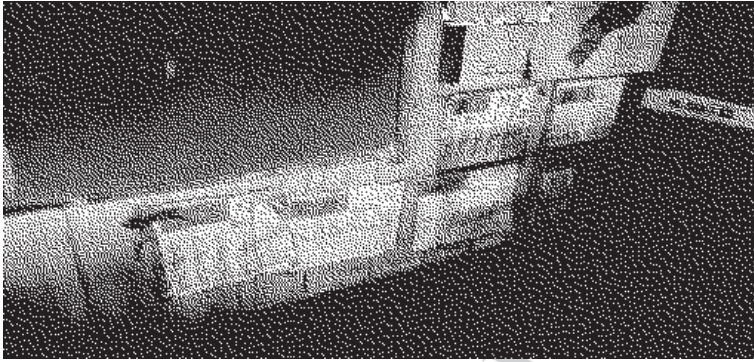
Este (ou isto) é o banheiro. Essa escola é das boas, como disse, pois tem banheiro. Já visitei escolas rurais em que o banheiro é o mato mesmo. Como dá pra ver na foto, a porta está pendurada e não fecha. Não há água. O sistema aqui é o que se chama popularmente de “casinha”, ou seja, um buraco no chão coberto com esse arremedo de vaso sanitário. Depois do recreio, é hora de voltar para a sala. E como está a sala? Assim:



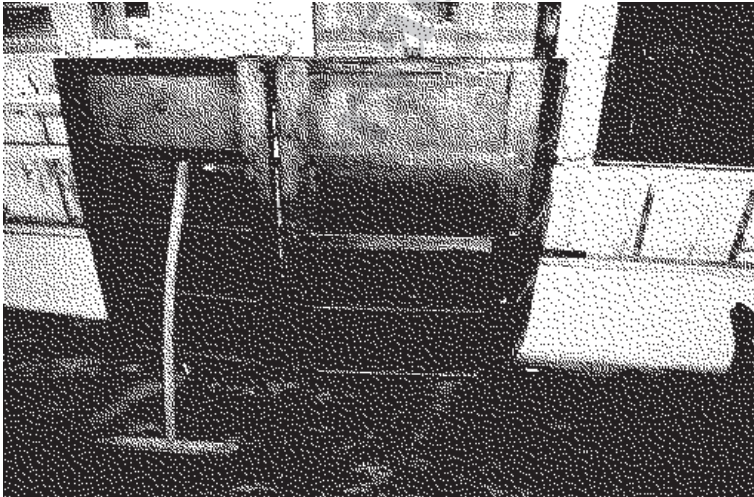


Esse buraco no teto tinha um ano de boa vida na época de nossa visita. Foi aberto por um vendaval. Por isso, chove dentro da sala e estraga os cartazes, como o do cardápio, que só serve pra “enfeitar”, uma vez que não é seguido. No dia da visita, o prato do dia era bolacha de água-e-sal com refresco em pó, feito com a água do poço que, por acaso, fica a menos de dez metros da “casinha-banheiro” e no mesmo nível de terreno. Mas, há outros cartazes afixados que vale a pena ver, como o das vogais e o das famílias silábicas:





Finalmente, podemos conhecer o armário de guardar as coisas da escola, como os livros usados e as revistas velhas que a professora consegue na cidade com amigos e leva para fazer recortes com os alunos. Eis o armário e seu bom amigo, o rodo, que está ali para manter a porta fechada:



Pois bem: e aí eu pergunto? Isso que você, leitor, acabou de ver, (e que eu repito - é “das boas”!) pode ser chamado de “escola”? É isso que é uma “escola”? É nesse lugar que os alunos devem aprender ideais elevados e a vislumbrar que a vida deles pode ser

melhor? Não dá! Isso não poderia ser chamado de “escola”! Isso não pode ensinar os alunos a querer algo melhor, por mais bem-intencionada que a mártir que banca o processo seja. Sabe por que não? É que o negócio funciona assim: o menino sai de casa e o que ele conhece como vida é “barraco e sujeira”. Ele chega à escola e o que ele vê é “barraco e sujeira”. E então? E então que a vida deve ser mesmo “barraco e sujeira”. Não há como ampliar horizontes, desejar algo melhor.

Tenho pra mim (não vou falar “estou convencido” pra não parecer plágio...) que é urgente regulamentar no Brasil o que pode e o que não pode ser chamado de “escola” (e, conseqüentemente, funcionar como uma “escola”!). Deixar claro e cobrar de todos os entes federados que sem condições mínimas não existe nada que se possa chamar de “escola” e aquilo que se faz nesses lugares não é educação. É preciso criar um padrão nacional. E creio, ainda, que esse padrão deveria ser definido em critérios progressivos, permitindo a classificação das escolas em função daquilo que elas oferecem. Deveriam contar para esse padrão (embora, é óbvia, esta lista não seja exaustiva):

- a. relação quantitativa entre professores e alunos (por exemplo, 1 docente para 25 alunos);
- b. quantidades mínimas de nível de titulação de docentes;
- c. relação quantitativa entre executores de atividades-meio e alunos;
- d. quantidade e especificações técnicas de salas de aula por número de alunos;
- e. quantidade e especificações técnicas de instalações sanitárias por número de alunos;
- f. quantidade e especificações técnicas de bibliotecas e acervo bibliográfico por número de alunos;
- g. quantidade e especificações técnicas de laboratórios (por área) por número de alunos;
- h. quantidade e especificações técnicas de refeitórios por número de alunos;
- j. quantidade e especificações técnicas de áreas destinadas à prática da Educação Física por número de alunos;
- l. quantidade e especificações técnicas de auditórios por número de alunos;
- m. carga horária média de docentes, carga horária dos alunos e dos executores de atividades-meio;

- n. existência de planos de carreira de docentes e demais técnicos envolvidos no processo educacional;
- o. adoção integral dos Parâmetros Curriculares Nacionais e existência de proposta pedagógica própria da escola adequada à realidade da comunidade atendida;
- p. existência de atividades extracurriculares que beneficiem a comunidade, incentivo a estágios profissionalizantes (se for o caso) e parcerias com outras instituições educacionais ou congêneres;
- q. adaptação da estrutura para atendimento a pessoas portadoras de necessidades especiais.

Estes, entre outros, são fatores objetivos que podem ser definidos em seus valores mínimos para nortear a avaliação das condições adequadas do que seja uma “escola”. Creio, como disse, que deveriam ser estabelecidos padrões diferenciados de qualidade com base no mínimo oferecido, definindo-se como de “padrão 1” o estabelecimento que oferecesse o mínimo do mínimo para ser reconhecido como uma “escola” e como de padrões 2, 3, 4 ou 5, progressivamente, em função das melhorias da estrutura logística, recursos humanos e serviços oferecidos.

Educação não é uma questão de bom senso apenas (embora neste caso que vimos aqui falte o mínimo de senso, de qualquer senso!). É, antes, uma atividade altamente técnica, que demanda critérios objetivos de qualidade que permitam o estabelecimento de alvos bem claros a ser alcançado no decorrer de todo o processo. Por isso, essa lacuna deixada na legislação brasileira sobre o que pode e o que não pode ser chamado de “escola” demandam uma ação rápida e incisiva que permita um redimensionamento do conceito de qualidade para a educação brasileira. Creio que essa ação rápida e incisiva somente se materializa através de regulamentação e de séria e permanente fiscalização. E, por favor, chega de dizer por aí que “de pé-no-chão se faz milagres” em educação!

O LOBO-MAU MORA NO ATALHO

Escrevi essa pequena alegoria há uns dez anos. Peço, caro leitor, sua leitura atenta como introdução ao tema de hoje:

“Em tempos imemoriais, quando a Ordem começou a reinar sobre a Terra e o primeiro par de homens iniciou sua jornada, duas forças malélicas terríveis uniram-se em matrimônio para combater os efeitos da Ordem. O Medo e a Restrição foram um e tiveram uma filha chamada Ignorância. A Ignorância cresceu de forma espantosamente rápida e, como uma grande guerreira ampliou seus domínios por toda a face do Planeta, não poupando nem mesmo o primeiro casal.

Mais, ou menos na mesma época do nascimento da Ignorância – na verdade, um pouco antes – a Coragem e o Labor haviam-se unido e tido dois filhos: o Conhecimento e a Realização. O Conhecimento, o filho mais velho, logo aprendeu de sua mãe a necessidade de enfrentar frontalmente os efeitos malélicos da Ignorância, e aprendeu também, mas de seu sábio pai, que isso não é possível sem que haja grande esforço e dedicação do combatente. O Conhecimento entendeu, então, que para salvar a humanidade de sua triste sorte como herdeira da Ignorância, precisaria enfrentar uma incessante guerra contra esta que se havia tornado na mais cruel e implacável doença da humanidade, muito pior do que a lepra, muito pior do que o câncer, muito pior do que a AIDS: a Ignorância, o maior flagelo da humanidade em todos os tempos. O Conhecimento pediu ajuda de sua irmã Realização, sendo que ele, o Conhecimento, ia à frente nas batalhas, abrindo caminhos por entre as tropas da Ignorância, matando, ferindo, dilacerando, e a Realização vinha atrás, curando as dores, tratando os feridos, restabelecendo a alegria nos povos.

A Ignorância percebeu rapidamente que sua força pessoal poderia ser vencida pelo filho mais velho da Coragem e do Labor, e que a Realização apagava com muita eficiência os efeitos malélicos deixados por sua desalentadora passagem. Então, a Ignorância houve por bem unir-se ao Ceticismo, com o qual teve dez filhos: o Preconceito, a Desesperança, a Descrença, a Conformação, a Ansiedade, o Orgulho e seu irmão gêmeo o Pedantismo, a Corrupção,

a Intolerância e sua irmã gêmea a Guerra. Os filhos da Ignorância aprenderam muito rapidamente as graves e terríveis lições de seus pais: andem sempre juntos, atuem sempre em uníssono, transformem os homens em seres brutais, subvertam-lhes a fé no divino e neles próprios, desestimulem-nos a crescer, conformem-nos com a situação miserável em que vivem, façam-nos acreditar que o mundo é isso mesmo que nós construímos e que, portanto, eles não podem ser melhores do que são.

Como se trata de uma família que procria como os cardos, as baratas e outras coisas ruins, em pouco tempo os filhos da Ignorância e do Ceticismo também se uniram a outros seres que, por essa época já habitavam a Terra e tiveram, por sua vez, seus próprios filhos:

O Preconceito uniu-se ao Desamor e gerou as Castas Humanas, a Separação e a Desunião.

A Desesperança uniu-se à Fraqueza e gerou a Depressão e o Desespero.

A Descrença uniu-se ao Imediatismo e gerou a Finitude e o Despropósito.

A Conformação uniu-se à Preguiça e gerou a Miséria, o Imobilismo e a Mediocridade.

A Ansiedade uniu-se à Falsa-Modernidade e gerou as Almas Conturbadas.

O Orgulho uniu-se ao Status e gerou a Mosca Azul.

O Pedantismo uniu-se ao Desconhecimento-de-Si e gerou a Intriga, a Humilhação e a Vergonha.

A Corrupção uniu-se ao Poder e gerou os Enganos, as Assolações Sociais, a Pobreza-Acariciada e a Imoralidade.

A Intolerância uniu-se às Armas e gerou a Separação dos Povos. Depois, a Intolerância juntou-se com sua própria irmã, a Guerra, e gerou a Mortandade, a Pestilência, o Terrorismo e a Dominação.

Todos esses filhos e netos da Ignorância e do Ceticismo sempre foram muito ativos na História. Também sempre foram muito ativos na luta contra o Conhecimento e a Realização. O problema é que os métodos são – e precisam ser – diferentes. Enquanto a Ignorância e o Ceticismo – e seus filhos e netos – atraem os homens com ilusões e facilidades (por exemplo, a Corrupção ilude os homens com a riqueza fácil e a Guerra ilude os homens com a paz), o Conhecimento, por outro lado cobra-lhes um alto preço.

O Conhecimento é um remédio que machuca. Ele rasga o peito e abre a mente de maneira dolorosa. Ele delata nossas fraquezas e aponta-nos em que estamos errados. O Conhecimento fere o fundo da alma e, para poder extirpar as raízes e cicatrizes deixadas pela Ignorância e sua família, ele procede uma operação cruel, sem anestesia, um arrancar abrupto, que decepa de nós pedaços de nossa carne, de nossa alma e de nossa História. Somos queimados vivos, sentindo a dor que cauteriza as feridas da Ignorância e humilifeitos diante dos homens e de nós mesmos, sendo obrigados a reconhecer o quanto somos falhos e a prometer que um dia seremos melhores. O Conhecimento lança em rosto, esbofeteia, faz gemer a alma com dores indescritíveis e pungentes que nos atordoam e exigem tempo para ser assimiladas. O Conhecimento provoca náuseas diante do Mundo, remorsos face ao passado, angústias frente ao futuro e nos recompensa apenas com a certeza da fragilidade diante do tamanho da obra a ser feita, com a percepção daimensidão do esforço a ser desempenhado, com a contraposição disso tudo às nossas deficiências – mas coroa-nos com a certeza de que, a despeito de tudo isso, o caminho é possível de ser percorrido.

Não é de espantar que tantos fujam do Conhecimento. Como diria Claudiano, “Vivitur exiguo melius”, ou seja, vive-se melhor na Mediocridade. A Mediocridade cria no homem a mesma sensação de completude que o Conhecimento abomina. A Mediocridade ilude com a sensação de obra acabada, de homem-acabado, que o Conhecimento repele. O Conhecimento traz responsabilidade e esta traz dor. A Mediocridade, filha da Conformação, é mãe da Desculpa, a perene Desculpa-do-Não-Sabia.

O problema é que, mesmo sem querer, agora você sabe... Você sabe dessa batalha incessante, na qual não poderá – nunca! e nun-

ca! - ficar neutro. Ou abrirá o peito ao Conhecimento - e sofrerá!
- Ou será mediocrementemente feliz, como herdeiro da Ignorância.

Lembrei dessa pequena alegoria em função de uma reportagem recentemente publicada na Revista Superinteressante de junho, intitulada “Alunos nota R\$ 10”. O subtítulo explicativo dizia: “A indústria dos trabalhos universitários comprados cresceu, se profissionalizou e se globalizou. Saiba como milhares se aproveitam dela e por que é difícil resolver esse problema”. Essa impressionante reportagem mostra, de forma clara, como milhares e milhares de universitários – pretensamente as pessoas mais “iluminadas” da sociedade, têm se autoenganado em sua formação, esquecido a luz e caminhado bobamente nas travas da ignorância, perdendo a preciosa oportunidade de construir um trabalho científico e se contentado com a farsa, mentirosa e tola, de comprar e apresentar um artigo, uma monografia, dissertação ou tese encomendados.

Só isso já é tão deprimente que bastaria pra fechar este artigo. Mas ando muito preocupado com o fato de que isso se multiplica na Educação Básica também. Esta semana, conversei com um feliz dono de *lan house* que se especializou em baixar trabalhos da *Internet* e “formatar” para os alunos ao preço de 2 reais a folha. Segundo ele, o negócio é deixar o material baixado com cara de “texto digitado” e não de “texto baixado”. E, segundo ele, os professores aceitam a farsa numa boa. Ele disse que muitos professores frequentam a *lan house* e sabem até quem são os alunos que compram os trabalhos, mas não ligam. Outra preciosa oportunidade de formação jogada fora!

O que gostaria de mostrar aqui é que essas “facilidades” da modernidade não são, na verdade, facilidades. Quando o assunto é conhecimento, não dá pra tomar “bomba” como se toma na academia, nem dá pra colocar uma prótese de silicone no miolo! Um menino que entra na academia e quer virar um “monstro musculoso” em dois meses, toma bomba, ingere tudo quanto é porcaria, alguns até injetam silicone industrial nos músculos. Se ele sobreviver, é possível que fique aparentemente musculoso, embora possa ficar estéril, impotente, com problemas cardíacos e morrer ainda na juventude. É um preço muito alto pra posar pra meia dúzia de fotos e ficar algumas horas se admirando no espelho. Mas, engana. E tem muita gente que entra nessa por ignorância.

Mas, quando o assunto é conhecimento, nem isso dá. Não dá pra enganar. Não adianta ter diploma. Se você é uma “anta”, basta abrir a boca que isso fica evidente. Conhecimento não se constrói com suplemento vitamínico. Uma formação sólida não se faz com pressa ou por falsificações. Não dá pra ser bom em alguma coisa (quando falamos de conhecimento) sem um árduo esforço. Isso é uma lei natural. Não dá pra fugir dela!

Então, vejo esses cursos de formação de professores às pressas, só pra fazer número no MEC. Horrorizo-me! Vejo como as licenciaturas estão ficando cada vez mais permissivas. Tudo agora se resolve na forma da choradeira e dos famosos trabalhos-que-não-dão-trabalho. Aqueles professores severos, que cobravam pra valer o conhecimento e a presença do aluno em sala estão fora de moda. A desculpa é, normalmente, que “não dá tempo”, mas a essa se agregam desculpas mais “pedagógicas” como “não existe uma forma só de educar” e “o que interessa é o que o aluno apresenta no final”. Seria esta a *contradição por excelência* da era digital: na era em que tudo é mais rápido de se resolver, não dá tempo pra se dar formação de verdade às pessoas, portanto qualquer porcaria virou coisa boa?! Até os vestibulares para as licenciaturas estão cada vez mais frouxos. Que espécie de professores serão formados? Que espécie de alunos esses professores formarão?

Os professores rígidos (não os idiotas ou pedantes: apenas os rígidos, os sérios, os que levam a coisa sem mesquinha e sem farsas) tem cada vez menos espaço nas escolas. São uma “velharia”. Aqueles que compreendem que conhecimento sólido exige esforço de verdade, que sem muito estudo e concentração e trabalho-árido-diário e suor e lágrimas não se chega lá, esses saíram de moda. A moda agora é ser “bonzinho”, até pra não levar um tiro!

Por outro lado, os próprios professores tem se contentado com muito pouco em relação a si mesmos. Com a desculpa, mais uma vez, do tempo que nunca sobra, nossos professores estudam cada vez menos, lêem cada vez menos, se ocupam cada vez menos de qualquer conhecimento que extrapole - mesmo que minimamente - suas obrigações de sala. E quando o assunto é aumentar o salário com uma titulação, tenho visto - com enorme assombro! - que aí se procuram os cursos do tipo pagou-passou, pós-graduações de final de semana (algumas delas de UM final de semana) e está tudo certo.

Se o salário aumentou, a gente nem tem vergonha de dizer que é especialista ou mestre ou doutor. Especialista em quê? Mestre em quê? Doutor em quê? Em “pegar atalhos”? Mais uma vez o “ter” suplantou o “ser”. Em educação, isso é um veneno mortal.

Isso não pode ser assim. Um professor tem que ter, em relação ao conhecimento, a mesma necessidade que tem em relação à água e ao ar! É outra lei natural. Ele precisa respirar conhecimento, beber conhecimento, sentir-se diariamente desejoso de conhecimento! Nada deveria ser capaz de afastar um professor de seu amor pelo conhecimento. Mas, o que fazer se, lá do ensino fundamental, ele já trouxe consigo a prática do “atalho”?

Creio que há um conto de fadas que pode salvar nossa educação: Chapeuzinho Vermelho. Se tão-somente as pessoas compreendessem que o Lobo-Mau mora no atalho! Pelo caminho mais longo sempre, professores e alunos! Pelo caminho mais longo sempre! Pode ser que ele seja mais comprido e demorado. Tenho certeza de que ele é mais doloroso e cansativo. Mas também é o único que, ao seu término, trazendo vitória ou derrota, garante um final honroso para quem o percorreu. Aqueles que preferirem o atalho, certamente encontrarão o Lobo Mau. E, quando o assunto é a construção de um conhecimento sólido, vigoroso, valioso e transformador, esse Lobo Mau pode também ser chamado de Mediocridade. E, atenção: se você foi pelo atalho e encontrou com esse Lobo-Mau, pode estar certo: ele vai devorar você, impiedosamente. Na verdade, pode ser que ele já esteja fazendo isso... É mesmo uma pena...

NÃO EXISTE “VIOLÊNCIA ESCOLAR”!

Nas últimas semanas, o Brasil ficou de boca aberta (será que ficou mesmo?) com uma repetição absurda de casos de violência dentro de escolas. Uma aluna de 15 anos que deu uma surra numa professora e quebrou a coluna cervical da pobrezinha, um aluno que deu um tiro na perna de uma colega, um aluno de escola de classe média-alta que passeou na escola uma semana com uma pistola na mochila, dois alunos que mataram um professor que os repreendeu, uma gangue que agrediu um professor que tentou inibir a venda de drogas nas dependências da escola... E a lista continua crescendo interminavelmente.

As reportagens de jornal impresso, *Internet* e TV trataram disso com uma ênfase enorme e chamaram isso de “violência escolar”. Essa é uma das abordagens mais ridículas e inconsequentes que já vi de um tema dessa relevância. Não existe “violência escolar”! A violência é uma só: social, emaranhada no nosso dia a dia, em cada casa, em cada empresa, em cada clube, em cada rua e beco. A violência é uma só: do homem contra seu semelhante, numa escalada absurda e fatal que conduz nosso país para a absoluta desesperança.

Será que alguém, em sã consciência, achava que a escola, um ambiente em que pessoas convivem por horas a fio a cada dia, ia ficar de fora do que acontece nos lares, nas ruas, em cada canto e recanto deste país? Será que alguém acreditava de verdade que a geração criada pela televisão, cujos pais a abandonaram pra ganhar a vida fora de casa, ia ficar imune a essa barbárie? Será que alguém realmente creu um dia que a escola possuía “barreiras mágicas” que manteriam tudo isso fora de seus portões? Ridículo!

A violência começa em casa, quase sempre: é a violência do abandono, da falta de limites, da pura falta de educação mesmo! Filhos que respondem grosseiramente a seus pais, filhos que chantageiam seus pais, filhos que espancam seus pais e vice-versa em todos os casos. Crianças criadas como animais selvagens, por pais despreparados e grotescos, que xingam seus filhos com todas as formas de insultos porque acham que têm direito sobre eles por lhes dar

comida e cama. Será que alguém aí acreditava que esse ódio entre pais e filhos ia ficar restrito às portas de casa? Claro que não! Ele se propaga como as raízes de um câncer nesse corpo infectado e já quase moribundo da sociedade brasileira. E não há como extirpá-lo dessa geração: já ocorreu metástase!

Aí esses meninos mal formados chegam à escola. Encontram uma escola podre, caindo aos pedaços, sem as mínimas condições de funcionamento, com professores desestimulados, mal pagos, sobrecarregados de trabalho e com a estúpida concepção de que não devem tocar em certos “temas delicados”. Moral e ética, responsabilidade pessoal e social, amor ao próximo, fraternidade são coisas que foram, há muito, substituídas pelas expressões de segundo grau e pelas funções sintáticas da palavra “que”! Então, sem qualquer antídoto para o veneno que trazem nas veias, esses meninos mal formados se juntam a mais algumas centenas de meninos mal formados e uma bomba de violência – que veio de fora! – explode dentro da escola. Aí, aquele professor que achava que não tinha nada a ver com aqueles “temas delicados”, que seu único dever era a estúpida informação científica, tem sua cervical quebrada ou leva um tiro na cabeça! Será que é tão difícil entender isso?! Será que é tão difícil perceber que se a escola não fornecer um antídoto para a violência social a família não o fará?

Digam-me, senhores leitores, onde estão os programas de educação familiar dos nossos governos? O mesmo pensamento inconsequente de pais que acham que dando comida não precisam dar educação se manifesta no governo, que acha que, dando bolsa família, resolveu os problemas sociais dessas famílias “beneficiadas”! Onde estão os programas de formação do lar, de planejamento familiar, de formação de pais (para ensinar a ensinar, para ensinar a serem pais!), de acompanhamento familiar por profissionais capacitados? Não há! Não há preocupação com o comportamento da família até que um casal de insanos jogue uma menina pela janela de um edifício de classe média qualquer! Aí, o país chora uma semana, mas depois esquece e volta tudo ao podre estado inicial.

Será que os governos e as escolas estão pensando que educar para a sociedade e para o futuro é problema exclusivo de quem? Das igrejas? Já ouvi algumas vezes de professores da educação básica, que “Filhos de família religiosa dão menos problema aqui na escola,

no geral. Existem exceções, mas no geral é assim”. Será mesmo? Uma vez uma professora me disse: “Acho que vou abrir uma igreja aqui na escola pra ver se *converto esses marginais!*”. Mas, será, caro leitor, que esse antídoto contra a violência social é responsabilidade das igrejas? Será que isso é um caso de “conversão”? Parece claro que não! Por que a própria escola não fornece esse antídoto?

Repare, caro leitor, o tamanho do absurdo que vivemos: enquanto o MEC está preocupado com os índices do IDEB, que leva em consideração apenas o conhecimento científico dos alunos, enquanto o MEC gasta milhões em campanhas públicas para aumentar o IDEB e dizer que está fazendo algo por nossas crianças e jovens, esses mesmos jovens estão matando professores e colegas dentro das escolas! O que é mais importante, pergunto enfaticamente: a vida ou o objeto direto da oração absoluta? Por favor, senhores “poderosos”, acordem de seu sono mórbido!

E as condições gerais da escola, então: o que dizer? Banco só funciona se tiver porta giratória com detector de metais, mas a escola funciona com um portão velho e o menino entra com uma espingarda calibre doze, cano cortado, dentro da mochila! Banco só pode funcionar, por lei, se tiver dois vigias, pelo menos, dentro da agência e a escola funciona sem vigia, sem polícia, sem nada! Banco funciona com sistema de câmeras de segurança em cada centímetro quadrado, mas a escola funciona sem segurança alguma e, quando alguém morre, quem informa o que aconteceu são as próprias crianças. Que beleza! Que manifestação inequívoca de prioridades!

Ora, ora, ora, senhores: não me venham, pois, falar de “violência escolar”! Isso não existe! Temos sim um tipo muito bem compreendido de violência social que se manifesta em nossas escolas violentadas, humilhadas, sucateadas e dolorosamente esquecidas. E nosso povo se limita a assistir o Fantástico no domingo à noite e se espantar por alguns minutos com os escabrosos casos de violência onde deveria haver compreensão, amor e esperança. Mas isso só por alguns minutos: depois, a televisão é desligada e a vida volta à mesma tola rotina de sempre! E os culpados? Bem, os culpados – a gente bem sabe - são sempre os outros...

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

ESPÉCIE EM EXTINÇÃO – PARTE I

A imprensa vive de surtos. Não só no Brasil, mas em todo o mundo, somos soterrados com a mesma notícia em todos os meios de comunicação, por dias a fio, até que ela perca força e interesse. Nas duas últimas semanas, além do “barraco” lá no Supremo, quando dois respeitáveis senhores resolveram bater-boca diante do país, a imprensa se ocupou do escândalo das passagens no Congresso Nacional (escândalo no Congresso Nacional? Nossa! Nunca vi isso antes...). Mas, no meio desses dois temas viróticos, apareceu, disfarçadamente, um que me chamou muito a atenção: primeiro, porque era a imprensa do horário nobre falando de educação, coisa meio rara ultimamente; segundo, porque as notícias confirmavam algo que eu já havia escrito algumas vezes anos atrás.

A notícia base a que me refiro é o fato de que existe uma infinidade de salas de aula na Bahia sem professores. “Infinidade”, aqui, não é modo de dizer: o governo baiano calcula o déficit em 80 mil docentes! Isso só na Bahia! Dados do Ministério da Educação, de três anos atrás, informavam um déficit de docentes no Brasil em 400 mil na época, com previsão de 700 mil para 2012. Tomando como base os cálculos atuais da Bahia, creio que a “previsão” chegou antes do que o previsto...

Mas, por que as prefeituras e governos estaduais não repõem os professores? Simples: não há professores pra repor. Enquanto os concursos para cargos administrativos dos governos e até pra lixeiro apresentam filas de milhares de candidatos, os concursos para professores terminam sem que as vagas oferecidas sejam preenchidas. Isso aconteceu recentemente lá no Estado de Rondônia, em diversos municípios, nos quais foram oferecidas vagas para as mais diversas disciplinas e muitas áreas sequer alcançou, nas inscrições, o número mínimo de candidatos esperado. Isso aconteceu e acontece na Bahia também, segundo relataram diversos prefeitos entrevistados. E, é claro, em todos os outros estados. Seria o professor uma espécie em extinção ou apenas um animal selvagem que está correndo pra dentro da mata em busca de mais alimento e, portanto fugindo das vistas do

povo? Acho que os dois. Os que existem estão mudando de área e os cursos de licenciatura, que formam professores, apresentam cada vez menos candidatos formados. Creio que devemos, aqui, considerar quatro coisas que, a meu ver, explicam a situação:

a. Salário – fica evidente que esse tal piso nacional de 900 reais não consegue atrair ninguém pra sala de aula; mal-e-mal corrige alguns absurdos praticados, especialmente em prefeituras do Nordeste, onde havia professores ganhando 70 reais por mês mais a complementação do salário mínimo. Mas, do ponto de vista profissional, fazer um curso superior pra ganhar 900 reais por mês não vale a pena enquanto um assistente legislativo do Congresso Nacional faz concurso para ganhar 11.700 reais e um fiscal de fazenda estadual ganha em média 10 mil reais, com o mesmo curso superior. Ridículo é pouco para uma situação como essa. A questão salarial do professor precisa ser enfrentada de forma mais rígida e, se necessário, o Governo Federal assumindo os salários que prefeituras e estados não conseguem pagar. É uma questão de prioridade;

b. Condições de trabalho – além dos salários baixos, as condições de trabalho nas escolas, em geral, são péssimas: falta tudo, desde uma boa sala de professores até os mais básicos equipamentos, o que inclui uma boa biblioteca, laboratórios, auditório, entre outras coisas, mas chega ao caos de não haver nem giz nem um pedaço de cartolina pra fazer um cartaz. Há escolas que não têm sequer banheiro (já mostrei isso aqui no portal)! Enquanto o assistente legislativo e o fiscal de fazenda (continuo com os mesmos exemplos) trabalham em salas refrigeradas com conforto e segurança, os professores têm medo de que os tetos de suas salas caiam sobre suas cabeças. Exagero? Que bom se fosse! Aconteceu numa cidadezinha aqui perto dia desses...;

c. Situação atual das crianças – além dos salários baixos e das péssimas condições de trabalho, não é novidade para ninguém que a destruição da estrutura familiar em nossa sociedade criou uma geração (vou ser bondoso aqui...) “difícil” de educar. Os alunos estão cada vez mais agressivos, desrespeitosos, desmotivados para a educação, preguiçosos, maliciosos e por aí vai. Todo mundo sabe disso, os futuros professores vêem isso em seus cursos de formação, quando são obrigados a fazer estágio supervisionado, e muitos desistem logo no estágio. Na semana passada, uma aluna da universidade

chegou até mim e disse: “Sabe, professor, eu até pensava em ser professora, mas com o que tenho visto no estágio, desisti mesmo! Acho que eu preferia fazer estágio no inferno pra educar os demônios do que voltar pra sala que eu estava acompanhando e ser professora daqueles monstros.” Uau! Que depoimento! A situação está “braba” mesmo. A moça ficou apavorada com o que viu! E a isso se soma a absoluta falta de segurança das escolas, que não têm detectores de metais (alunos entram com facas, pedaços de ferro, armas de fogo nas escolas), as salas não são monitoradas por câmeras e não há policiamento. Além disso, uma sociedade cada vez mais frouxa se torna cada vez mais permissiva com certas atitudes violentas que não poderiam ser minimamente toleradas;

d. Status da profissão – junte-se a tudo isso o fato de que a carreira do magistério é uma das que apresentam menor status social hoje em dia. Depois de décadas de “escolinhas de gozação” na televisão e de reportagens que mostraram que professores são pobres coitados, lascados e mal pagos, muitos até têm vergonha de se “confessar” professores. É como confessar um pecado. A quase absoluta desmoralização do magistério redundou em uma visão geral de que essa, definitivamente, é uma carreira que não vale a pena.

Quatro fatores muito fortes que concorrem para que as vagas de professores não sejam preenchidas e para que o déficit de professores em sala cresça diariamente. O que os governos estão fazendo? Bem, enquanto o Governo Federal tenta implantar o tal pífio piso salarial, governadores de estado entram na justiça contra o piso! Enquanto o Governo Federal manda dinheiro do FUNDEB (que, diga-se de passagem, tem um valor-aluno irreal e insustentável), alguns políticos locais roubam descaradamente esse dinheiro sem que nada de mais grave aconteça. Na semana passada, pra complicar ainda mais, recebi a notícia de que não apenas alguns políticos locais roubam dinheiro da educação, mas até alguns diretores de escola criaram gosto pela contravenção agora. Em um caso que me foi relatado, a diretora teria, supostamente, roubado 16 mil reais do dinheiro da escola que, agora, pra servir a merenda, fica pedindo donativos aos pais e “empréstimos de outras escolas”. E nada aconteceu. Sequer uma sindicância foi aberta pelo órgão responsável. E, pra completar, os professores da escola ficam caladinhos em seus cantos, temendo represálias em função de uma denúncia. Ou seja:

juntou a fome (da diretora) com a desnutrição moral (da escola) e o resultado é o caos. Pode? Bem, se for mesmo verdade, “podeu”...

Por essas e outras sou obrigado a concordar com a ideia de federalização da Educação Básica defendida pelo Senador Cristovam Buarque. Assim como temos o SUS, creio que precisaríamos ter algo como o “SUE” (“Sistema Único de Educação”...). Uma estrutura extremamente rígida e eficiente, com delegacias regionais e sistemas de fiscalização ágeis para averiguação e punição de responsáveis, assim como também ágeis para recompensar esforços bem-sucedidos de melhoria, um sistema que garantisse que toda escola brasileira fosse igual em qualidade, que todo professor fosse igualmente bem tratado e severamente cobrado e que os desmandos com o dinheiro da educação fossem, ao menos, controlados. Sinceramente, não acredito que certas prefeituras, com suas estruturas capengas e pessoais altamente desqualificados tenham condição de implantar uma educação de qualidade em sua região de atuação. Sei que essa ideia parece centralizadora e, até, ditatorial. Mas, abrindo aqui o coração, não consigo enxergar outra saída para um país tão... Tão... Tão... Tão “assim” como o Brasil.

UMA ESPÉCIE EM EXTINÇÃO – PARTE II

Na semana passada, falamos sobre o fato de que o Brasil saiu da “iminência de não ter” professores suficientes nas escolas para “a dura realidade de já não os ter”. Apresentei alguns aspectos que julgo relevantes nessa história, mas quero retomar aqui um dos que mais me têm chamado a atenção: as condições efetivas de trabalho dos docentes. Vou apresentar, a seguir, alguns casos recolhidos em 2008 e 2009 e, por favor, peço que ACREDITEM nos relatos: NÃO HÁ FICÇÃO AQUI!

Caso 1 – Minha esposa (que também é educadora) visita uma escola pública de educação infantil para um trabalho de inspeção. A escola trabalha com alunos a partir dos dois anos de idade. A professora da turma de 3 anos (isso mesmo: “a” professora, pois a fulana trabalha sozinha na sala) tem 30 alunos! O trabalho dela todos os dias: dar banho, trocar, alimentar, contar histórias, brincar educativamente, colocar para dormir, apartar brigas, ser conselheira pessoal, fazer o papel de mãe-substituta (em alguns casos, de única-mãe), eventualmente, catar piolhos, cortar unhas e ministrar remédios, fazer com que os meninos gostem de viver e tenham uma esperança de futuro, entre outras coisinhas... Com trinta meninos de 3 anos. Já se imaginou nessa situação, leitor? E pra ganhar quanto? Cerca de 550 reais por mês... Mas, a Prefeitura está “providenciando auxiliares”... Enquanto isso está lá “a tia e seus 30 filhotes”...

Caso 2 – Recebo um e-meio de uma professora de outro estado. Ela me conta que trabalha numa escola pública há alguns anos e que ganha cerca de 600 reais por mês. Detalhe: ela compra, para poder trabalhar, o papel em que roda as provas, as cartolinas dos cartazes, o giz que usa em sala, os materiais escolares de alguns alunos cujos pais não podem fornecer e que não chegam (os materiais) à escola da parte do governo. Ultimamente, os professores e alunos têm ajudado com dinheiro para comprar “temperos e misturas” da merenda escolar. O esposo da professora, segundo ela, tem reclamado muito, pois ele trabalha pra fazer a escola funcionar, uma vez que,

em alguns meses, ela precisa pedir dinheiro dele para comprar essas coisas. Seria um caso de “esposo amigo da escola”?

Caso 3 – Voltei a duas escolas rurais das muitas que visitei o ano passado. As duas continuam sem cozinha e sem banheiro. Os alunos continuam fazendo suas necessidades no mato (já que e as escolas continuam sem banheiro) e as duas professoras continuam fazendo a comida da escola em dois tijolos no pátio, com lenha no meio – um fogão à lenha muito rústico e improvisado (já que as escolas continuam sem cozinha). As professoras ainda estão sozinhas e, por isso, é, ao mesmo tempo, professora, secretária, faxineira, psicóloga, mãe-substituta, merendeira... E o que mais for preciso...

Caso 4 – Uma professora me escreveu um e-meio contando que na escola em que ela trabalha já foram – apreendidas pelos próprios professores! – diversas armas brancas e uma arma de fogo em poder de alunos. Não há qualquer controle de segurança. Os alunos entram a hora que querem na escola e nas salas, saem a hora que querem e carregam consigo qualquer tipo de coisas, muitas vezes à mostra, como um aluno que chegou, na semana passada, com um punhal enfiado na cinta, olhou para a professora e disse: “Acho bom a senhora ser boazinha comigo hoje...” e riu da cara da professora na frente da sala!

Caso 5 – Um ex-colega meu de faculdade – professor de português, como eu – trabalhava em uma escola pública no período noturno. Três alunos do ensino médio, que pertenciam a uma gangue local, praticamente não frequentavam as aulas, inclusive faltando nos dias de avaliação. Foram reprovados, obviamente. Eles procuraram o professor no intervalo e disseram que “ele pagaria caro pela reprovação dos três”. Na noite seguinte, quebraram o vidro do carro do professor, estacionado na calçada à frente da escola, e jogaram uma bomba incendiária dentro. Só sobrou a lataria do carro. O professor deu parte à polícia, que perguntou se ele tinha provas do que afirmava. O professor disse que tinha a lataria do carro que tinha sobrado. O policial disse que era pouco e que os três eram “de menor”, por isso ficava difícil fazer alguma coisa. O professor disse que, se a Polícia não ia fazer, ele sabia bem o que ia fazer. Pediu demissão e está trabalhando de auxiliar administrativo em uma grande empresa, ganhando o mesmo salário.

Caso 6 – Uma professora de uma escola pública do nordeste

me contou essa, também por emeio. Uma colega de escola, recém formada, menina nova, muito bonita, foi escalada para lecionar à noite para o ensino médio. Depois de alguns dias, começou a receber bilhetinhos maliciosos dos alunos. Uma noite, cansada dos bilhetinhos, e embora tivesse denunciado o caso ao diretor da escola, sem que providência alguma tenha sido tomada, ela resolveu falar abertamente na sala que não toleraria aquilo com ela. Naquela noite, depois da aula, no caminho para casa (que ela fazia a pé e de ônibus) foi agarrada por quatro alunos (ela os reconheceu), surrada e estuprada. Deu parte à polícia e até agora espera providências. Os alunos sequer foram expulsos da escola. A polícia diz que não tem, na cidade, nenhuma instituição que permita a detenção e a recuperação de menores (mas, havia dois maiores entre os “alunos”...). O resumo: nada foi feito, exceto pela professora, que abandonou a carreira e está à procura de novo emprego.

Caso 7 – Essa fiquei sabendo de “caso contado”, “de boca” e aconteceu aqui no Norte do Brasil. A diretora de uma escola “enfioi a mão” no dinheiro da merenda e dos projetos especiais. Uma das professoras da escola, corajosamente, denunciou a diretora no órgão responsável da secretaria estadual da educação. O responsável pelo órgão da secretaria era amigo da diretora (aliás, era bem por isso que a tal mulher era diretora: apadrinhamento político) e, a tal mulher ainda era apadrinhada de um certo deputado estadual muito influente. O resultado? Nada foi feito contra a diretora, mas a professora denunciante foi ameaçada e transferida compulsoriamente para a zona rural, como forma de “punição pela denúncia”. Ela resolveu procurar o secretário estadual de educação, na capital do estado. Não adiantou: a decisão do representante político local e o apadrinhamento do deputado estadual corrupto prevaleceram. A professora tentou recorrer a uma licença sem remuneração por dois anos (prevista em lei) como forma de não ser obrigada a ir para a área rural, uma vez que tem esposo e filhos na área urbana. A licença foi negada. A professora, desolada, pediu demissão e o esposo abriu para ela uma lojinha de roupas.

Estes sete casos reais bastam por ora. Seriam eles exceções num universo enorme de maravilhas e prazeres? Infelizmente não! São a praxe, a realidade de cada dia, com as pequenas nuances próprias de cada lugar. São o retrato fiel de nossa educação

cruel, a forma peculiar de “viver perigosamente” dos professores brasileiros. É difícil entender por que cada vez menos pessoas querem ser professores?

Os nossos alunos dos cursos universitários de formação de professores fazem estágio supervisionado. Eles vêem isso nas escolas que visitam, eles conhecem essa realidade antes de ingressar na carreira. A maioria deles, hoje, desiste do magistério no estágio supervisionado. A situação assustadora em que os professores atuais vivem, as condições precaríssimas de trabalho e segurança espantam qualquer cidadão que ainda tenha bom senso. Parece que sobram os desesperados (por um emprego), os doidos comuns (não enxergam a situação) e os doidos idealistas (que são duplamente doidos, como eu...) que ainda insistem em tentar fazer alguma coisa. Os outros casos de “insistência no magistério” são absolutamente inexplicáveis...

Sabe leitor, não adianta apenas aumentar os salários dos professores: essa condição animalizada de trabalho precisa ser corrigida! E, como disse no artigo anterior, creio que um grande número de municípios brasileiros não tem condição de fazer isso. Isso, a meu ver – e concordando com o Prof. Cristovam Buarque – demandaria uma “intervenção radical”, uma “federalização” da educação básica.

Pior: não vejo sindicatos de professores brigando por isso. Quando começa uma greve, a lista de reivindicações é enorme: tem duas páginas! Inclui tudo, inclusive as condições de trabalho. Aí, o governo acena com 10% de reajuste salarial e acaba a greve: todo mundo volta pra sala de aula pra não perder “o reajuste conseguido com tanta luta”? E o resto? 10 % em troca da dignidade do trabalho? 10 % pra calar a boca? Muito pouco! E as condições de trabalho? A gente precisa de salário condizente sim, mas são as condições de trabalho que nos matam – literalmente!

Enquanto essa revolução necessária não acontece, contentemo-nos em ir perdendo cada dia mais professores, muitos deles, excelentes profissionais esgotados frustrados, desalentados pelo que tiveram que sofrer nas escolas! Professores que, em um ato de perfeita sanidade mental, fogem da educação antes que seja tarde. Infelizmente, não sou eu o fatalista aqui: fatalista é nossa educação tal como está.

O UBUESCO E O CADA VEZ MAIS RARO...

Como de costume, essa semana estava conversando com minha princesinha de oito aninhos e de muita curiosidade. Ela queria que eu explicasse o que era “divisão”. Como se diz amante da Matemática, queria saber o que era essa tal de divisão que ela sabia fazer, mas não entendia o que era... Ataquei de professor de Português como minhas explicações por analogia:

- Oras, disse eu, é muuuuuito simples: divisão é separar um monte de coisas em montinhos menores, todos iguais. Quando eu falo que tenho 10 picolés e divido por 5 meninos, eu imagino que tenho um monte grande de coisas (10 coisas) e cada menino tem que receber um montinho com o mesmo tanto de picolés. Então eu faço um montinho pra cada menino e todos os montinhos têm que ser iguais. Por isso, dá 2 picolés pra cada menino. Maaaaaas, ainda pode sobrar, disse eu cheio de sabedoria. Veja esse exemplo dos picolés: se eu tivesse só 3 meninos, cada montinho de cada menino ia ficar com 3 picolés e ia sobrar um.

Aí foi a vez dela:

- E o que a gente faz com esse “um” que sobrou?

Papai de novo:

- Existem várias possibilidades. A mais comum seria dividir esse picolé em três pedaços iguais. Então, cada menino ficaria com 3 picolés e mais um pedaço do mesmo tamanho que os outros. Ainda assim, todos teriam montinhos iguais.

- É fácil, ela disse, e voltou a comer a comida do prato.

Mas, minha cabeça continuou pensando na pergunta dela... Minhas experiências recentes e desilusões com humanos me impeliaram a pensar. E, como dizia Pessoa, “pensar incomoda como andar na chuva”. Minhas dores recentes me machucavam ainda e me negavam a paz necessária para tanta falsidade matemática. Na verdade, havia respostas mais honestas, como: o mais esperto ou o mais forte ficaria com o picolé que sobrou... Ou com todos. Ou obrigaria os outros a comprar mais picolés pra ele. Ou venderia os picolés pros outros e não entregaria. Ou, ainda, fugiria com os picolés todos

antes que qualquer partilha fosse possível. Ou envenenaria o primeiro picolé de cada um dos outros para ficar com o resto. No fundo, a ideia que não me saía da cabeça é que o menino de pior caráter, o mais grotesco, o menos virtuoso se sobressairia na partilha e ficaria com a maior parte. E se acharia esperto por isso. E seria visto como esperto por quase todos os outros. Quem sabe, chegaria ser Senador, ou Presidente da República.

Depois desses devaneios que me intrigaram pelo resto do almoço, passei a pensar na primeira parte. E se eu tentasse dividir a humanidade em dois? Nunca daria dois montinhos iguais! Pensemos em tantos dois montinhos possíveis: bons e maus, honestos e desonestos, sinceros e falsos, os de caráter irrepreensível e os de caráter reprovável. Os primeiros montinhos são quase nada, os últimos uma imensidão! Um montinho e um montão em cada divisão: nada de igualdade, nada de equilíbrio! O conceito matemático que eu tinha ensinado pra minha filha, na maior das boas vontades, não funcionava na vida! O que eu tinha ensinado pra minha filha, afinal?! Matemática básica? Quase isso...

Parei pra pensar nesses dois “montinhos do caráter” (aliás, no montinho e no montão). Pensando, me dei conta de coisas pavorosas! Já falei sobre algumas em dois artigos passados, mas acho que ainda não é demais. Falemos, primeiramente, do **Indivíduo de Caráter Irrepreensível**. Nossa! Esse nome está muito grande! Vou recorrer a uma “sigla” pra não agravar a L.E.R. nos meus indicadores. Uma sigla, segundo o ilustríssimo gramático Domingos Paschoal Cegalla, em sua “Novíssima Gramática da Língua Portuguesa” é “a abreviatura formada com as letras iniciais das palavras de um nome ou título.” (p.72). E mais: “Eliminam-se, modernamente, os pontos abreviativos nas siglas, cuja finalidade, aliás, é de poupar tempo e espaço.” (idem). E eu adicionaria a definição: “e poupar os indicadores”. É assim que se formam siglas como IBAMA, USP, EMATER, etc. Então, isso didaticamente posto, adotarei aqui a sigla CI para me referir a esse tipo de sujeito, o **Indivíduo de Caráter**

Irrepreensível

O CI é cada vez mais raro de se encontrar, isso é óbvio. Sua raridade se tornou uma de suas mais evidentes características. É um

sujeito que prefere a morte à desonra. É um sujeito que tem um ideal e luta por ele. Tem palavra e a defende, sustentando-a mesmo em seu desfavor. Sabe pedir desculpas e não tem o hábito de dar desculpas. Ele simplesmente assume seus erros e seus defeitos de caráter, e procura consertá-los. Assim, o CI não é um sujeito sem defeitos, mas um sujeito cujos defeitos são por ele intensamente combatidos, no intuito de apresentar-se digno diante dos demais e de si mesmo. O CI não se incomoda em levar prejuízo, se isso for necessário pra manter seu norte, e se preocupa com os demais tanto quanto se preocupa consigo.

Por se preocupar com os demais, o CI não tem ânsia de poder. Se tem poder, o usa pra todos e por todos. Quando faz questão de ser ouvido, o faz em benefício de seus pares. Não conhece o egoísmo e desconhece qualquer forma de orgulho tolo. Sua vida é sua pregação. Sua obra é seu legado. Seu ombro, o mais querido. Suas palavras são pedras firmes em uma construção eterna.

Um CI é um ser precioso, que nos atrai naturalmente, por seu esplendor espontâneo e natural, seja ele pobre ou rico, tenha ele a estatura ou cor de pele que for, tenha ele nascido aqui ou em qualquer parte do mundo, ele simplesmente nos atrai pelo que é: um CI. E, por incrível que pareça na maioria das vezes, ele nem se dá conta disso, porque ser um CI faz parte dele tanto quanto estar vivo. Seu caráter e sua respiração se confundem em uma só coisa, e ele não vive sem o seu caráter assim como não vive sem respirar.

Mas, agora temos o montão. Tenho muita dificuldade em achar um nome que represente esse montão e tudo o que dele penso. Trata-se da maioria, uma imensidão de gente sem caráter, gente fraca, sem norte, que a gente aprendeu a ver como “gente comum”, mas que, no fundo, se deixa envolver e sujar por qualquer favor ou benefício mesquinho. São os espertalhões do mundo, gente de todas as raças, classes, níveis escolares. Uma verdadeira praga da humanidade. Penso, penso e nada me ocorre. Aí, lembrei de Alfred Jarry! Bingo! Ele tinha a resposta!

Jarry (1873-1907) foi um dos mais sagazes escritores e dramaturgos que a França produziu em toda sua história. Poucos homens foram capazes de retratar as mazelas do caráter humano com tanta nitidez e crueza como Jarry. E é dele que vem “Ubu Roi” (Ubu Rei, de 1896), um texto monumental que apresenta o ser humano despi-

do de toda e qualquer máscara, num reino de caracteres deformados, grotescos, doentios, egoístas, tolos, toscos, repreensíveis... Obeliscos! “Ubuesco” é um adjetivo tão forte, derivado do texto de Jarry, que diz tudo o que eu enxergo no “montão”. Ubuesco é um adjetivo tão forte que falar de “caráter ubuesco” é praticamente um contrasenso, pois o homem ubuesco é, na sua essência, um sem-caráter. Mas, quero preservar aqui a ideia do “caráter irrepreensível” e do “outro caráter”, o agora denominado por “mim” de *caráter ubuesco*. Recorrerei, então e novamente, a uma sigla pra me referir a esse tipo de gente, sigla que se deve ler: “**Indivíduo de Caráter Ubuesco**”: CU. Falemos um pouco sobre essa figura assustadoramente presente em nossas vidas.

A primeira e mais evidente característica do CU é a quantidade em que existe e se multiplica. E não deixa de ser importante notar as diversas formas em que atua. Sempre, onde se manifesta, é pra causar algum tipo de transtorno. Quando se sentoca é pra incomodar. Na verdade, o CU é muito interesseiro, um vendido da pior espécie. O negócio só está bom se o dele entrar. Entrou, ele está feliz. Se ele não ganhar nada, já quer melar tudo. A ideia é sempre tirar algum proveito, não interessa a que custo.

Para tirar proveito de toda e qualquer situação, o CU é sempre um sujo. Qualquer meio justifica o fim que ele pleiteia. Mas, como ele é um falso por natureza, o CU nunca assume que foi ele que fez a porcaria. Sempre foi o outro. O CU é um covarde por excelência. Apronta e vai se esconder. Prefere fazer tudo na surdina, por debaixo dos panos. E consegue se achar “inteligente” por isso. E, se por uma fatalidade, acabar produzindo alguma pista, a negará terminantemente. Basta a coisa apertar que ele se encolhe todo, tentando sair da reta, da encrenca e do agravo. Por isso mesmo, ele tem essa mania de viver no escuro. Ele tem por regra de vida que, sempre que puder, vai transferir a responsabilidade pra outro. Por isso, quando ele está pensando em fazer o mal, já está, também, pensando como se livrará das consequências. Ele colocará a culpa nem que seja numa criança ou até num cachorro!

Seu maior vício é mentir. O CU vive enganando os outros. Você pensa que ele vai fazer uma coisa e ele faz outra. É a mais pura verdade dizer que o CU não tem palavra. E, se produzir algum “ruído”, isso se perderá ao vento. De nada valerá o que ele diz ou

registra, pois ele não passa de um leviano! Tudo que produz se perde nas águas da vida ou no fundo de uma lixeira.

Pior é que, mesmo quando é pego com a “mão na massa” o CU, nega sua responsabilidade. É o rei das desculpas! As desculpas fazem parte de sua vida de forma tão impressionante, que ele usa desculpas até pra convencer a si mesmo de que aquilo que está fazendo é culpa de outro ou, em último caso, é algo justificável, bom e honesto. Ele está desgraçando sua vida e sabe disso, ele está prejudicando você em busca de benefícios pessoais e sabe disso, mas como o faz por interesses egoístas, começa a procurar defeitos em você que justifiquem o que ele lhe está fazendo. E isso é tão terrível que ele acaba acreditando nas próprias desculpas e mentiras. O CU é uma vítima de si mesmo, mas a culpa será sempre de outro. Assim, o CU não aceita ser acusado: ele é sempre o acusador!

O CU se considera o centro do mundo, sempre! Quando quer fazer as suas vontades, todo o resto do corpo social tem que esperar e abrir mão pra ele. Ele nunca aceita ser contrariado. Se o for, vai apelar! Se você insistir em contrariá-lo, ele vai tentar constranger você, expor você ao ridículo público, e vai, mesmo que momentaneamente, fazer isso. Se você insistir em contrariá-lo ainda mais, ele vai sujar você! Ele não admite a derrota. A última palavra terá que ser sempre a dele. E essa palavra nunca será “perdi”.

O CU é sempre notado onde estiver. Suas ações o denunciam. Mesmo o CU tímido um dia sai da toca e coloca as unhas de fora. Ah sai! As deformações de caráter o impelem a isso. A presença do CU é tão aterradora que, sem exagero, posso até dizer que dá pra senti-lo como que pelo “cheiro”. Talvez por isso a gente tenha aquelas expressões idiomáticas que dizem “Isso está cheirando a trapaça/ pica-retagem/ sem-vergonhice/ armação, etc.”. É isso mesmo: a trajetória do CU deixa um “cheiro” inegável e difícil de esquecer. Ele marca a nossa vida com um rastro difícil de apagar. Por isso é que a gente acaba ficando *ressabiado* com o CU. A gente olha pra ele e já sabe o que vai sair dali: coisa boa é que não é... E, o mais incrível, é que ele vai dizer, depois, que você é que é metido e não quer se misturar. Mas, a experiência fala mais alto: ferido uma vez, ferido pra sempre.

O CU, como disse, está em todo lugar: na igreja, na escola, na nossa família, no clube, no grupo de amigos. Sempre tem um por perto querendo tirar proveito, enganar, criar problemas. Sempre

tem um por perto armando, mentindo, fingindo, sujando o ambiente. Sempre tem um por perto pra se fazer notar e é de onde menos se espera que vem o tiro. Sempre tem um que se acha o mais esperto, que se pensa o mais inteligente, que acha que está por cima da cocada-preta só porque conseguiu uma vitória mesquinha aqui ou concretizar uma mutreta ali. Pobre CU! Tenho dó dele! Se tão-somente compreendesse o quanto isso vai lhe custar. Se apenas entendesse que não há esperteza contra a verdade, que não há vitória contra a retidão e que não há soberba que sobrepuje a humildade! Mas, em sua miséria, ele se acha o maioral... Não passa de um cego e pobre e nu... Uma figura ubuesca!

Enquanto a Matemática da escola não domina o **Mundo**, pra que tenhamos um equilíbrio em cada montinho, o dominará o homem-CU. E, num **Mundo** dominado por indivíduos ubuescos, cujas mazelas de caráter são consideradas virtudes e cujos fins justificam quaisquer meios, até a Educação, por mais que acreditemos nela, parece pouco pra limpar tanta sujeira. Mas, o que me parece mais aterrador é que, pra isso tudo, pra essa hercúlea tarefa de limpeza de caracteres, temos que contar com o cada vez mais raro homem-CI...

A VEZ DO PROFESSOR

Quero retomar aqui o tema da semana passada, em que pedi aos professores brasileiros atenção para a implementação da Resolução 02/09 CNE/CEB, aquela que reestrutura os planos de carreira dos professores.

Pra mim, essa Resolução é um marco importantíssimo na Educação Básica brasileira. Na verdade, é um retorno a algo que existiu há muito tempo e que, finalmente os mandatários da Educação brasileira parece estar enxergando: a centralidade dos professores no processo educacional.

Se nós voltarmos alguns séculos na educação, ou se formos ainda mais longe, até os educadores judaicos ou gregos, vamos ver que, naquele tempo o professor gozava de uma interessante e fundamental centralidade no processo. Platão e Aristóteles, por exemplo, ganham notoriedade quando se tornam mestres, tendo sido Platão discípulo de Sócrates e Aristóteles de Platão. Mas, quantos outros discípulos passaram por esses mestres sem notoriedade? Certamente muitos. E, não era apenas uma questão de notoriedade: na verdade, quem realmente tinha reconhecimento no processo era o professor. Assim foi com os educadores orientais, com os profetas judaicos, com o próprio Jesus. Os mestres eram o centro da história, e nem por isso deixaram de transformar o mundo com seus ensinamentos.

Essa prática de centralizar o professor no processo se perpetuou até o advento da chamada “Pedagogia Moderna”. Então, a Educação voltou o rosto do professor para os alunos. Criou-se toda uma “pedagogia do aluno” e se formou uma tradição de que o aluno é o centro do processo educacional. Em 2000, em um de meus livros, escrevi que isso estava errado e quase levei uns tapas de uma pedagoga... Mas, vamos nos ater a alguns aspectos que vão desde a formação do professor até a prática pedagógica de hoje, pra ver o que quero mostrar quando afirmo que essa “moderna tradição” está equivocada.

Os cursos de formação de professores só falam dos alunos. O futuro professor estuda quatro anos de conhecimentos e técnicas de como lidar com os futuros alunos. Mas, em momento algum do curso, se fala do próprio professor, de sua realização, de seu caráter, de

seus sonhos, de suas ideias sobre isso. Os futuros professores aprendem uma infinidade de coisas sobre os futuros alunos deles, mas aprendem muito pouco – ou nada – sobre si mesmos, inclusive sobre si mesmos como professores! Por isso, só vão se descobrir como professores quando já estão na escola. Aí pode ser tarde demais...

Quando eles vão pras escolas, são compelidos a viver toda uma vida em prol de seus alunos. Sua atenção, seu tempo, os cursos de aperfeiçoamento que fazem tudo é para os alunos, visando ao bem-estar dos alunos, pensando no futuro dos alunos. A escola, por sua vez, privilegia descaradamente os alunos: qualquer projeto que traga dinheiro pra escola é pros alunos. A sala dos professores, quando existe, é uma sala velha, com cadeiras velhas, sem armários individuais. Quando tem um computador, é um que sobrou de algum lugar, muitas vezes sem *Internet* e sem impressora. Não há local de estudo e descanso para os professores. Não há um sofá decente em que possam se sentar, jornais ou revistas atualizados para que leiam e, muitas vezes, sequer há um banheiro privativo ou um bebedouro. Tenho visitado escolas em que nem mesmo uma sala tosca existe para os professores. Mesmo isso sendo evidente, todos os recursos que a escola arrecada são aplicados em salas de informática, biblioteca, locais de lazer ou outras melhorias para os alunos. O professor está sempre em segundo plano.

Quando a escola vai desenvolver qualquer outra atividade, por outro lado, como um arraial, uma festa cultural ou qualquer outra atividade extracurricular, cobram-se a “responsabilidade” e o “compromisso” do professor com a Educação. Os professores têm que participar compulsoriamente e ainda têm que convencer os alunos que aquilo é importante e bom. Se a atividade rende algum dinheiro, ele será utilizado para benefício dos alunos.

Bem, isso parece lógico e correto. E, em certo ponto parece mesmo ser, afinal de contas a escola existe para formar os alunos. Mas, essas práticas partem de um pressuposto fundamental e cada vez mais errado: o pressuposto de que os professores estão felizes, satisfeitos, convencidos da sua importância no processo educacional e que, portanto, não precisam de mais nada. A escola trata o professor como aquele cara que, depois de trinta anos de casamento, sem nunca ter oferecido uma flor pra esposa ou dito que a amava, ainda declara que “se não a amasse não estava com ela.” Todo mundo sabe como isso é terrível! Ou seja, nossa prática pedagógica se fundamenta na existên-

cia de um pretenso “professor-feliz” que não existe mais – salvas as exceções, cada vez mais raras. E tudo, então, fracassa.

Para que a educação funcionasse nos termos em que é colocada hoje, precisaríamos de um professor plenamente satisfeito, que realmente se sentisse tão realizado como professor que pudesse dedicar todo seu tempo e todos os recursos da escola para os alunos, sem qualquer sensação de ser colocado de lado. Mais uma vez, esse professor está em falta. Pelo contrário, o que mais encontramos são professores tristes, frustrados, doentes, insatisfeitos com a escola e consigo.

A Resolução 02/09 CNE/CEB muda bastante o foco da coisa. Ao obrigar os sistemas a investir nos professores, não apenas em sua formação, mas em seu salário, nas condições de trabalho, na valorização da carreira do magistério e, inclusive, na prevenção de doenças de trabalho, ela mostra que investir no professor é, efetivamente, investir na qualidade da educação. É um raciocínio muito simples: como um professor infeliz pode formar um aluno feliz? Não dá. Mas, se a educação dispuser de muitos e muitos professores felizes, satisfeitos, realizados, esses mesmos professores darão aos alunos a atenção que lhes é devida e haverá muito mais chances de que o processo educacional seja bem-sucedido. Ou seja: um sistema educacional tem, em primeiro lugar, que pegar seu mais valioso patrimônio – seus professores – e dar a eles condições de trabalho tão boas que esses professores se sintam valorizados e felizes por serem educadores. A consequência direta disso é que esses professores felizes terão muito mais eficácia e muito mais prazer em direcionar todos os seus esforços e energias para tornar seus alunos igualmente felizes. Aí a educação funciona!

Os sistemas terão que entender que salário digno reajustado anualmente, sala de professores confortável e limpa, armário individual de professor, local de descanso para professor, um biscoitinho com suco no intervalo das aulas, uma biblioteca exclusiva para professores com livros de uso dos professores, disposição de computadores para professores com *Internet* e impressora, um bom banheiro privativo de uso dos professores, etc. e tal, não é luxo numa escola: é investimento em qualidade da educação. Essa é a grande lição, a meu ver, dessa Resolução.

É óbvio que a Resolução não prega “tudo ao professor, nada aos alunos”. Alegar isso é ridículo. A Resolução, ao contrário, mos-

tra de forma inequívoca, e pela primeira vez desde que eu estudo legislação educacional brasileira (e olha que faz tempo...), que a melhor forma de legar aos alunos o melhor que eles podem receber em termos educacionais, começa no investimento na qualidade de vida do professor.

Não dá mais pra supor a existência de um professor feliz. É preciso construir meios de fazer esse profissional se realizar e ser feliz. É necessário criar condições de trabalho não depressivas, não destrutivas. É preciso entender que um professor é um profissional que, no geral, conhece o mundo por um outro olhar, o olhar do conhecimento universitário. Ele conhece a importância de um veículo próprio, de um computador, de bons livros em casa, de umas boas férias. Ele, no geral, tem ideias consistentes a respeito do que seja oferecer a um profissional condições de trabalho dignas. Porém, a realidade do trabalho dele hoje nas escolas e as suas próprias condições de vida se chocam com tudo isso que ele conhece na teoria. O resultado, mais do que esperado, é a frustração, o desgosto, a doença. Precisamos acabar com isso. Finalmente, agora é a vez do professor.

Espero, de coração, que os próprios professores entendam a importância disso. E também que os senhores que mandam nos sistemas educacionais percebam que a tão buscada qualidade na educação só vira quando for devolvida ao professor sua posição central no processo educativo.

Esta Resolução, pra mim, é o princípio da realização de um sonho bem antigo: o sonho de ver nossos professores brasileiros tratados como “docentes” e não como “doentes”. Vamos ver se este sonho, finalmente, se torna uma realidade integral.

UMA LEI DENTRO DE NÓS

Uma das coisas que mais me agradam em viver na Amazônia, na fronteira brasileira, é que estou em um ambiente multicultural, cercado por indígenas, bolivianos, turistas que passam por aqui, etc., e, assim, podendo aprender de outros povos, outras visões de mundo, outras formas de resolver problemas. É comum, entre os habitantes aqui de Guajará-Mirim, ouvir as rádios bolivianas e assistir às TVs de além-fronteira. Trata-se de um país muito mais pobre e muito menos desenvolvido que o Brasil? Sim, do ponto de vista das estatísticas econômicas, mas de um país que tem formas encantadoras de lidar com suas deficiências e, sem dúvida alguma, um povo muito mais patriota que o nosso. Bem, mas esta semana, estava eu cá ao pé do meu radinho de pilha, companheiro velho de todas as noites, caçando rádios bolivianas, peruanas, chilenas, colombianas e outras tantas para ouvir, e dei uma parada em uma rádio boliviana em que um deputado do congresso nacional deles estava sendo entrevistado – uma pena que não anotei o nome do sujeito... Mas, o fato é que ele falava sobre educação.

De cara, o tal deputado reconheceu todas as deficiências da educação deles (só pra lembrar, recente levantamento internacional sobre educação na América Latina demonstrou que a qualidade da educação básica boliviana é melhor do que a da brasileira...). Ele reconheceu o estado precário das escolas, o baixo salário dos professores e as condições pouco adequadas fornecidas pelo governo em termos de material didático, merenda e uniformes, entre outras coisas.

Mas, ele também ressaltou que o governo boliviano está fazendo um esforço enorme para destinar, anualmente, 6% de toda a arrecadação nacional para a educação, o que deve ser reconhecido pela população como um grande avanço no sentido de construir uma educação melhor (só pra lembrar, no Brasil, o Governo Federal destina 18% da arrecadação e os governos estaduais e municipais destinam 25% de toda a arrecadação, fora o dinheiro do FUNDEB, que ultrapassa 50 bilhões de reais/ano... e sem falar que nossa arrecadação é muitas vezes superior à deles... e nossa educação ainda é pior do que a deles!!! CEF...).

Ele também falou que o país está elaborando uma nova lei geral de educação, tentando dar suporte ao trabalho transformador dos professores, assim como novos currículos que atualizarão a educação do país em relação aos outros países da América e do mundo (só pra lembrar, nossa moderníssima lei de educação nacional, a tal LDB é de 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais são de 1997-98, e nenhum dos dois ainda foi implantado a contento em nossos sistemas e escolas... afã...).

Mas, foi aí que ele disse aquilo que realmente, de verdade, no fundo do coração, me tocou e me chamou atenção: ele disse que uma lei nacional de educação não adianta muito, que não vale de nada, de fato, o país ter uma lei da educação, se não houver **“uma lei dentro de nós”** que nos diga que educar as novas gerações é a coisa mais importante que podemos fazer hoje. Essa lei tem que vigorar na família, na sociedade em geral, em cada cabeça, em cada esforço que possa ser desenvolvido na direção de construir um país mais justo e mais próspero a partir da educação de nossas crianças hoje. Eu me lembrei imediatamente daquela passagem bíblica em que o salmista Davi diz “Escondi a Tua Palavra no meu coração para não pecar contra Ti.” (Salmo 119:11). Que maravilha isso! Assim como uma pessoa que não quer errar deve ter o preceito que segue inserido em si, como parte integrante de si mesmo, “escondido no coração”, um país que deseja, um dia, ter uma educação que mereça esse nome precisa de um povo que tenha “uma lei de educação dentro de si”, lei que lhe diga como se faz educação, qual a responsabilidade de cada um, como construir um país mais justo e feliz.

O problema é que o povo brasileiro é, por essência, avesso a isso tudo. A lei que impera aqui é a lei da esperteza, a famosa “Lei de Gérson”. O sujeito anda de moto com o capacete no cotovelo, esperando ver o guarda pra enfiar o troço na cabeça! Uma anta! O capacete não protege o guarda, protege ele! Mas ele acha isso prova de esperteza... O cara faz um gato na energia ou na água, achando que é esperto, e com isso ferra todo o sistema, que produz energia mais cara e de pior qualidade, que distribui água mais cara e de pior qualidade. Assim, também, ele enche a cara e sai dirigindo, porque a fiscalização da lei seca diminuiu, achando que é o sujeito mais inteligente e esperto do mundo! Ele se mata e mata inocentes nessa presunção de esperteza! Da mesma forma, o eleitor “consciente” de

nosso país aceita qualquer tipo de agrado em troca de seu voto, mas ele aceita de todos os que oferecerem e depois não vota em nenhum, chamando isso também de “esperteza”, não levando em conta que sua moral, sua ética e sua palavra são reduzidas a lixo e que essas “coisinhas” fazem falta na vida da gente. É assim também que ele desperdiça, achando que isso é demonstração de poder e riqueza, ele fraudava o fisco achando que isso é demonstração de sabedoria, ele transfere suas responsabilidades para outros achando que isso é prova de inteligência, ele chega atrasado e põe a culpa no motorista do ônibus que obedeceu ao sinal vermelho – coisa que ele mesmo não faria –, compra um atestado médico falso pra apresentar no emprego e justificar aquele dia que ele faltou porque estava de ressaca do aniversário do cunhado, e assim seguimos por uma lista interminável de práticas cotidianas que demonstram que somos um povo complicado... Pra dizer o mínimo.

Por favor: pense no Brasil com um povo disciplinado. Não falo dos excessos da frieza germânica ou da paranoia japonesa pelo trabalho. Falo de um povo “minimamente disciplinado”, que carregue um mínimo de responsabilidade e amor verdadeiro por sua pátria no coração. Não esse jeito tipicamente brasileiro de amar, que faz aplaudir a seleção quando ela ganha e vaiar o time quando está perdendo, não esse jeito tipicamente brasileiro de votar em quem está na frente das pesquisas só pra dizer que não “perdeu” seu voto, não essa forma tipicamente brasileira de dizer que país bom são os Estados Unidos, porque lá é “primeiro mundo” e aqui é terceiro... Falo de pensar um Brasil em que as pessoas sejam minimamente disciplinadas por si mesmas, que respeitem minimamente a natureza, os outros, a nação. Confesso que começo a imaginar esse Brasil como uma verdadeira potência mundial e, aí minha imaginação trava tudo fica confuso, a lista de práticas cotidianas que citei acima invade minha mente e vejo o quanto, mas o QUANTO! Estamos distantes de ter um país assim.

Todo povo precisa ter “uma lei dentro de si” que o faça compreender que as transformações nascem em cada um, uma lei que faça cada cidadão se sentir responsável pelas coisas, que impeça a transferência de responsabilidades, que mostre que somos nós mesmos os que devemos educar as crianças para um mundo melhor, sejam elas nossos filhos ou não, que mostre que a cada um corres-

ponde sua parcela de culpa pelo estado atual de coisas, bem como uma parcela pessoal de responsabilidade, de esforço e de trabalho árduo e abnegado pela mudança.

Assim, teríamos universitários que não colariam nas provas, que não comprariam trabalhos nem os baixariam descaradamente da *Internet*, porque se sentiriam responsáveis por sua formação profissional como um meio de transformação do mundo. Assim, teríamos líderes religiosos que não enganariam que não usurpavam a confiança dos crentes, que não roubariam suas igrejas nem seus fiéis porque perceberiam que suas igrejas são instrumentos poderosos para o bem e se sentiriam responsáveis pela transformação do mundo. Assim, teríamos políticos honestos, trabalhadores e preocupados com a nação, ao invés da indescritível canalhada que governa esse país hoje, simplesmente pelo fato de que eles compreenderiam sua responsabilidade na transformação do mundo. Assim, teríamos pais e mães que não transfeririam suas responsabilidades na educação dos filhos para a escola, porque compreenderiam sua importância no processo formativo das crianças e na transformação do mundo. Assim, teríamos professores mais competentes e mais dedicados à construção de crianças transformadoras, por meio de práticas transformadoras em uma escola de transformações contantes, tão-somente porque compreenderiam sua responsabilidade como guias para a transformação do mundo. Assim, teríamos todo um corpo policial e um corpo jurídico honesto e comprometidos com a Justiça e com a verdade, teríamos industriais e comerciantes menos gananciosos e mais preocupados com a felicidade de seus empregados e colaboradores. Assim, também, teríamos banqueiros menos ávidos pelos lucros fáceis que advêm da manipulação do capital, e que se preocupariam um pouco mais com o próximo e se dariam conta de que suas empresas podem ser agências importantes de desenvolvimento, ao invés de, como hoje, ser agências de impensável enriquecimento pessoal. Assim, do mendigo ao Presidente da República, teríamos pessoas com “uma lei dentro de si” que apontaria para o bem comum, para a conservação do planeta, para a transformação da sociedade e para a felicidade de todos. Assim, teríamos menos gente dando desculpas esfarrapadas por não fazer a sua parte, e assumindo de forma corajosa sua responsabilidade pessoal nessa transformação tão necessária. Ah! Brasil, miserável país rico que vive de desculpas e de não - sabias!

Mas, essa boa “lei dentro de nós” não existe aqui. Existe parcialmente em outros lugares, mas no Brasil, está muito, muito longe de existir, sequer parcialmente. Aqui, o brio se perdeu, a compreensão das necessidades de todos foi substituída pela incompreensão das consequências de nossos atos egoístas e a transformação do mundo foi substituída pela necessidade doentia de transformação de nossa conta bancária. Conseguimos, como um país promissor, acolhedor, de gente criativa e com todas as virtudes possíveis, assimilar tudo o que não prestava dos povos que vieram pra cá, e com isso construir nossa própria forma torpe de ser. Conseguimos, enfim, construir um modelo exato de como um país não deve ser: injusto, com uma concentração de renda impensável, com governos corrompidos em todas as esferas e com um povo incrivelmente egoísta e preocupado consigo mesmo, em que cada um é quase que absolutamente ocupado com seu próprio umbigo, ao ponto de proporcionarmos ao mundo exemplos tão aterradores e vergonhosos como o dos indivíduos que roubaram e comercializaram os donativos enviados aos flagelados das cheias em Santa Catarina.

Nos falta essa “lei dentro de nós”, uma lei do bem, não a lei do cão. Uma lei autoimposta que diga de nossas possibilidades e de nossas responsabilidades pela transformação deste país e do mundo. Uma lei que nos obrigue a fazer o que é certo simplesmente porque é certo, independente das consequências. Uma lei que nos diga que o bem precisa prevalecer a qualquer custo. Como escreveu a grande escritora americana Ellen White, a mulher que mais livros publicou em toda a história da humanidade e cujos títulos estão traduzidos na maior quantidade de línguas em todo o mundo, ficando atrás, apenas, da Bíblia Sagrada em número de traduções:

A maior necessidade do mundo é a de homens - homens que se não comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao pólo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus. (*Educação*, págs. 56 e 57)

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

O DESENVOLVIMENTO SUFICIENTE: em casa

*“Não te fatigues para enriqueceres; e não apliques nisso a tua sabedoria.”
(Provérbios 23:4)*

Nesta e nas três semanas subsequentes vou tratar do tema que será um dos pilares de tudo o que pretendo escrever neste ano: o conceito de **desenvolvimento suficiente** e suas consequências no nosso cotidiano. Já tratei de desenvolvimento suficiente no ano passado, de forma superficial em dois ou três artigos, mas vou retomar a coisa agora de forma mais exaustiva. Vamos lá, então.

Durante toda minha vida, aprendi um conceito de crescimento (que se confunde com o conceito corrente de desenvolvimento, inclusive a farsa do desenvolvimento sustentável) que é marcado pela insaciabilidade humana. Segundo esse conceito, o desenvolvimento econômico, industrial, urbano, etc., etc., é um processo infinito. Como sabemos, vivemos num mundo de recursos finitos, a começar de sua capacidade “volumétrica”. Crescer indefinidamente não combina com viver num mundo de recursos finitos. Pior do que isso é que esse tal crescimento, que vou chamar aqui de “crescimento inconsequente” (ou crescimento insaciável) se fundamenta e se relaciona muito mais com os recursos materiais (carros, casas, dinheiro, roupa, joias, etc.) do que no ser humano (intelecto, felicidade, amor, solidariedade, etc.). Assim, um imbecil com uma grande conta bancária é um “homem desenvolvido”, um bom genro pra qualquer sogra; assim, também, um executivo imoral que consegue fazer com que sua empresa aumente os valores de suas ações na bolsa é um “bom executivo”; da mesma forma, um pai ausente e infiel para com sua família será tido como um “bom e respeitável pai” se a esposa tiver um carro zero e roupas chiques, os filhos tiverem celular, MP4, 5, 6, 7..., computador e roupa de griffe, por exemplo.

Por esse caminho, ao longo de toda minha infância e juventude e por grande parte de minha vida adulta, eu acreditei que um país que cresce indefinidamente a altas taxas anuais é um país melhor do

que aquele que cresce pouco. Acreditei, também, que o homem que trabalha de madrugada a madrugada, ausente de sua família, esquecendo a própria saúde e seus relacionamentos, mas que ganha muito dinheiro é um “homem digno de imitação e respeitável”. Pra falar a verdade, durante muito tempo eu pratiquei esse conceito. O objetivo era a conta bancária recheada e os bens de consumo disponíveis pra família. Eu me achava um “bom pai” e um “bom profissional”. Foi quando eu me deparei com a ideia de desenvolvimento suficiente.

Desenvolvimento suficiente é aquele em que o que se busca é o equilíbrio entre as necessidades humanas e as condições gerais do planeta, buscando gerar o conforto material necessário, mas, especialmente, o desenvolvimento do ente humano, que se manifesta de forma mais clara por seu estado geral de saúde e felicidade. Como se vê, o desenvolvimento suficiente abomina o desenvolvimento inconsequente. Por este, sugamos o planeta e a nós mesmos até a extinção em troca de “dinheiro”. Pelo desenvolvimento suficiente, nos damos conta quando alcançamos condições suficientes de vida e nos contentamos com elas, passando a nos dedicar mais a nós mesmos como seres humanos. Optar pelo desenvolvimento inconsequente é correr a passos largos em busca da nossa destruição. É o que o mundo tem feito de forma absurdamente aplicada e eficiente desde a revolução industrial, talvez um pouco antes. Optar pelo desenvolvimento suficiente é ser capaz de perceber que, em certos aspectos, não precisamos sugar mais o planeta.

Uma das críticas à ideia de desenvolvimento suficiente diz que esta é uma concepção “conformista”. Esta crítica me desculpe a sinceridade, é ridícula e imatura. O conformismo diz respeito ao desenvolvimento humano. O cara não quer mais aprender, crescer como ser humano, é conformista. O conceito de desenvolvimento suficiente, ao contrário, prega que os aspectos intelectual, emocional, social, espiritual, da saúde, etc. do ser humano devem ser explorados infinitamente. Mas, para que isso seja possível, é necessário que haja tempo e dedicação mais ao humano que ao material. E é necessária a saúde geral do planeta. Além disso, é preciso que os padrões suficientes de desenvolvimento sejam válidos e acessíveis para todos os seres humanos. Isso não se faz com confisco estatal, ao modo comunista. Isso se faz por meio de educação. Assim, assumir o conceito de desenvolvimento suficiente significa aplicar toda nos-

sa inteligência ao desenvolvimento e à socialização de bens inteligentes e não poluidores, de curas e alimentos, de meios de produção mais equilibrados, etc., e - o que é essencial ao conceito!- nunca fazendo isso visando ao dinheiro, mas visando à felicidade humana.

Quando aplicamos o conceito de desenvolvimento suficiente em casa, muitas coisas mudam. O pai (e a mãe) se dá conta de que sua renda mensal, seu carro, os bens de consumo, a própria casa oferecem um nível de conforto e saúde geral suficientes para ele e a família. Ele para de correr atrás de dinheiro feito um retardado-econômico e começa a usufruir o que tem com seus entes queridos. Ele é capaz de dizer: “Cheguei a um bom lugar e isso me basta. Agora que tal ser feliz?”. Mais do que isso, ele é capaz de enxergar que a gente chega a um “bom lugar” muito antes de ser milionário. A partir desse momento, ele passa a investir em relacionamentos, amor familiar, solidariedade, desenvolvimento intelectual, e tudo mais que se relaciona a ele e às pessoas que o cercam. Da mesma forma, ele para de infernar a vida de sua esposa (ou esposo, no caso da mulher) e de seus filhos com a ideia de que o homem feliz é o homem rico e que o objetivo da vida é acumular bens. Ele para de infernar seus filhos com a ideia absurda de que “têm que estudar pra ser alguém na vida”, porque ele agora sabe que seus filhos já são alguém na vida, apenas por existirem como seres humanos, e mais do que ter filhos ricos, ele pretende ter filhos felizes. Mais do que isso, ainda, ele passa a investir em ações sócioequalizadoras, pois ele sabe que não adianta ele ter as condições suficientes de vida, se seu vizinho é um miserável. Finalmente, ele compreende que tem uma responsabilidade com a educação como um todo, pois esse é o único meio existente para se fazer com que toda a sociedade compreenda a importância desse conceito e atue nessa direção. Por isso, ele começa educando sua família e, sempre que pode as pessoas com as quais se relaciona.

Quando assume o conceito de desenvolvimento suficiente, a pessoa muda seu foco existencial. Ela compreende, sim! – porque não se tornou uma idiota idealista – que precisa de dinheiro e boas condições materiais de vida, mas ela compreende, também, que os limites que permitem essas condições ideais de vida estão muito abaixo do que a sociedade nos faz crer. Ela começa a compreender que não precisa reformar sua casa todo ano, trocar de carro todo ano,

trocar de celular, câmera digital, televisor, geladeira, fogão, etc., a cada novo lançamento que ela vê na TV. Ele começa a compreender que não é preciso comprar toda e qualquer bugiganga anunciada nos canais de venda. Em outras, palavras, embora tenha dinheiro, ela aprendeu a mais difícil de todas as lições do homem pós-moderno com recursos: controlar-se.

Mas, essa pessoa também começa a compreender que sua saúde precisa de cuidados. Por isso, ela descansa mais, pratica exercícios regulares, se alimenta melhor. Essa “nova pessoa” também começa a entender que a sua própria felicidade depende da felicidade dos outros, especialmente daqueles que lhe são próximos. Assim, se for um homem, por exemplo, ele, pela primeira vez na vida, percebe que fazendo sua esposa ser feliz, ela o fará ser mais feliz. Ou seja, que o relacionamento familiar é baseado no altruísmo e não no egoísmo. Dessa forma, ao invés de uma escrava-sexual-lavadora-de-cuecas, agora ele opta por ajudar sua esposa a ser uma mulher intelectual e emocionalmente mais preparada, com saúde, com tempo pra si e pras outras pessoas da família, enfim, mais feliz. Finalmente esse sujeito começa a compreender que dizer “eu te amo” pra sua esposa não é uma formalidade, mas uma necessidade. Só aí esse “novo homem” vai entender como é bom ter uma esposa feliz em casa, e que essa felicidade não é conquistada dando a ela um carro último tipo... Céus! Quando as pessoas vão compreender que não são carros, casas e badulaques tecnológicos que nos fazem ser felizes?!!! Bem, todo esse processo vale no vice-versa e no versa-vice.

Optar por um conceito de desenvolvimento suficiente em nossa casa implica, portanto, ser capaz de descobrir quando o que temos nos bastará, mas, além disso, implica investir mais nos aspectos humanos de nossa existência.

Essa semana, conversando com um sujeito que eu não conhecia, ouvi a seguinte frase da parte dele: “Nunca pensei que um dia eu chegaria aonde cheguei.” Ele se referia aos seus bens: carro casa com piscina, moto... Então ele arrematou: “Mas ainda tenho muita coisa pra conquistar.” Ele se referia, novamente, a um novo carro, uma nova casa, uma nova moto... Toda uma existência dedicada ao “ter”, deixando o “ser” em segundo plano... Que desastre! Então, sou obrigado a perguntar: de que vale o “ter”, se sequer somos felizes ou intelectualmente maduros o bastante pra usufruir o que

temos, ou se não temos com quem compartilhar o que conquistamos de material na vida? Quantos vivem assim no mundo hoje? Quase todos... As consequências desse número assustador de “possuidores de coisas” estão nas condições de vida das cidades, nos congestionamentos, na violência, na destruição generalizada do planeta.

Por exemplo, cabe ver que o “ter” é o mote do ladrão: ele troca o “ser digno” pelo “ter indigno”. E se acha esperto com isso! Só não é capaz de enxergar que o “ter indigno” é efêmero; só o “ser digno” é atemporal. Ele age igual a alguns políticos, juízes, policiais, fiscais de fazenda, comerciantes, diretores de escola e universidade, alunos que colam nas provas e copiam trabalhos da *Internet* pra “ter” uma nota, etc., etc., etc., que a gente ouve falar por aí... Preferem ter indignamente do que ser dignos. Se nos preocupássemos mais em “ser”, certamente a coisa melhoraria um bocado. E isso deveria começar em casa, do pai e da mãe pros filhos, num processo educativo incessante, intenso, amável, existencial.

Na próxima semana vou mostrar como esse conceito de desenvolvimento suficiente tem a ver com nossos relacionamentos. Até lá.

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

ALGUMAS COISAS, NÃO DÁ PRA IGNORAR...

Faz algumas décadas que me dedico aos estudos da religião. Todas me interessam. Todas elas me fascinam e trazem lições importantes para a humanidade. Cada uma a seu modo, por meio de suas doutrinas e crenças mais íntimas, apresenta uma visão dos fatos do universo que permite aprender algo, seja pela via da aceitação, seja pela via da negação.

Mas de uns tempos pra cá, algumas coisas têm me chamado especial atenção e quero compartilhá-las com meus leitores hoje, da forma mais respeitosa possível, no mais puro intuito de compreender. E acho que vou precisar da ajuda das placas, das cartas, dos universitários e da plateia...

Em primeiro lugar, é inegável que o mundo todo sofre, hoje, uma onda de mistificação. Nunca como antes na história moderna, temos agora uma inegável preocupação com as coisas da religião e das crenças no sobrenatural. O tema invadiu a televisão, as bibliotecas, as bancas de jornal, a *Internet*. Mesmo canais fechados de cunho reconhecidamente científico estão dedicando horas a fio ao estudo de temas que se ligam ao sobrenatural. Canais como Discovery, National Geographic e History têm apresentado, insistentemente, séries que tratam da questão alienígena e do tema de 2012, por exemplo. Entram na lista programas específicos sobre Jesus, os pecados capitais, aparições e dotes paranormais e criaturas míticas como o lobisomem, os vampiros e o Pé Grande. Além desses, uma série quase infindável de programas sobre fantasmas e assombrações, mistérios da Bíblia e crenças místicas das culturas antigas, entre tantos outros que ocupam parte significativa da programação de canais que, até pouco tempo, apresentavam documentários de vida natural quase todo o tempo. E não se trata de programinhas de estúdio, mas de séries caras, que demandaram investimento expressivo. Isso não parece nada desprezível, mas o sintoma claro de alguma coisa.

Quando nos voltamos para a questão religiosa em si, lembramos que, no Ocidente, já há alguns séculos, tem-se uma divisão tripartite bem nítida, a despeito de variações no mesmo tema. Te-

mos os católicos romanos em suas diversas vertentes, os protestantes idem e os espíritas da mesma forma. São doutrinas bem distintas, em princípio, com algumas coisas em comum entre uma e outra. Mas, o fato é que os temas centrais de cada conjunto doutrinário sempre se distinguiram claramente. E vou tomar aqui, para mostrar isso, o que mais me chamou a atenção na elaboração deste artigo, ou seja, a profecia de uma possível segunda volta de Cristo à Terra como cerne da discussão, pois isso é o que está realmente pegando ultimamente.

Para os católicos romanos tradicionalistas, a questão da segunda volta de Cristo à Terra não era um ponto central. A intercessão sacerdotal, especialmente a papal, a eucaristia e a intercessão mariana sempre foram questões mais proeminentes nessa religião. Isso tem uma razão muito clara na doutrina, uma vez que, segundo a visão católica do universo, muitas coisas se resolvem na morte. Ao morrer, a alma do sujeito vai para o paraíso, para o inferno ou para o purgatório, e isso resolve as coisas para ele. Isso fica claríssimo na bula papal *Spe Salvi*, de Bento XVI, que tive o privilégio de estudar em detalhes. É um documento e tanto para discussões teológicas infundas. Mas isso não vem ao caso agora. O que vem ao caso é que, com uma doutrina em que a morte define destinos, a ideia de um julgamento final com todos os homens de todas as gerações, depois de uma volta gloriosa do Filho de Deus, etc., não faz muito sentido. Afinal, isso já está pronto após a morte de cada um. Entretanto, a despeito desse caráter central da doutrina católica, de umas décadas pra cá, a pregação de uma enorme parte da igreja de Roma, dos sacerdotes que vemos na televisão a cada dia, por exemplo, tem focado, de maneira muito enfática, justamente a segunda volta de Jesus à Terra, pregada como iminente, próxima, real.

Os espíritas, por sua vez, têm, em sua doutrina, um traço que os assemelha, de certa forma, aos católicos, uma vez que a morte também resolve as coisas. Mas, no caso dos espíritas, não uma morte apenas: várias. Para as visões espíritas mais tradicionais, doutrinariamente falando, uma segunda volta de Cristo à Terra não tem muito sentido também, afinal, quando as pessoas morrem, já estão julgadas e vão para esferas evolutivas distintas em função de suas obras efetuadas em sua última vida na terra e, depois, reencarnam de forma melhor ou pior a cada ciclo, dependendo de seu merecimento. Inclusive, para certas versões do espiritismo tradicional, Cristo não

era Filho de Deus, mas um homem iluminado que estaria, aliás, em esfera evolutiva mais baixa do que outros homens igualmente iluminados que, por sua vida exemplar, teriam já alcançado uma evolução superior à do Homem de Nazaré. Como se vê, a ideia de uma volta gloriosa de Jesus para julgar a humanidade não tem muito sentido se comparada a uma doutrina com tal conformação. Entretanto, de algumas décadas para cá, tenho visto e ouvido uma versão espírita, denominada de espiritismo cristão, que mais modernamente, se dedica à pregação da pessoa de Cristo, em muitos casos o aceita como Filho de Deus e chega à proclamação de uma iminente segunda volta de Jesus à Terra, para colocar as coisas em ordem. Do ponto de vista meramente doutrinário e um espiritismo castiço, é difícil de entender, mas é o que ocorre.

Finalmente, aparecem os protestantes, que não veem a morte como uma solução para as coisas. Para a maioria das igrejas protestante, a morte leva ao túmulo e nada mais. A vida volta a Deus que a deu, o corpo volta ao pó e, se haverá algum julgamento final, ele se dará por ocasião da segunda vinda de Cristo à Terra, quando os mortos, para receber a paga por seus atos, deverão ser ressuscitados. Não é sem razão que a volta de Jesus é a pedra de toque das doutrinas protestantes e, algumas chegam a fazer disso seu nome, como é o caso das diversas religiões chamadas “adventistas”, o que significa as que têm como missão a pregação do segundo o iminente advento de Cristo ao nosso mundo. Assim, em uma doutrina para a qual a morte não resolve nada, apenas define o fim das possibilidades de mudança, uma volta gloriosa de Cristo à Terra, para julgar a todos, salvar uns e condenar outros, faz todo sentido. Há algumas diferenças, como por exemplo, na doutrina dos chamados Testemunhas de Jeová, para quem Jesus já voltou à Terra em 1914 e foi visto pelos “olhos do espírito” de alguns. Mas, de toda forma, ainda assim Ele teria voltado. Para outros, que creem no arrebatamento secreto, como a maioria dos chamados neopentecostais, a volta de Cristo também não se descarta. Ou seja, tirando-se a questão de variações no mesmo tema, os protestantes insistem na ideia de uma segunda volta de Cristo à Terra para corrigir rumos da humanidade.

Mas, se ficasse por aí, eu até não ficaria muito surpreso. Afinal, o catolicismo faz uso da Bíblia e os espíritas cristãos, embora tenham um evangelho próprio, também fazem uso da Bíblia. Consi-

derando-se que a Bíblia cristã toca no assunto de uma segunda volta de Cristo à Terra 1.845 vezes (sim, já contaram isso!), seria natural que, mais dia menos dia, a ideia fosse incorporada às religiões cristãs. Mas, tem coisas que não dá pra ignorar.

A primeira delas é a recente aproximação amorosa de grande parte da Ciência com esse cristianismo do advento. São muitas as declarações de igrejas cristãs acerca das compatibilidades entre a ciência moderna e a teologia cristã, embora exista uma divergência ainda meio forte em relação à questão das origens, que engloba a discussão da criação e/ou da evolução. Mas, o contrário era raro. Era... Há, por exemplo, estudos científicos sérios de Astronomia que ligam aspectos físicos da constelação de Órion à segunda vinda de Cristo à Terra (cf. *Maravilhas da Ciência*, de Julio Minham, publicado pela Associação Brasileira de Astronomia). Há outros estudos, de cientistas importantes e nada desprezíveis, das áreas da Sociologia, da Antropologia, da Biologia e da Geografia (pra falar dos que conheço) que fazem a mesma ligação entre fatos científicos, a Bíblia, Deus, a criação e chegam ao tema da volta de Cristo, especialmente entre cientistas norte-americanos. Isso tem me parecido dessas coisas que merecem atenção...

Poderíamos, por outro lado, tocar na chamada *Ciência Cristã*, que não é “tão novidade”, já que data do início do século XX. Autodefinida em seu site oficial como “*a ciência do Cristianismo, a aplicação prática de ideias cristãs na vida diária. É tanto um ensino religioso como um sistema de cura fundado sobre as verdades universais da Bíblia 'um Deus infinito que é todo-poderoso e todo bom, e o terno e compassivo amor do Cristo, que cura e restaura a mente e o corpo, trazendo saúde e inteireza.*” Mary Baker Eddy, sua fundadora, foi, em 2002, reconhecida pelo Congresso dos Estados Unidos, assim como a Biblioteca Mary Baker Eddy, para o Bem da Humanidade por sua contribuição à sociedade. O que pega é que, embora essa vertente religiosa de ciência seja mais focada para a saúde e não para questões teológicas como uma segunda volta de Jesus, até eles têm insistido no tema da intervenção divina na Terra.

Mas, um outro fato recente foi, para mim, a gota d'água no assunto e me motivou essa discussão nestes termos. Vamos falar um pouco aqui de Giorgio Bongiovanni. Trata-se do paranormal mais conhecido no mundo hoje. É o tipo de sujeito no qual se deve pres-

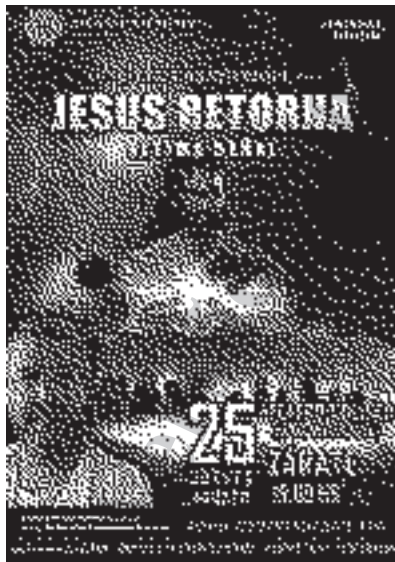
tar atenção. Você pode até achar que ele é um farsante, mas não se iluda: se for, não é um farsante qualquer. É um sujeito que conta com os favores da Igreja Romana – trata-se de um estigmatizado reconhecido - e de governos importantes como os da Rússia e dos Estados Unidos, pra começar. Conta com os bons olhos de militares e pessoas influentes de diversos países. Viaja o mundo todo a convite, sendo ouvido aqui e ali, e aconselhando governos e pessoas importantes. Sua biografia é simplesmente impressionante em termos de atuação e influência em meio a igrejas, doutrinas, governos. Seu campo de influência é quase mundial. Mas, o que me chama a atenção acerca desse sujeito é que, acima de tudo, ele parece ser um ufólogo. Toda sua experiência paranormal se dá por meio do que ele afirma serem contatos com seres extraterrestres, bilhões de anos à nossa frente em desenvolvimento tecnológico e moral, grandemente preocupados com nosso futuro. Aliás, trato especificamente aqui de uma entrevista que ele concedeu recentemente à revista UFO brasileira, o mais importante canal de discussão de assuntos ufológicos do país. Oras, não é preciso dizer que a revista UFO e sua equipe, e que os ufólogos em geral, preocupadíssimos em fazer com que seu trabalho seja reconhecido como científico, não têm nada a ver com doutrinas religiosas e com a segunda volta de Jesus. Mas, - eu fiquei e ainda estou pasmado! – o ponto alto da entrevista é – adivinhe... Isso mesmo! – a segunda volta de Jesus à Terra! Agora, a segunda volta de Jesus à Terra é tema de discussões paranormais e de ufólogos, na mais importante revista de ufologia do Brasil! Dificílimo entender... Mas, vamos aos fatos:

Segundo Bongiovanni, para quem os anjos descritos na Bíblia são os mesmos seres extraterrestres que nos visitam hoje, ele teria sido expressamente orientado por esses ET's a pregar a iminente segunda volta do Filho de Deus à Terra. Em sua entrevista à UFO, ele declara, textualmente:

Refiro-me à chegada de um ser astral e de muitos outros seres de luz que haverão de apresentar-se e falar ao mundo... Então, naquele momento, todos baterão no peito para dizer “mea culpa, mea culpa”. Ao vê-los, muitos poderão achar que são deuses. No entanto, são nossos irmãos maiores anunciando a chegada do Filho de Deus.

Olha, leitor, sinceramente, eu não sei se você acha isso normal, ou que eu estou aumentando o caldo do feijão, mas, pra mim, isso é

daquelas coisas que simplesmente não dá pra ignorar. Quando, em minha vida, eu ia achar que leria uma coisa assim na revista UFO?! Nunca! Mais do que isso, Bongiovanni, como místico (?), paranormal (?), ufólogo (?), profeta (?) etc. (???), tem viajado o mundo pra pregar a segunda volta de Jesus. Em uma de suas páginas na *Internet* (www.unpuntoenelinfinito.com), aparece a programação de suas pregações e os cartazes de anúncio. Um deles é esse que copiei abaixo (Bongiovanni é o sujeito de baixo...):



Sincerissimamente, se eu visse esse cartaz em qualquer parede da minha cidade, imediatamente pensaria que se trata de material evangélico, de algum pastor itinerante desses que viajam o Brasil em séries de conferências e batismos.

Não bastassem os ufólogos, não poderia deixar de tocar no fato de que, recentemente, que tem se aproximado incrivelmente de Jesus é o Dalai Lama. Depois de escrever um livro para mostrar a proximidade das ideias de Jesus (como descritas nos evangelhos) com as ideias do budismo, ele declarou, em solenidade noticiada pela Folha de São Paulo que, Jesus provavelmente, foi uma das manifestações de Buda (vale lembrar que o budismo se aproxima

doutrinariamente, em muitos aspectos, do espiritismo ocidental, ou vice-versa). Isso, portanto, não permite descartar uma reaparição do Grande Mestre judeu.

Poderíamos alegar que isso tudo é efeito do chamado “fator 2012”, que ganhou relevo mundial na última década e chegou a fazer surgir seitas e grupos de pregadores do fim. Na verdade, seria simples se fosse assim, mas a coisa é mais complexa. Um dos trabalhos científicos mais completos e importantes sobre o tema é o livro de Raymond C. Hundley, PhD em Teologia, intitulado “O mundo vai acabar em 2012?” (publicado no Brasil pela Thomas Nelson. Nela, o autor chega a uma conclusão, no mínimo impressionante, para a profecia maia, isso depois de analisar as 10 mais proeminentes e discutidas teorias sobre o fim do mundo em 2012. Em determinado momento, o autor cita as manifestações do ancião maia Carlos Barrios (p. 46) que afirma: “outros escrevem sobre profecias em nome dos maias. Dizem que o mundo vai acabar em dezembro de 2012. Os anciãos mais estão revoltados com isso. O mundo não acabará; ele será transformado”. Essa assertiva é completada com a afirmação de Don Alejandro Cirilo Perez Oxlaj, líder do Conselho Nacional dos Anciãos Maias da Guatemala, que diz que, na verdade, em 2012, “o mundo é transformado e entramos em um período de entendimento e coexistência harmônicos, no qual há justiça e igualdade sociais para todos.” (p. 47). Bem, não é difícil, agora, descobrir qual é a interpretação de Hundley pra profecia maia... Isso mesmo: o “fim do mundo” em 2012, na verdade, é uma referência profética à intervenção de Cristo na Terra. Ora, leitor, ligar a profecia maia à volta de Jesus, publicar isso por uma das maiores editoras do mundo e vender vários milhões de cópias... isso não é um fato corriqueiro! E é uma salada grande demais pra minha cabecinha...

Pois bem... agora sou que eu pergunto: o que está acontecendo? Por favor: cartas, placas, universitários, plateia...

Sinto muito se você não gosta de questões religiosas, mas, se chegou até aqui, nesse caso não dá pra, apenas, ignorar isso tudo que mostrei. Veja, leitor, que não estou abordando, aqui, a questão de uma possível segunda volta de Jesus como cristão que sou. Isso seria muito simples pra mim e fazer todas as ligações com base em uma interpretação protestante da Bíblia e desses fatos seria quase banal. Mas, não é esse o ponto. Disso eu falo na Igreja em que vou,

pra meus amigos e pra aqueles que querem ouvir. O que eu quero tocar aqui é nessa inacreditável confluência, nesse movimento incrível, quase inexplicável, de visões, antes tão dispares, tão separadas. Agora em uma direção única, no caminho de um possível evento grandioso e extraordinário e sobrenatural que Terra estaria para presenciar em breve – evento que é certeza para uns e ridículo para outros. É esse movimento (doutrinário, social, antropológico, filosófico, sei lá o quê ou tudo isso junto) que me intriga. Há questões que precisam de uma resposta em relação a isso.

- Qual é a força que move todo esse incontável e heterogêneo batalhão em uma direção única? Será possível imputar toda essa sinergia apenas ao efeito do “fator 2012”? (Mas já se falou de fim do mundo antes...)
- Isso é consequência da situação atual de desespero de parte da humanidade? (Mas, já estivemos até mais desesperados antes...)
- Isso é uma histeria coletiva que passará em breve? (Mas, as histerias coletivas costumavam ser mais localizadas antes... Seria o primeiro caso de uma histeria globalizada?)
- Ou isso deve, mesmo, ser tomado como evidência de alguma coisa grandiosa e iminente? (E, se for, mas de que, exatamente, se trata?)
- De que forma isso afeta minha vida hoje, meu tempo, minhas convicções, ou, no mínimo, minha atenção em relação a esses fatos todos? (Como disse o tempo todo ao longo do artigo, esse não é o tipo de coisa que a gente simplesmente pode ignorar...)
- Afinal: o que você acha disso tudo?
- Olha, leitor, eu não sei se você dá conta de responder essas questões todas. Nem sei se você quer respondê-las. Cá com meus botões, tenho minhas convicções... Mas, elas me suscitam outras perguntas:
- Seriam (as minhas convicções) minimamente próximas das suas? (Ou seja, estaríamos nós fazendo parte do mesmo movimento sinérgico?)

- Se sim (e então estamos na mesma direção), como isso nos afeta? Se não, o que isso implicará num futuro próximo?
- Será que essa sinergia hegemônica do pensamento religioso moderno, cada vez mais místico, estaria nos conduzindo a uma nova Inquisição? Ou, no mínimo, a uma nova Cruzada?)
- Se haverá mesmo uma nova harmonia mundial, qual seria o seu custo? Se nada acontecerá, qual será o custo, pra humanidade, de toda a energia despendida nesse movimento?

É... Esse me parece, sem dúvida, o tipo de coisa que merece uns minutinhos de meditação... Não dá mesmo pra, simplesmente, ignorar...

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

A PRESUNÇÃO DO PATIFE

Quero, antes de começar o tema de hoje propriamente dito, falar de minha alegria pelos meios (alguns muito emocionantes, com dolorosas experiências pessoais) que recebi de diferentes partes do país, manifestando gratidão e satisfação pela abordagem dos temas de algumas semanas passadas. A ideia dos artigos sobre relacionamentos no trabalho, quando bem compreendida, revela que o interesse único em escrevê-los é o de proporcionar subsídios para compreender essa diversidade “animal” que habita as arcas de Noé que são as escolas e universidades. O objetivo é, apenas, prover os membros dessas comunidades de instrumentos de saber que permitam a eles relacionarem-se melhor com seus pares e demais pessoas, com menos desgaste e mais produtividade. Para escrevê-los, tenho trocado figurinhas com amigos psicólogos e procurado traduzir para uma linguagem mais acessível (por isso uso metáforas como a do “urubu”) um pouco do imenso conhecimento psicológico hoje existente sobre relacionamentos. Se bem lidos, pode-se ver, claramente, que os artigos não falam de uma pessoa ou grupo em particular, não expressam qualquer tipo de preconceito, mas tratam dos relacionamentos humanos em todos os ambientes de trabalho, com enfoque para os ambientes educacionais. Então, se está ajudando – e as mensagens que recebi atestam que está – mesmo que alguns leitores se sintam doloridos, fico feliz. Vamos ao tema de hoje, então, atendendo a um pedido muito especial enviado por meio por um leitor de Alagoas.

Não sei se você passa por isso, mas para mim, existem algumas palavras que me chamam a atenção, quer pela sonoridade, quer pela forma como são usadas, quer pela impressão que me causaram na infância. “Patife” é uma dessas palavras que me despertam atenção. Vasculhando a memória, acabei concluindo que é porque essa era a forma mais comum com que os mocinhos e bandidos se xingavam nos filmes de *bang-bang* que eu assistia em casa quando era pequeno (“patife” só competia em ocorrências com “bastardo”, mas essa já é uma palavra que eu não gosto). Eu ficava me perguntando por que os americanos só se chamavam de “patifes”... Mal sabia eu que eles, na verdade, já falavam outras coisas nos filmes daquela época, mas que eram os tradutores brasileiros da época da ditadura militar que eram obrigados transformar todo tipo de agressões em

meras “patifarias” para não ferir os bons costumes das famílias brasileiras... Mas, isso é outra história... Na verdade, aqui, a palavra aparece como uma metáfora psicológica, como falar de “Édipo”, “Electra” ou “Narciso”.

Por definição de dicionário, o patife é uma mistura de canalha, embusteiro e covarde. É uma figura que engana os outros e não tem coragem de assumir a própria condição. Mas, é também uma figura apalhaçada, abobalhada e tosca, pois o patife é, quase sempre, notório. Ao mesmo tempo em que se acha esperta, é tonta; ao mesmo tempo em se acha manipuladora, mal consegue lidar com os próprios problemas. É uma pessoa complexa e problemática. Mas, o que interessa, sobretudo, é compreender que, se existem patifes por defeito de caráter, existem muitos patifes por problemas psicológicos. E é destes, em especial, que quero tratar aqui. Vamos partir do princípio:

A necessidade de sentir-se aceito é uma das mais fortes no ser humano. Saber que se é amado e reconhecido é algo imperativo em nossas vidas. O contrário é tratado como uma patologia psicológica. Ninguém gosta de ser jogado de escanteio, desprezado, desconsiderado e, por isso mesmo, dispendemos grande parte de nossa energia tentando fazer coisas que agradem as pessoas. Por isso procuramos, com tanto ardor, adotar os padrões do grupo no qual queremos ser aceitos e reconhecidos: se todo mundo ali é cheiroso, ficamos cheirosos; se todo mundo é fedorento, ficamos fedorentos também.

Porém, em ambientes educacionais, essa necessidade de aceitação se agrava e passa a níveis muito perigosos, em função dos elevados níveis de pressão que professores e alunos sofrem nesse ambiente. Professores têm necessidade de se sentir competentes, pois isso é cobrado deles diariamente como condição para a aceitação. Essa “certeza de competência”, para a maioria dos professores, vem de fora pra dentro, vem pelo reconhecimento da comunidade, por um elogio, uma menção honrosa qualquer. A pressão social e psicológica que se exerce sobre um professor em razão de sua necessidade de competência é enorme! Nos ambientes universitários, essa pressão se multiplica por dez, na medida em que, além de competente nas aulas, o docente precisa produzir quase que compulsivamente para demonstrar essa competência. Ele tem que passar por constantes avaliações que o submetem à humilhação de ficar prestando contas de sua vida, sem o que, sequer consegue uma progressão funcional. Ser produtivo como a academia quer, porém, nem sempre é possível: nem todos nasceram para ser escritores, palestrantes, máquinas

de trabalho científico. O ritmo de alguns é mais lento, embora façam coisas importantes... Da mesma forma, os alunos recebem muita pressão dos professores e, mais ainda, dos colegas de classe, em razão de sua produtividade na sala. Eles precisam ser bons. Não ser “inteligente”, nesses ambientes, significa estar em segundo plano, não ser aceito, ter que aguentar constantes humilhações.

Quando essa pressão brutal e impiedosa recai sobre uma pessoa com qualquer desequilíbrio emocional, a coisa começa a complicar. Se a pessoa tem uma propensão à depressão, tem baixa autoestima, normalmente, ela vira se transforma em uma “ostra”, se tranca pra vida e curte uma depressão infernal que pode levá-la à morte (ou a causar a própria morte, o que não é incomum). Porém, se essa pressão recai sobre uma pessoa egocêntrica, aquela em que a autoestima parece exceder em muito a realidade pessoal, a coisa complica para todo mundo. É dessa figura que vou tratar mais detalhadamente aqui, porque é ela uma das que mais infernam os ambientes de trabalho.

A necessidade de um egocêntrico em tomar parte ativa do mundo como alguém que se destaca sempre, sua necessidade em ser o centro das atenções em qualquer situação, somada à pressão por ser “inteligente” e mostrar isso produzindo coisas, é uma base muito propícia pra se desenvolver uma psicopatia de relacionamento. Muitas vezes, isso ainda se soma a problemas históricos adicionais como uma desilusão amorosa, uma dificuldade acentuada em algum tipo de realização em especial (como publicar escritos, por exemplo), uma insatisfação com a própria condição física (obesidade ou magreza excessivas, insatisfação com a estatura, defeitos físicos congênitos ou adquiridos, considerar-se feio, etc.), problemas de identidade sexual, insatisfação com o salário, o cargo ou a instituição em que trabalha (por exemplo, trabalha em uma escola de periferia, mas queria trabalhar em uma escola “famosa”, é professor, mas queria ser diretor). Essa soma de egocentrismo + pressão social + problemas emocionais adicionais resulta uma equação que tem o poder de gerar uma figura bem conhecida nos ambientes educacionais, que eu chamei aqui, metaforicamente, de “patife” – e isso não é um xingamento de *bang-bang*. Alguns dos traços desse tipo de figura são bem conhecidos: em primeiro lugar, seu traço mais significativo e fácil de identificar é que ele cuida da vida de todo mundo, vigia todo mundo, quer saber o que todo mundo faz, mas porque gosta de se achar esperto e manipulador. Por isso gos-

ta tanto de conversas à boca pequena, dos cantinhos, das notícias mais quentes. Por isso, também, sempre tem um sorriso fácil no rosto, uma piadinha na manga da camisa ou um elogio barato pra disparar. É como ele consegue angariar simpatia. Isso o faz sentir-se importante, faz com que ele se sinta maior do que realmente é, dá a ele uma sensação de segurança emocional que sua condição real não lhe proporciona; como vive muito ocupado com a vida dos outros, é, geralmente, muito improdutivo, pois não lhe sobra tempo para fazer o que deveria. Soma-se a isso que ele sente necessidade de estar em todos os lugares possíveis ao mesmo tempo, pra poder vigiar e, assim, acreditar que ele é que está influenciando todas as decisões (lembre-se: ele se considera um árdiloso manipulador de vidas). Por isso, ele quer fazer parte de tudo, de todas as comissões, de tomar assento em todos os conselhos, de participar de todas as deliberações. Luta pra ter seu nome inserido em tudo, adora ver seu nome publicado em portarias e diários oficiais, mas quase sempre não faz nada. Gosta, na verdade, de trabalhar com as mãos alheias. Sempre que pode, empurra seu trabalho pra outro fazer, embora vá dizer, depois, que foi ele quem fez; toda vez que é confrontado, assume uma postura de “cristo”. Com a mesma facilidade com que quer tomar conta de tudo, larga tudo pra trás e “abre mão de seus direitos” pelo bem da nação, desde que – é claro – consiga sair da situação como vítima. Ama se fazer de ofendido, porque essa é uma óbvia maneira de chamar atenção e angariar votos de piedade em seu favor, o que, aos seus olhos, o engrandece moralmente diante dos outros. Nesse sentido, é mesmo o retrato fiel de um patife (enganador, cínico e covarde), que nos irrita muito e causa sérios problemas no ambiente de trabalho. Mas, é aqui que temos que ter discernimento pra ver se esse comportamento é causado por defeito de caráter – o que faria dessa pessoa alguém “ruim”, digna de condenação – ou se é uma psicopatia – o que demandaria tratamento psicológico adequado; além disso, essa figura vive aumentando o que é e o que faz. Sente uma necessidade doentia de falar de si e de suas realizações e de seus amigos importantes (sim, ele sempre tem amigos muuuuuuito importantes...). Se publica um livro comum, desses de 50 páginas – que pode até ser bom, afinal - faz parecer que publicou a versão atualizada da enciclopédia britânica; se participa de uma reunião corriqueira, precisa de dois dias para descansar do desgaste emocional que sofreu pra salvar o mundo na ocasião; vive sempre falando que é uma pessoa muuuuuuuuito ocupada, que não

tem tempo para nada. Mas, na realidade, ninguém sabe em que ela está ocupada, fazendo o quê... porque ela não produz nada! Se lhe dão qualquer tarefa corriqueira, pode até fazer, mas passa o resto do mês contando pra todo mundo o trabalhão que deu! Na verdade, essa atitude decorre da necessidade de chamar a atenção para si e, se diagnosticado um problema psicológico, isso deve ser compreendido mais como uma carência do que como um defeito moral; finalmente, vem a característica que define o título do artigo: a presunção do patife. Como essa figura se acha o centro do mundo, ela também tem a presunção de que todas as demais pessoas do ambiente de trabalho a consideram como o centro do mundo. Na cabeça dela, todo mundo está sempre olhando pra ela, falando dela, se preocupando com ela. Se você diz: “O dia está quente...”, ela já acha que é com ela; se você diz “A privada da minha casa entupiu...”, ela já pensa que isso é uma forma disfarçada e covarde de falar dela; se você escreve uma carta pra sua vó, a pessoa com esse tipo de problema já pensa que é pra falar dela. Há uma *presunção de centralidade* que têm como efeito colateral, a necessidade de vigiar os outros pra interpretar suas atitudes e verificar de que forma elas “ameaçam” as fantasias do patife. Como resposta às maluquices que essas pessoas enxergam nas atitudes alheias, elas não hesitam em inventar coisas, mentir, manipular, torcer palavras, criar problemas fictícios, boatos, factoides, sempre na busca de tirar benefícios e tudo mais que a gente conhece tão bem. Por exemplo, imaginemos que uma pessoa assim quer se aproximar de você (pra tirar alguma vantagem, é claro) e, por qualquer razão, ela acha que você não vai aceitá-la. Sem nenhuma dor de consciência, ela inventa que alguém disse que você brigou com ela ou que alguém disse que ela não gosta de você. Depois, vem com cara de boa criança dizer que te ama que as pessoas que inventam essas conversas são infelizes desocupadas, mas que ela vai te proteger desse mal. Ou seja, o patife inventou, ele mesmo desmente, ele mesmo atribui o feito a outra pessoa (que nem existe, mas que ele sabe quem é e só não te conta por questões éticas) e ele mesmo conserta tudo só pra que você goste dele.

Pessoas assim dão um trabalho danado no ambiente de trabalho. São uma fonte incansável de problemas. Elas, se não forem identificadas e compreendidas, podem colocar a perder todo um grupo, podem destruir um projeto, até uma instituição. O problema é que sua esperteza doentia, não raramente, passa despercebida. Não é incomum que pessoas assim, em função de suas peculiaridades,

coloquem abaixo toda uma escola ou toda uma universidade. Nesses anos todos de educação, já assisti isso algumas vezes, e você, leitor, também já deve ter visto isso acontecer. Acompanhei um caso em que uma instituição educacional pública com cerca de 1300 pessoas quase se acabou, e chegou a sofrer uma intervenção, por conta de uma pessoa – isso mesmo: uma pessoa! – assim. Em outro caso, um professor com esse problema levou quase todo o corpo docente de uma escola estadual a parar na polícia. Em um terceiro caso, também de uma escola pública, houve uma revolta de alunos contra a direção e todos os outros professores, que custou duas semanas de aulas. E isso, sendo que apenas o patife estava do “lado do bem”. Isso pra lembrar apenas três casos... O poder de destruição de um “psicopatife” é incalculável!

Por isso tudo, convém ficar esperto quando lidamos com essas patifarias doentias. Identificar essas figuras e ser capaz de isolar os efeitos de suas atitudes no ambiente de trabalho pode ser o fiel da balança entre o sucesso e o insucesso de um grupo. Encaminhar essa pessoa a tratamento psicológico adequado nem sempre é fácil, mas é necessário. Digo sempre que não entendo por que escolas e universidades têm psicólogos para atender alunos, mas não os têm para os professores e demais funcionários. O fato de ser professor não implica que a pessoa não precise de ajuda.

Muitas vezes, sendo capaz de controlar essa junção de fatores que se associam a uma personalidade egocêntrica, descobrimos o quão capazes de produzir e conviver podem ser os autores dessas patifarias todas. Afinal, se tais pessoas não fossem capazes e inteligentes, como conseguiriam causar tanto estrago no grupo de trabalho?

A DESSACRALIZAÇÃO DA VIDA I

“E o irmão entregará à morte o irmão, e o pai o filho; e os filhos se levantarão contra os pais, e os matarão.” (MATEUS 10: 21)

A vida já foi a coisa mais sagrada que um dia tivemos. Já foi. Algumas notícias recentes de jornais de TV, nos minutos que suporci assisti-los, me mostraram que a humanidade chegou ao ponto de total dessacralização da vida e isso pode significar o fim, mesmo sendo otimista. Quando o respeito à vida se perde e o senso de seu valor por completo esvai, não há mais o que fazer. As notícias foram:

- 1- Um sujeito em um ônibus pediu a motorista que parasse fora do ponto, na verdade a cerca de cem metros do ponto. O motorista explicou educadamente que isso não era permitido. O sujeito sacou um revólver de sua mochila e deu três tiros no motorista. Quando o ônibus desgovernado parou, estava, ironicamente, na frente do ponto. O sujeito fugiu. O motivo do assassinato? O assassino ficou com raiva.
- 2- Um rapaz de pouco mais de 20 anos foi preso por matar um PM. Na entrevista ao repórter de TV, ele alegou matar PMs por diversão, dizendo que os soldados não passam de “Ricardinhos”. Perguntado sobre os riscos da “brincadeira”, ele respondeu ao repórter que pra ele não fazia diferença alguma se ele matava ou se morria, uma vez que a vida não valia nada mesmo.
- 3- Um sujeito foi preso por matar a mulher com 9 facadas em um estado do Nordeste. Perguntado sobre as razões do crime, ele alegou ao repórter que tinha cansado daquela mulher e queria arrumar outra mais gostosa.

Esses casos, que já foram exceções, raridades, se multiplicam hoje aos milhares, aos milhões em todo o mundo. E em todos eles – esses três ocorridos em uma única semana – a causa dos assassinatos é fútil, banal, espúria, sem qualquer razão justificável – se é que há

alguma razão que justifique um assassinato. A preocupação com a vida – a própria e a alheia – não existe mais. O sagrado foi profanado, o valioso foi desprovido de qualquer valor, o patrimônio maior que um dia tivemos – a nossa vida - foi desprezado e está sendo jogado fora com uma banalidade assustadora. Estamos como já disse e repeti diversas vezes aqui nesta coluna, nos tempos que o apóstolo Paulo chamou de “trabalhosos”, cheios de “homens amantes de si mesmos”.

O egoísmo impera como regra de vida pra maioria das pessoas. Aqueles que defendem a vida, o valor do ser humano, a liberdade, a fraternidade e o bem comum viraram idiotas, motivo de escárnio dos espertos. Hodiernamente, oferecer algo sem pedir nada em troca é prova de estupidez. A sabedoria que conduz à paz é ouvida como se ouve uma marchinha de carnaval muito antiga, com um interesse museológico, com um desprezo intolerante.

Enquanto isso estamos muito preocupados com ensinar Português, Matemática, Física... Nossas escolas e universidades se dedicam quase que exclusivamente às questões técnicas, científicas. Não há qualquer preocupação com a formação moral e ética das gerações futuras, mesmo se sabendo que não há mais famílias que possam fazer esse serviço. Assim, enquanto a Ciência se desenvolve aos quilômetros, mesmo que por motivos inconfessáveis, a condição moral e ética da humanidade não evolui um só milímetro.

Não sei mais o que fazer o que gritar o que escrever pra chamar atenção pra esse problema. E sei que não sou o único, mas meus pares também parecem cansados. É urgentíssimo que nossas escolas e universidades reservem tempo expressivo em suas atividades para a formação moral e ética dessas gerações que elas têm hoje nas mãos. E isso sob o risco de, em pouquíssimo tempo, não haver mais do que cadáveres de professores espalhados pelos cantos da escola, enquanto grupos de jovens, amotinados por causa das notas das provas recém-entregues, fumam seus cigarros de maconha, entre gargalhadas e goles de Vodka, trepados no encosto de um banco de praça qualquer.

A DESSACRALIZAÇÃO DA VIDA II

Depois do massacre de alunos na escola municipal no Realengo, duas grandes vertentes de salvação se formaram e têm dominado a mídia. Uma fala da segurança nas escolas, outra fala do desarmamento da população. Ministros, autoridades de todos os níveis e até a Dona Dilma se meteram a dar suas balizadas opiniões sobre a questão. Minha decepção só não foi maior porque aprendi a não cobrar de ninguém aquilo que esse alguém não sabe. Mas os remédios propostos são de chorar...

É evidente que nenhuma dessas vertentes resolve o problema, pois nenhuma delas ataca as causas, mas tenta banir as consequências. Não funciona!

Nos três anos anteriores escrevi artigos falando de segurança nas escolas. Cheguei a escrever artigos exclusivos falando de violência e relacionando a coisa ao caso escolar. Disse, várias vezes, que um sujeito não consegue entrar com seu celular num banco, mas um assassino entra com um arsenal de guerra numa escola cheia de pessoas indefesas. É óbvio o critério de aplicação de segurança: dinheiro vale mais do que gente. Bastava uma porta giratória com detecção de metais na escola e o assassino do Realengo teria seu arsenal descoberto. Mas, isso não evitaria que ele envenenasse a merenda escolar ou matasse alunos enforcados com uma corda ou estuprasse alunas na saída das aulas, em algum terreno baldio. A segurança nas escolas é importante como forma de evitar aberrações como a que aconteceu no Rio, mas não resolve a questão.

O desarmamento da população – alardeado por ministros federais nos últimos dias, tampouco soluciona as coisas. Tiram-se as armas de fogo, ficam as facas e punhais, os socos-ingleses usados pelas gangs nas ruas, e todo o arsenal clandestino. Ajuda? Claro que ajuda! Fechem logo todas as fábricas de armas de fogo do mundo, acabem com todos os exércitos, acabem com as guerras, deixem todo mundo com paus e pedras apenas pra alimentar o instinto assassino dos povos e a ilusão tosca do poderio dos estados nacionais. Mas isso seria pedir demais, até pros ministros brasileiros com suas

soluções simplórias de sempre... Então, tiremos as armas dos cidadãos de bem e ponto. Já vai ajudar um pouco, é o que dizem os especialistas. Mas não resolve o caso do próximo “Wellington”, que vai entrar na escola com meia dúzia de punhais e esfaquear as crianças à torto e à direita, tanto quanto seus braços aguentarem. É fato: o desarmamento não resolve a questão, pois não ataca as causas.

Tomemos o exemplo do maior massacre desse tipo em escolas já ocorrido no mundo. Trata-se do massacre promovido pelo estudante de Literatura Inglesa Seung Hui Cho, que assassinou 27 colegas e cinco professores na Universidade Virginia Tech. Quais foram as providências tomadas pela universidade? Educação! O saguão em que aconteceu o massacre foi desativado, reformado e agora, reativado, abriga um centro de estudos sobre a paz e contra a violência. Isso soluciona! Vejamos:

A história tem um monte de tragédias desse tipo em ambiente escolar. Segundo o jornal O Correio da Bahia, as maiores tragédias foram essas:

- 1 **Beslan, Rússia,** Terroristas chechenos fazem mais de mil reféns em uma escola, em setembro de 2004. O governo russo invade o local. A ação deixa 380 mortos - 156 eram crianças.
- 2 **Virgínia, EUA,** Em abril de 2007, um estudante sul-coreano entra na Universidade Virginia Tech e mata a tiros 32 pessoas, suicidando-se em seguida. Foi o pior massacre dos EUA.
- 3 **Erfurt, Alemanha,** Um aluno expulso mata 14 professores, dois estudantes e um policial, em abril de 2002. O jovem tirou a própria vida no episódio.
- 4 **Dunblane, Escócia,** Em março de 1996, um homem invade uma escola e, em três minutos, mata 16 crianças de 5 a 6 anos, além de uma professora. Ele se matou.
- 5 **Denver, EUA,** No ataque mais famoso da história, em abril de 1999, dois alunos entram na escola de Columbine atirando. Um professor e 12 alunos morrem. Os dois cometem suicídio.
- 6 **Winnenden, Alemanha,** Um jovem de 17 anos mata três professores e nove alunos com uma arma dos pais, em março de 1999. As leis de porte de arma tornam-se mais duras.
- 7 **Kauhajoki, Finlândia,** Em setembro de 2008, Matti Saari en-

tra numa escola e mata nove alunos e um professor. Ele também se mata. A polícia o interrogara dias antes do episódio.

- 8 **Kentucky, EUA**, Um adolescente armado mata 11 estudantes e fere 5 outros na cidade de Paducah, em dezembro de 1997.
- 9 **Minnesota, EUA**, Um garoto de 16 anos mata o avô e a parceira dele, vai à escola e tira a vida de um professor, um segurança, cinco alunos e sua própria, em março de 2005.

Veja que nem todas podem ser atribuídas a casos de psicose, desequilíbrio causado por bullying ou recalques de infância, mas todas acontecem de forma extremamente violenta e que denota um profundo desrespeito à vida como bem maior, insubstituível e sagrado. Isso vale, inclusive para os assassinos que, na quase totalidade dos casos, se suicidam após os crimes cometidos.

O que quero chamar a atenção aqui é pro fato patente de que em todos os casos a vida perdeu completamente seu valor. Não houve educação no sentido do valor maior da vida humana em nenhum deles. Encontramos (talvez colocando de fora os terroristas chechenos, que são outros quinhentos...) pessoas de famílias desestruturadas, sem amor familiar e frutos de uma escola demasiadamente preocupada com o ensino da Ciência! Física, Química, Matemática, Análise Sintática e outras tantas quinquilharias do saber acadêmico não aumentam em nada a formação moral e ética das pessoas. Essas quinquilharias têm sim seu valor e seu papel, mas não melhoram as pessoas como “pessoas”! Como disse C. Castoriadis (que citei há duas semanas aqui na coluna), todo o quilométrico progresso da Ciência nas últimas décadas não aumentou um milímetro os valores morais e éticos da sociedade e nem dos cientistas.

Temos escolas e universidades demasiadamente “acadêmicas”, que não conseguem sair de seus muros, quebrar suas próprias correntes e legar à sociedade um pouco de respeito, paz e amor. Os próprios professores ficam se matando, disputando poderezinhos podres no ambiente escolar e universitário, fazendo conchavos pra garantir espaços ilusórios, defendendo seus interesses à revelia dos interesses coletivos, destruindo vidas em troca de gratificações ou de uma bolsa temporária. Muitos agem como “flagelados do saber”, capazes de humilhar, espezinhar, segregar e matar, não por um punhado de arroz – como faria um desculpável flagelado “comum”

- mas por uma bolsa de pesquisa ou por uma gratificação de 500 reais! Muitos são uma verdadeira vergonha pras comunidades e pros alunos. Que lição esses estabelecimentos têm a oferecer? O que esses senhores teriam a legar a seus alunos em favor da vida? Nada!

Guardo com alegria muitas pequenas mensagens, emeios e cartas que recebi ao longo de minha vida como professor. Nenhuma (nenhuma mesmo!) delas não diz respeito ao que eu fiz como professor de Português, de Literatura, de Linguística ou de Cultura Grega. Nunca recebi um bilhete sequer de um aluno que dissesse respeito a minha capacidade acadêmica, que modestamente, não considero das piores... Mas, os alunos que me agradeceram ao longo desses anos, o fizeram porque eu tirei alguns minutos para ouvi-los nas horas de suas dificuldades, porque lhes dei algum conselho que os ajudou em suas vidas, porque dediquei alguns minutos da minha aula pra falar de vida, de paz, de amor, de consideração, de tolerância e de respeito para com o próximo. A afirmação é sempre essa: “O senhor foi mais do que um professor, porque ensinou coisas também para a vida!”.

Tenho algumas dezenas de mensagens com essa afirmação guardadas! Percebe a revelação absurda que elas fazem leitor?! “Mais do que um professor” por quê? Porque ensinou pra vida! Então, na cabeça deles os professores não ensinam pra vida! A escola não serve pra vida! A universidade não serve pra vida! Entenda isso! Na cabeça dos alunos nós, os professores - e nossas escolas e universidades - não ensinamos nada que preste pra vida! E quando, por acaso ou milagre, o fazemos, eles se sentem na obrigação de agradecer! Até quando esse estado de coisas vai permanecer?! Até quando a escola e a universidade vão estar preocupadas com suas fórmulas e análises e quadros estatísticos e tabelas de abreviaturas e esquecer que existe um negócio chamado VIDA?!

É absolutamente imperativo e urgente que o governo brasileiro interfira novamente nos currículos escolares. É absolutamente imperativo que as unidades federadas e os municípios promovam treinamentos pros professores da Educação Básica nesse negócio chamado “vida”. É absolutamente imperativo que União, estados e municípios juntos insiram de forma urgente em todas as escolas e universidades brasileiras estudos sobre os valores morais e éticos necessários à vida em sociedade, em todas as séries, desde o maternal até a graduação. É preciso que haja tempo e espaço curricular

pra estudar coisas como:

- o valor da vida humana
- respeito
- solidariedade
- amabilidade
- paciência
- fraternidade
- tolerância
- paz
- organização social
- caráter

É preciso que isso seja estudado e praticado. É preciso que haja trabalho prático da escola e das universidades, na forma de ações sociais permanentes, que insiram na mente das crianças e jovens a mais absoluta e imperativa aversão a qualquer forma de desrespeito dos direitos individuais ou qualquer manifestação de intolerância. Isso é atacar as causas de tragédias como a do Realengo. Sem isso, nem detectores de metal, nem policiamento, nem desarmamento, nem nada... apenas sangue, dor e perplexidade diante da estupidez do massacre de crianças inocentes.

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

PROFISSÃO: professor I

Tenho repetido, em diversas ocasiões, que considero a profissão do magistério uma das mais promissoras atualmente. Não apenas pelas mais de 450 mil vagas existentes no mercado, conforme reconhece o MEC, mas pela necessidade de implantação de incentivos imediatos, como a correção salarial, para que essas vagas atraiam profissionais qualificados. Aliás, sobre qualificação, recentemente, um portal de notícias brasileiro divulgou dados estarrecedores sobre a qualificação dos atuais professores da Educação Básica. Em áreas como Física, Química e Biologia, a qualificação não supera os 40% dos profissionais em exercício. Mesmo em áreas como Língua Portuguesa, uma das menos ruins, a qualificação específica para a área não passa de 70%. Por essas e outras, algo terá que ser feito e esse “algo” será benefício para os professores.

Mas, o que é ser professor hoje no Brasil? Bem, não quero falar aqui das dificuldades da profissão, da violência manifesta dentro da escola e ainda dos baixos salários. Quero focar a questão da definição da carreira com base na legislação.

Temos, no Brasil, basicamente dois tipos de professores: professores da Educação Básica e professores da Educação Superior (chamados também de professores universitários, mas nem todos trabalham em universidades). Nos dois casos, a situação já foi bem pior. A legislação atual garante direitos, horários e funções bem específicas para esses professores. Vejamos:

Começemos pelas liberdades. Qualquer professor brasileiro goza hoje, pelo menos na lei, de autonomia didático-pedagógica e liberdade para ensinar de seu modo, a menos que esse tal de “seu modo” seja um flagrante desrespeito a outro aspecto legal. Além disso, a legislação rege explicitamente a valorização do professor no sistema. A lei 9394/96 (LDB) diz o seguinte (atenção aos grifos):

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

[...]

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;

[...]

VII - valorização do profissional da educação escolar;

Além disso, outros artigos da mesma lei garantem o direito de o professor participar da elaboração do projeto pedagógico da instituição, atuar na gestão democrática das instituições e participar efetivamente na conjugação entre a comunidade e o estabelecimento escolar. Mas, uma das coisas que mais me agradam na legislação é a garantia de tempo reservado para as diferentes atividades da carreira.

Eu já era professor de carreira muito antes dessa lei de 1996. A gente dava 40 aulas por semana e levava um monte de coisas pra fazer em casa. Atividades como preparar aulas, corrigir trabalhos e estudar eram pra fazer no final de semana, ou então da meia-noite às duas da manhã... Agora é diferente. A LDB diz o seguinte:

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

[...]

V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;

Nesse artigo, creio que a própria legislação acaba definindo um perfil do que deva ser a carreira de um professor brasileiro hoje: é um sujeito que dá aula, estuda, planeja e avalia, tudo dentro do horário de trabalho dele. Não deve haver mais a necessidade de levar coisas pra casa. Esse “período reservado” é definido em legislação complementar com um mínimo de 20% da carga horária do professor. Assim, um professor com 40 horas semanais de contrato poderá dar, no máximo, 32 aulas, e terá 8 horas para planejar, avaliar e estudar. Porém, muitos sistemas municipais e estaduais têm oferecido mais do que isso aos professores. Alguns deles chegam a oferecer 50% da carga para as atividades próprias, fora da sala de aula. Isso alivia muito a carreira e se constitui de um avanço extremamente significativo na história da docência no Brasil.

Mas, é fundamental que se veja que há uma diferença marcante entre o professor da Educação Básica e o da Educação Superior, muito especialmente o professor de universidades. Notemos que o professor da Educação básica tem até 80 % de sua carga de 40 horas (no caso do exemplo) lotado em sala. Por outro lado, o professor de nível superior deve ser lotado em 8 horas na sala de aula:

Art. 57. Nas instituições públicas de educação superior, o professor ficará obrigado ao mínimo de oito horas semanais de aulas.

É claro que esse “mínimo”, no geral acaba virando a prática. Mas, por que essa diferença? A resposta está, acredito, nas especificidades do ensino superior. Mas, quero enfatizar aqui, de forma especial, o professor de universidade. Vejamos a definição de universidade:

Art. 52. As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por: (Regulamento)

I - produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional;

Como se vê, uma universidade só é universidade de verdade se produz saber, e se faz, ensino, pesquisa e extensão. E quem deve fazer isso nas universidades? Basicamente os professores comandam o processo. Logo, um professor universitário é alguém que leciona, estuda, planeja e avalia como os professores da Educação Básica, mas também que precisa, por força de lei, produzir saber. Essa produção de saber deve ser também divulgada: logo, ele precisa escrever e fazer extensão. Assim, a lei diminui sua carga de docência, mas lhe atribui outras funções. Esse pequeno quadro resume a questão:

Professor da Educação Básica	Professor Universitário
Ensino (80% da carga)	Ensino (20% da carga)
Estudo pessoal	Estudo pessoal
Planejamento	Planejamento
Avaliação	Avaliação
-	Produção do conhecimento – basicamente pesquisa
-	Divulgação e aplicação do conhecimento – basicamente a produção acadêmica e a extensão

Esse quadro deixa claro, também, por que professor universitário não assina ponto nem precisa ficar o tempo inteiro dentro da Universidade, de plantão, fazendo papel de besta, olhando pras paredes. A vida do professor universitário de verdade é ativa na comunidade, ele pesquisa e participa de atividades de pesquisa, que nem sempre

são dentro das universidades, ele escreve (e não importa se ele escreve na sala dele ou no escritório dele ou na casa dele, até porque nem sempre as universidades oferecem espaço e condições para que o professor escreva em sua salinha na universidade), ele participa de forma efetiva de atividades de extensão, enfim, ele é um gerador e um divulgador de conhecimento, e isso nem sempre cabe dentro dos muros da universidade. Na verdade, as universidades inteligentes e maduras estão mais preocupadas com a qualidade do trabalho dos professores (aulas, pesquisa, produção acadêmica e divulgação do saber) do que em ficar controlando os professores pra saber onde eles estão se cumprem horário na instituição, se são bons meninos.

Por tudo isso, afirmo categoricamente que um professor que não produz conhecimento, que não apresenta aos seus alunos nada novo, nada produzido por ele, que sempre passa a vida repetindo o que os outros produziram, o que os outros disseram que acaba uma disciplina inteira e não apresenta aos alunos uma folha sequer que ele tenha escrito, não é um professor universitário de verdade. É preciso, pela própria natureza da universidade, que o professor universitário esteja permanentemente pesquisando, gerando saber, divulgando o saber e aplicando o saber. Da mesma forma, pode-se afirmar categoricamente que uma instituição, mesmo que tenha o nome de “universidade”, se estiver mais preocupada em controlar a presença dos professores do que a qualidade de sua produção, não é uma universidade: é uma escola de educação básica, “aulista” e retrógrada. O nome “Universo”, que está dentro do nome “Universidade”, exige de seus gestores mais inteligência do que a preocupação com o “controle de ponto” dos docentes. Uma universidade de verdade se mede por sua produção de saber, não pela quantidade de aulas que seus professores ministram, embora, é claro as aulas também sejam muito importantes.

Assim, hoje, no Brasil, as carreiras dos professores da Educação Básica e da Educação Superior, especialmente a educação universitária, não se definem pelo fato de um ser doutor e outro não, nem pelos concursos, mas pela natureza de suas funções. Almejo o dia, porém, em que o professor da Educação Básica será também um pesquisador e um gerador e divulgador de saber permanente! Aí estaremos em outro patamar educacional e a educação será, desde o princípio, uma aventura maravilhosa!

PROFISSÃO: professor II

Na semana passada, falei sobre a diferença entre a carreira do docente de Educação Básica e do docente de Educação Superior. Deixei bem claro aqui (espero...) que embora ambos sejam professores, a divisão de carga horária entre esses docentes é diferente, pois suas carreiras são diferentes. Basicamente, disse que docentes de Educação Superior são obrigados a produzir, a pesquisar a publicar conhecimentos, por isso têm menos aulas.

Hoje vou mostrar que essa obrigação dos docentes de Educação Superior vai bem além de simplesmente proporcionar boa qualidade educativa para os alunos e informações fresquinhas que os deixem satisfeitos. A avaliação e a existência dos próprios cursos de nível superior dependem de seus professores. Veja esses artigos da LDB:

Art. 46. A autorização e o reconhecimento de cursos, bem como o credenciamento de instituições de educação superior, terão prazos limitados, sendo renovados, periodicamente, após processo regular de avaliação.

Art. 52. As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por:

- I - produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional;
- II - um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado;
- III - um terço do corpo docente em regime de tempo integral.

O que esses artigos definem? Que cursos universitários têm uma autorização temporária. Se essa autorização não for renovada, o curso deve ser fechado.

E como se garante a renovação dessa autorização? Por avaliação do curso.

E o que é avaliado? Bem, o próprio conceito de universidade (Art. 52) diz que “universidade” tem que ter pesquisa, ensino, exten-

são, 1/3 de seus professores mestres ou doutores (no mínimo) e 1/3 de seus professores em regime de tempo integral. Então, provavelmente isso é que deve ser avaliado. É isso? Corretíssimo!

Então, veja a Resolução 02/1998 da Câmara de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação. Preste atenção especial às partes que grifei (a resolução é meio grande – desculpe, leitor - mas vale a pena citar aqui na íntegra):

RESOLUÇÃO CES N.º 2, DE 7 DE ABRIL DE 1998*.

Estabelece indicadores para comprovar a produção intelectual institucionalizada, para fins de credenciamento, nos termos do Art. 46 do Art. 52, inciso I, da Lei 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996.

O Presidente da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação no uso de suas atribuições, e tendo em vista o disposto na Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, e no Parecer CES 553/97, homologado pelo Senhor Ministro de Estado da Educação e do Desporto em 27 de março de 1998, RESOLVE:

Art. 1º A produção intelectual institucionalizada consiste na realização sistemática da investigação científica, tecnológica ou humanística, por um certo número de professores, predominantemente doutores, ao longo de um determinado período, e divulgada, principalmente, em veículos reconhecidos pela comunidade da área específica.

Art. 2º A produção intelectual institucionalizada será comprovada:
a) por três cursos ou programas de pós-graduação stricto sensu, avaliados positivamente pela CAPES e/ou

b) pela realização sistemática de pesquisas que envolvam:

I - pelo menos 15% do corpo docente;

II - pelo menos metade dos doutores;

III - pelo menos três grupos definidos com linhas de pesquisa explicitadas.

§ 1º No caso da alínea “b” do presente artigo, a produção intelectual institucionalizada será comprovada por intermédio dos seguintes indicadores:

I - participação dos docentes da instituição em congressos, exposições, reuniões científicas nacionais ou internacionais, e, especialmente, nos congressos nacionais da respectiva área com

apresentação de trabalhos registrada nos respectivos anais;

II - publicação dos resultados dos trabalhos de investigação em livros ou revistas indexadas ou que tenham conselho editorial externo composto por especialistas reconhecidos na área;

III - desenvolvimento de intercâmbio institucional sistemático através da participação de seus docentes em cursos de pós-graduação, troca de professores visitantes ou envolvimento em pesquisas interinstitucionais;

IV - desenvolvimento de programas de iniciação científica, envolvendo estudantes dos cursos de graduação correspondentes às temáticas investigadas.

§ 2º Na avaliação do inciso II considerar-se-á o número de publicações e de comunicações apresentadas em Congresso, devendo, nos últimos 3 anos, este número ser equivalente, no mínimo, a 9% do número de docentes.

§ 3º A avaliação aqui considerada concerne àquela desenvolvida pelo docente durante a vigência do seu contrato com a instituição.

Art. 3º. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Entendem o que estou querendo dizer? O peso que recai nas costas dos professores universitários é bem maior do que simplesmente dar boas aulas (que é o que se espera dos professores da Educação Básica sempre). Sobre eles recai a responsabilidade da própria classificação de sua instituição como “universidade” e a manutenção – ou não – dos cursos existentes. Vejam o que a resolução diz:

- a) doutorado - os professores precisam estudar pra se tornar doutores tanto quanto possível;
- b) produção institucionalizada - não basta ele pesquisar ou fazer extensão: precisa de projetos registrados na instituição;
- c) programas de pós-graduação stricto sensu - os professores têm que se virar pra criar e manter cursos de mestrado e doutorado, muitas vezes os levando nas costas, literalmente, dentro de pastas e arquivos, pois nem espaço existe para as coordenações ou secretarias desses cursos;
- d) congressos, reuniões, exposições, etc. – os professores têm que se virar pra participar de encontros científicos nacionais e internacionais, apresentarem trabalhos nesses encontros, etc. Muitas vezes, isso ocorre sem qualquer

- ajuda de custo, pois as instituições nem sempre têm dinheiro sequer pras passagens. O professor que se vire, mas será depois cobrado!;
- e) programas de iniciação científica – esses programas dão uma trabalhadeira danada, pois são os docentes que convidam os alunos pra desenvolver, sob sua orientação, um projeto científico. O docente tem que ensinar o beabá da Ciência pros alunos, supervisionar os projetos, orientar as ações, corrigir os relatórios e todas as publicações, participar dos congressos de resultados... é muito trabalho! Como orientador de iniciação científica há mais de 15 anos e membro consultor de Conselhos Técnico-Científicos (CTC) de seleção de projetos posso afirmar que é trabalho pra quem gosta mesmo!;
 - f) intercâmbios – existem editais de intercâmbio disponíveis, mas os docentes têm que correr atrás de tudo e de todos pra conseguir isso, convencer parceiros e, muitas vezes, convencer a própria instituição, que nem sempre é dirigida por gente de muita visão...
 - g) finalmente, o parágrafo terceiro, inciso IV do artigo 2º resume a coisa toda - a avaliação concerne ao que os docentes realizaram durante certo período. Obviamente, professores visitantes ou temporários, somente durante o contrato, mas os professores permanentes (concursados e de carreira) durante toda a vida institucional, o tempo todo. É passar a vida toda produzindo, pesquisando, publicando, com a responsabilidade da existência da instituição nas costas.

Em outras palavras: o reconhecimento de uma escola ou a existência da Educação Básica também depende de seus professores, é claro, mas *apenas da existência de professores devidamente habilitados e em número suficiente*. No ensino superior, especialmente nas universidades, não! A própria existência da instituição como universidade depende de ela ter um número mínimo de professores com titulação de mestrado ou doutorado. Mas, muito mais do que isso, a existência de cada curso de graduação, mestrado ou doutorado depende da produção intelectual institucionalizada e contínua,

incessante, sempre atual de seus professores. Eles trabalham? Pesquisam? Escrevem? Fazem extensão? Participam de congressos? Fazem intercâmbio com outras instituições? Estão sempre e sempre se especializando mais e mais? Sim? O curso continua. Não? O curso não terá seu credenciamento renovado. É pouco? Acho que não. Pelo contrário, é muito!

Por isso é preciso entender que os professores universitários são servidores tanto quanto os servidores técnicos das universidades ou quaisquer outros servidores. Eles devem obedecer às regras do serviço público como qualquer um, mas para professores, em relação a férias e frequência são específicas, por exemplo. Porém, não se pode perder de vista que docentes têm uma carreira diferente! A briga interminável entre servidores e professores nas universidades é comum, mas é tola! Bastaria que cada um compreendesse as responsabilidades e especificidades de cada carreira. Professores universitários não podem e não devem ser entendidos como “meros servidores”. A própria manutenção do status da instituição depende deles e dos trabalhos específicos deles, que exigem:

- a) mais tempo fora da instituição;
- b) mais viagens;
- c) mais recursos;
- d) mais mobilidade, inclusive funcional;
- e) mais celeridade em alguns processos, como a compra de certos equipamentos e certos materiais de consumo, por exemplo;
- f) mais espaços especializados dentro da instituição, como salas de estudo, laboratórios e locais de aplicação de saber;
- g) enfim, uma série de requisitos para o trabalho docente e de produção que um servidor comum (por exemplo, da área burocrática) não necessita para bem desenvolver suas funções, feliz e a contento.

O simples fato de conhecer e entender isso ajudaria muito! Reconhecer a natureza do trabalho, das responsabilidades e da carreira dos docentes universitários, compreenderem isso e colaborar com eles, certamente também os tornaria bem mais felizes e menos estressados. Afinal, eles são permanentemente cobrados por isso e, será que carregar a existência da instituição nas costas já não basta?

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

PROFISSÃO PROFESSOR: epílogo

Neste último artigo da série “Profissão Professor”, vou tratar das alvissareiras perspectivas para essa profissão no Brasil. Já vimos que professores universitários e professores da Educação Básica têm percursos diferentes, embora complementares. Suas cargas horárias de trabalho em sala são distintas e as responsabilidades que pesam sobre seus ombros também. Mas, ambos ainda sofrem com problemas de falta de condições de trabalho, violência no ambiente institucional, baixos salários etc., etc. e, em decorrência disso tudo, muitos apresentam problema de estresse acentuado, depressão, síndromes psicológicas de todo tipo e natureza, uma vontade enorme de desistir, e por aí vai... e muitos realmente desistem, sendo que outros nem criam coragem de começar a carreira.

O resultado disso é que sobram vagas de docentes no Brasil, tanto nas universidades/faculdades, que estão com seus quadros incompletos - sem exceção, todas precisam de professores! – como na Educação Básica, em que o número de vagas abertas ultrapassa 450 mil em todo o país. E isso sem falar que grande parte das vagas preenchidas nas universidades (sim! nas universidades também!) e na Educação Básica estão sendo preenchidas hoje por profissionais em condição de “desvio de qualificação”. Isso é patente nas universidades públicas, em que é extremamente comum que os professores assumam cadeiras que vão além de suas formações específicas de graduação e pós-graduação, como também nos dados recentes do INEP sobre qualificação de docentes da Educação Básica, que mostram desvios de 30% em áreas como Língua Portuguesa e até absurdos 70% em áreas como Física e Química. Isso precisa ser resolvido, e logo, pois há um comprometimento não remediável na qualidade da educação fornecida para os alunos de hoje. Se for resolvido, haverá remédio para os alunos de amanhã, mas os de hoje já se deram mal...

O que tem sido feito pra revolver essa situação? Bem, a aposta oficial é que mudanças drásticas nas carreiras docentes e nas condições de trabalho serão suficientes para atrair novos profissionais com a devida qualificação. Isso fica mais que evidente na Resolução

nº 2, de 28 de maio de 2009, que fixa as Diretrizes Nacionais para os Planos de Carreira e Remuneração dos Profissionais do Magistério da Educação Básica Pública, em conformidade com o artigo 6º da Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008, e com base nos artigos 206 e 211 da Constituição Federal, nos artigos 8º, § 1º, e 67 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e no Artigo 40 da Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007. Essa resolução de nome pomposo, na verdade, estabelece alguns benefícios bem práticos para a vida do professor da Educação Básica. Vamos ver os principais:

- O Art. 1º garante que os benefícios da resolução são obrigatórios pra todos os professores da Educação Básica pública no Brasil (pobres dos professores da rede privada, sem amparo...);
- O Art. 2º determinava que todos os planos de carreira de magistério da Educação Básica público do Brasil deveriam estar devidamente adaptados até dezembro de 2009. Aconteceu? Não exatamente, mas a maioria conseguiu...;
- O Art. 3º garantiu uma política de salários e fontes de recursos. Aliás, os professores da Educação Básica se tornaram a única categoria profissional do Brasil com garantia em lei de reajuste salarial anual (Art.5º, inciso VI);
- O Art. 4º é um de grandes benefícios, entre eles: garantia de acesso exclusivo à carreira via concurso público, remuneração condigna e equiparação salarial com profissionais de outras carreiras de mesmo nível de formação, progressão salarial ao longo da carreira, valorização da experiência profissional, incentivo à jornada semanal de 40 horas com dedicação exclusiva e trabalho em um único estabelecimento, integração dos sistemas para melhorar a qualificação dos docentes, apoio técnico e financeiro da União para melhorar as condições de trabalho nas escolas, valorização da pessoa do professor nas decisões do sistema

- educacional, garantias de estabilidade para o professor, que não poderá mais ser jogado de um lado para outro toda vez que se desentender com um diretor de escola, integração dos sistemas educacionais pra aproveitamento de concursos de professores (por exemplo, um professor concursado de São Paulo se muda pra Bahia e pode ser aproveitado no sistema sem ter que fazer novo concurso, inclusive levando consigo os benefícios já conquistados anteriormente). Como se vê, não é pouca coisa o que se propõe;
- O artigo 5º fala das garantias de salário e de outra garantia muito importante: a do número adequado de alunos por professor e por sala. A proposta do CNE é a que segue:
 - “Assim consideramos necessário avançar no sentido de que os sistemas de ensino e os entes federados, através de normas de seus conselhos ou leis de suas casas legislativas, conforme o artigo 25 da LDB, instituem parâmetros adequados à composição das classes, visando a garantir qualidade ao trabalho do professor, tomando como base as seguintes referências:
- a) em cada escola, no máximo, uma média de estudantes por sala nos seguintes parâmetros: de 6 a 8 alunos por professor para turmas de educandos de 0 até 2 anos de idade; até 15 alunos por professor para turmas de educandos de 3 anos de idade; até 20 crianças por professor para turmas de educandos de 4 até 5 anos de idade; nos anos iniciais do ensino fundamental, até 25 alunos por sala; nos anos finais do Ensino Fundamental, até 30 alunos por sala, e no Ensino Médio até 35 alunos por sala;
 - b) nas redes de Ensino Fundamental e Médio, proporção nunca inferior a 1 (um) professor para 22 (vinte e dois) estudantes e 1 (um) técnico administrativo para 66 (sessenta e seis) estudantes, e no conjunto da Educação Infantil, da Educação do Campo e das demais modalidades que exigem proporção inferior para a consecução de oferta qualitativa, proporção fixada pelo respectivo sistema de ensino;

- c) atribuição a cada docente de um número de turmas tal que nunca ultrapasse a 300 (trezentos) estudantes por professor em regime de, no máximo, 40 (quarenta) horas semanais em regência de classe, adequando aos profissionais de disciplinas com carga horária reduzida ou de áreas de conhecimentos afins, atribuições de aulas sem prejuízo em suas remunerações ou na carga efetiva de trabalho.” (Parecer 09/2009/CEB-CNE).

Além disso, o mesmo artigo fala da garantia de formação inicial (nas licenciaturas) sólida para o docente e de garantias de formação continuada, incluindo licenças remuneradas pra estudar, progressão na carreira em função da titulação obtida e garantia de progressão por avaliação de desempenho e tempo de serviço.

O Art. 6º garante regras claras de aposentadoria pros professores e o Art. 7º estende esses benefícios pra professores indígenas, quilombolas, o que se aplica, obviamente, também aos professores da área rural.

Esse conjunto de benefícios não está de todo implantado. Aliás, falta muito! Mas já está garantido em lei. Cabe aos sindicatos conhecer a resolução e cobrar dos sistemas educacionais seu cumprimento, se for o caso, na Justiça. Mas, o fato de ter tudo isso garantido em lei, já é um avanço considerável na carreira dos docentes da Educação Básica.

Agora, a pergunta que não quer calar: o que será feito pra garantir a permanência dos docentes do Ensino Superior? Não existe resolução parecida pra eles. Aliás, a última atitude do Governo Federal em relação aos docentes do sistema federal de universidades e IFET foi totalmente contrário ao que pedia o sindicato nacional! Na verdade se trata de um pacote que foi enfiado goela abaixo dos profissionais por meio da Medida Provisória 431/2008, que depois virou lei com o mesmo conteúdo, em que aparecem 7 artigos miúdos sobre a “carreira” do Magistério Superior, a manutenção da separação entre as carreiras das universidades e dos IFET (professores de IFET ganham menos que os das universidades, mas também fazem pesquisa e ministram cursos de nível superior... vai entender!). Esses artigos falam exclusivamente de criar uma gratificação no lu-

gar de outra (criou-se a GTMS no lugar da GED), estabelecem uma “nova” estrutura de classes e níveis, e ainda faz algo muito ruim que foi retirar os valores concernentes à titulação do vencimento básico, criando mais uma gratificação (GEMAS). Nada de vantagens, nada de garantias de condições de trabalho, enfim... um miserê danado. Só gratificações temporárias que somem na hora que o Governo resolver.

Isso tem afastado gente da carreira e os concursos estão cada vez mais pobres. Lembro-me que, quando fiz meu concurso para ingressar na carreira nos idos de 1989, foram quase 30 concorrentes para 2 vagas. Hoje, abre-se uma vaga e aparece um ou outro sujeito... quando aparece. Por quê? Todo mundo sabe a dificuldade que é. Além do mais, essas pessoas com mestrado e doutorado ganham bem mais fora do magistério superior do que nele. Não seria hora de o Governo Federal também acordar pra essa situação e o CNE resolver algo semelhante ao que resolveu para os professores da Educação Básica em relação aos docentes da Educação Superior? Ou vão esperar que 450 mil vagas de docentes nas universidades fiquem ociosas antes de se mexer?

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

TRÊS ATITUDES PARA MUDAR O MUNDO

Nos dois últimos artigos, falei sobre questões de relacionamento em escolas e universidades. Mostrei que há pessoas preocupadas com a construção de uma educação de qualidade, focadas – tanto quanto possível para elas – em fazer seu trabalho e viver em paz. Mas, por outro lado, existe um contingente problemático que persegue, desequilibra relações, cria conflitos internos nas instituições, se acha dono dos destinos alheios e causa problemas de toda ordem e tamanho.

Hoje, quero falar um pouco sobre o “soro” para essa situação. Soro mesmo, pois contra isso não há vacina. E não sei até que ponto se pode considerar o que vou dizer como um “remédio”. “Soro”, como o soro antiofídico, por exemplo, é para quando a gente já foi picado, quando a gente está doente por alguma causa. A ideia do soro aqui é que esses ambientes dos estabelecimentos educacionais já estão doentes com a presença dessas pessoas venenosas, virulentas, mas que é possível – eu creio sinceramente nisso! - trazer uma sobrevida e, quem sabe, uma recuperação significativa a esses ambientes. Isso se dá com atitudes de pessoas saudias, atitudes que funcionem como esse “soro simbólico” de que falei, atitudes que equilibrem o veneno dos psicopatas e dos sem-caráter de plantão, com a força de uma bondade inquestionável.

A primeira atitude tem a ver com questões muito pessoais: nossa consciência. É preciso manter a consciência limpa em toda e qualquer situação, mesmo que se preveja que vamos sair perdendo do ponto de vista do poder ou das conquistas materiais. Apenas com a consciência limpa, aquela não trai nossos ideais mais preciosos e íntimos, é possível manter-se em pé mesmo diante de falsas acusações, de ofensas descabidas, de tramoias nojentas. O fato é que você pode ser perseguido, derrubado, chutado, cuspidado. Se você for culpado, o peso da culpa faz com que você seja obrigado a aceitar isso como uma punição devida. Se você não for culpado, se sua consciência não lhe acusa, você tem como manter-se em pé, mesmo aparentemente caído, manter-se vivo, mesmo aparentemente morto, manter-se vitorioso, mesmo aparentemente derrotado. Isso não é pouco: pode ser a diferença entre a vida e a morte.

A segunda atitude essencial é: cuide das pessoas que você ama, alimente suas relações com elas, ame-as cada vez mais, arrume tempo para elas, dedique suas atenções, esforços e recursos com elas. Faça das pessoas que ama a sua família de fato (independente de sangue) e cuide de sua família tanto quanto possível. É esse amor que nos dá energia para viver, para ir em frente. É esse amor que nos move adiante e que confirma que temos razões importantes para viver e para trabalhar. É esse amor que faz de nós guerreiros destemidos. Muito mais do que um ideal político ou uma convicção filosófica, ter alguém que nos ame e alguém para amar define nossa capacidade de luta e nossa resistência diante do mal. Como disse o próprio Deus, “Não é bom que o homem esteja só.”

Finalmente, preze por ser um exemplo. Viva uma vida de retidão que possa ser um exemplo. Faça tudo o que for possível para que não haja motivos de reprovação para você. Nunca exija de outras pessoas o que elas não podem ver em você. Seu exemplo falará mais alto do que qualquer bom discurso que você possa fazer. Pode parecer que você não está, na verdade, fazendo nada mais do que sua obrigação em viver uma vida correta, mas seu exemplo vale muito! As pessoas ao seu redor observam você atentamente. Todos somos observados e cobrados, de alguma forma, pelo que fazemos. É uma vida exemplar que permite a você ter condições morais de reivindicar, repreender, aconselhar, apontar rumos. Com uma vida toda envolta em sobras e atitudes reprováveis, como alguém pode pretender ter o direito de apontar o dedo para um “urubu” da sociedade? Além disso, nossa condição exemplar garante nossa defesa diante de falsas acusações muito mais do que palavras. É por uma vida profissional competente, por uma vida moralmente correta, por uma vida familiar condizente com os mais elevados princípios, entre outros aspectos do nosso cotidiano, que adquirimos a respeitabilidade necessária para atuar no combate à urubusagem instituída. É quando alguém mostra que não é “carniça”, que consegue colocar um limite para as ações do “urubu”.

São três atitudes simples (por favor, não confunda “simples” com “fáceis”, prezado leitor) que devem se misturar com nossa existência, com nosso dia a dia. Mas, pense seriamente nisso: são três atitudes que podem mudar significativamente o mundo ao seu redor e, quem sabe, um pouco mais além.

A LEITURA EM CASA: o exemplo

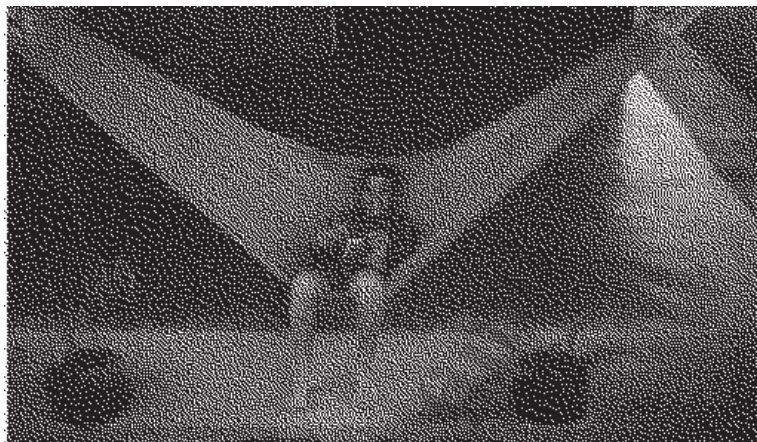
É consenso nacional que o Brasil é um país que lê pouco. Não há como fugir dos dados que dão conta de que, na média, o brasileiro lê menos de um livro por ano, enquanto há países em que essa média chega perto de 10 livros. Isso se reflete na qualidade geral de nossa educação e, por que não, na qualidade geral de nosso povo. Muitas das barbaridades a que assistimos diariamente na TV não ocorreriam se tivéssemos um povo mais educado, mais leitor. Por isso, estou iniciando uma série de 4 artigos que vão tratar do tema da leitura no ambiente familiar, abordando a importância do exemplo, da biblioteca familiar, das experiências multimodais e como essa experiência familiar se transporta de casa pra escola.

Acredito que a família tem grande responsabilidade no processo de formação de crianças leitoras. Assim como a criança aprende em casa a importância do respeito, da ordem, da higiene e das regras de convivência básica, é em casa também que ela aprende que a leitura precisa fazer parte de nossa vida como a respiração e a alimentação.

A boa leitura abre os horizontes da pessoa, isso todo mundo já sabe. Ela eleva o espírito, permite que haja um significativo desenvolvimento geral do intelecto e, assim, melhora até as conversas e os relacionamentos em casa. Mas, é moeda corrente que “a leitura é árdua em seu princípio”, que “determinados livros importantes são difíceis de digerir e exigem muito esforço e dedicação do leitor” e que “toda leitura dedicada toma tempo de outras coisas”. Há, ainda, as versões de que “ler dá sono” e de que “ler é chato mesmo”. Tudo isso é verdade se o leitor não desenvolveu, desde pequeno, uma relação de dependência vivencial para com a leitura. “Depender de ler pra viver” é ter um hábito de natureza existencial, uma relação de prazer e satisfação com a leitura como temos para com a comida e o sexo (a maioria, pelo menos, gosta de comer e fazer sexo... eu acho...).

Só que isso não se aprende na escola, pois na escola, leitura é “tarefa” (ainda e infelizmente! Quem sabe um dia a gente muda isso...). E tarefa não é lá uma coisa legal de se fazer, pela própria concepção que temos disso. Mais do que isso, a gente sempre estraga a leitura na escola dando coisa pra se fazer “em cima dela”. Então, quando vem a leitura, o aluno já sabe que depois vêm mais

obrigações. A leitura da escola nunca é, ela mesma, uma realização, e isso é terrível!



A leitura se torna prazerosa na medida em que não é imposta (de fora pra dentro), mas autoimposta. Todos sabem que crianças têm a tendência de imitar seus pais. Ninguém pede que elas os imitem. Elas simplesmente têm prazer nisso. Por isso a menina pega o batom da mamãe e pinta a cara toda e o menino fica andando pela casa com o sapato do pai naquele toc-toc intrigante. Se as crianças veem os pais lendo em casa, comumente, constantemente, elas terão a tendência de imitar isso, de achar que isso é mesmo importante (porque os pais fazem isso sempre) e de seguir o mesmo caminho dos pais. O exemplo dos pais como leitores é fundamental pra formação de meninos e meninas leitoras. Não é por outra razão que lares com pais leitores têm a tendência de ter mais filhos leitores. Vivenciamos isso na prática aqui em casa e vou mostrar “as provas”.

O Lucas, nosso filho mais velho, hoje com 17 anos, é um leitor contumaz. Começou com um ou dois anos se virando com os livros pra cá e pra lá pela casa, pedindo pra gente ler as histórias dos livrinhos pra ele e fazendo as leituras ao modo dele pra gente. No balaio de brinquedos, havia livros também, livros que ele colocava lá e não adiantava tirar: os livros voltavam rapidinho. Faziam parte de sua diversão. Na foto acima, o Lucas ainda tinha 8 anos. Estávamos de férias em um hotel fazenda e queríamos sair pra pescar. O Lucas ti-

nha “sumido” e fomos procurá-lo ao redor da cabana. Achamos o garoto deitado na rede, lendo. Enquanto isso havia crianças tomando banho no lago e pecando no rio que passa ao longo do hotel. Ele me disse que “estava cansado e por isso foi descansar um pouco... lendo”.

Ninguém pediu que ele lesse. Ninguém sequer pediu que ele levasse os livros pras férias. Foi ele que fez isso, porque quis.

A Bia, hoje com 8 anos, já mostrava como o exemplo dos pais é importante na formação do hábito de leitura. A foto abaixo foi tirada na biblioteca de casa. Ela tinha menos de dois anos e foi pra biblioteca “ler”, ao invés de brincar com outras coisas. Na foto dá pra ver que ela buscou os livros de criança, espalhados pelo chão. Ela já sabia quais eram os dela, quais eram os do papai, da mamãe e do mano. Hoje já são todos de todos. O fato é que, quando entrei na biblioteca, estava ela lá tão concentrada que não me viu. Pude ir buscar a câmera, voltar e tirar a foto. Na imagem não dá pra ver direito, mas ela ainda estava de fralda. De fralda e já virando leitora!



Nesta outra foto ela tinha quase 3 anos. Também é um flagrante, não uma “montagem”. Eu fui entrando na sala de casa e vi a Bia

“lendo” mais uma vez. Já era um hábito. Voltei pra pegar a câmera e registrei novamente a formação desse hábito. Vejam que, na foto, aparecem brinquedos que foram deixados de lado em favor do livro:



Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Hoje, o Lucas e a Bia são leitores assíduos. Leem de tudo, de revistas a livros, passando pela inescapável *Internet*. Nas férias, eu sugiro alguns livros pra ele e outros pra ela, que são lidos e depois conversados em casa comigo e com minha esposa, que, por nossa vez, estamos sempre lendo também. Nas últimas férias, a Bia pediu que comprássemos *Viagem ao Centro da Terra*, do Júlio Verne, que

ela queria ler. Viu a propaganda do filme na TV, eu disse que o filme tinha sido feito com base em um livro “antigo”. Ela ficou curiosa e pediu. O livro foi rapidamente “devorado”. Não há sofrimento nisso, não há obrigação nem imposição. Há autoimposição e prazer nas múltiplas leituras que fazemos.

Mas, aí se argumenta que nem toda família tem uma biblioteca em casa e pais professores que leem o tempo todo, que há famílias que sequer tem livro em casa. Sim, é claro que há famílias que sequer tem comida em casa! Mas, também, há famílias que poderiam ter livros em casa e não os têm! E há famílias em que os pais poderiam ser um exemplo de leitor para os filhos e não o são. Como fica nesse caso? Acredito que a biblioteca da família (que pode ficar na sala ou no quarto, por exemplo) é tão importante que vou falar exclusivamente dela no próximo artigo. Mas, muito mais do que a posse de livros, acredito que os pais precisam rever sua participação e sua relevância na formação de seus filhos como leitores e a importância de seu **exemplo cotidiano** nesse processo. É uma decisão educacional de efeitos eternos.

Se os pais brasileiros se dessem conta disso, reclamariam menos da escola e já mandariam seus filhos pra lá, aos 6 anos, sendo leitores assíduos, mesmo sem que tenham sido ainda alfabetizados. Serão leitores de gravuras, de livros especiais pra crianças e leitores do mundo. Muitas vezes, as próprias crianças iniciam o processo de alfabetização em casa, sozinhos, de tanto perguntar aos pais o que está escrito aqui e ali. Nosso Lucas, quando foi pra escola já sabia ler bem, e escrevia algumas coisas. A Bia, idem. Quem os obrigou a aprender isso? Eles mesmos. Tanto queriam aprender, tanto perguntavam que iniciaram naturalmente o processo de alfabetização, sem que ninguém precisasse ficar mandando que decorassem os nomes das letras e o be a bá! Pensemos nisso, pois essa mudança de comportamento dos pais pode ser decisiva para o futuro de nosso país. Até a semana que vem falando das bibliotecas familiares.

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

POSFÁCIO (1)

DISCURSO E PRÁTICAS DOCENTES

Nair F. Gurgel do Amaral

Importante lembrar que, após a leitura dos textos publicados pelo professor *Dr. Celso Ferrarezi Junior*, fica prejudicada qualquer tentativa de diálogo a respeito da importância do professor no processo de formação do cidadão. Com muita propriedade, o autor escreveu durante algum tempo no espaço *Artefato Cultural*, quase como uma missão de não deixar extinguir o fôlego daqueles que optaram pela profissão da docência. E como sabemos de sua dedicação, empenho e compromisso com a classe, resta-nos, neste posfácio, enfatizar alguns dos seus discursos, especialmente aqueles que tratam da linguagem, uma vez que ela (a linguagem) não é uma atividade escolar, apenas, mas, sobretudo, é uma atividade humana, histórica e social. Por isso é que consideramos necessário lembrar que as propostas/ideias apresentadas só fazem sentido se forem praticadas por todos que participam do processo ensino-aprendizagem na escola. Não se podem entender estas propostas como um receituário, uma solução ou um *rol* de conteúdos a ser seguido; elas pretendem servir à reflexão, visando uma mudança de ponto de vista e de atitudes em relação à linguagem, compreendendo qual é o papel do professor em sala de aula.

Para que o ensino mude, é necessário que os professores revejam suas concepções de educação e de linguagem, especificamente. Assim, as competências podem ser vistas como ponto de chegada que foi orientado por alguns princípios e propiciaram aos professores organizar suas práticas.

O que se pode constatar nos escritos do professor *Celso* são princípios subjacentes às práticas por ele sugeridas, tais como: fazer aprende-se fazendo; todo erro é sinal de reflexão; diferença não é sinônimo de deficiência; mudar é possível, dentre outros.

Estas são as perspectivas que devem iluminar as práticas docentes e cada contribuição posta neste livro conduz para a aproxima-

ção da relação *discurso x prática*. Por isso, nunca é demais buscar novas leituras, novos conhecimentos, novas metodologias e depois testá-los na sala de aula, pois só a experiência poderá comprovar a excelência de uma determinada teoria.

O professor *Celso Ferrarezi Júnior* buscou exercitar essa prática o tempo todo e foi mais além: sentiu-se responsável pela socialização do sucesso de suas experiências e as colocou à disposição de todos que queiram aprender a aprender.

Versão final

POSFÁCIO (2)

UMA CAMINHADA FRUTÍFERA

Iara Maria Telles

A vida sempre nos traz muito aprendizado, seja qual for a idade cronológica que tenhamos, não importando o quanto já saibamos. Creio que, até mesmo na hora da morte, ainda podemos aprender alguma coisa. Juntamente com aqueles que, como nós, têm a fé inabalável de que há Alguém que cuida de nós e crêem que tudo o que acontece concorre para o nosso bem, aprendemos a importância de aceitar esse nosso último momento neste mundo com muita paz e serenidade. Assim é que, no decorrer de toda minha vida, mesmo na profissional como professora e pesquisadora, sempre procurei me colocar mais na posição daquele que aprende e não do que ensina.

Trabalhar na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), *campus* de Guajará-Mirim, de 1996 a 2009, após já ser aposentada como professora universitária na Universidade Estadual de Maringá – PR, trouxe-me muitas experiências, umas positivas e outras negativas, como é normal, pois a vida não é só cor de rosa. Quero falar aqui da caminhada frutífera que tive ao lado de uma pessoa que, ao mesmo tempo, era meu superior – Coordenador do Departamento Acadêmico – e meu aluno como doutorando da primeira turma do Curso de Mestrado e Doutorado em Linguística, opção Línguas Indígenas: **Celso Ferrarezi Junior**, pessoa íntegra, justa, honesta, de uma capacidade intelectual invejável, no bom sentido do termo e, quando é amigo de alguém, é verdadeiro amigo para sempre.

Além dos atributos que citei, poderia enumerar muitos outros, gosto sempre de pensar nele como alguém que sabe verdadeiramente entender e aplicar a noção de que há um só verdadeiro Deus, apesar das inúmeras denominações religiosas existentes. Conviver com ele e aprender com ele neste aspecto de minha vida, o espiritual, sempre foi e continua sendo muito fácil, mesmo sendo ele um Adventista

convicto, e eu, uma Católica fervorosa. Certa ocasião, me chamou em sua sala de então Diretor do *campus* e eu Vice-Diretora e me disse: “Iara, alguém, aqui no campus, a quem prezo muito, está passando por uma fase difícil. Você sabe que tenho sérias objeções com relação à sua religião, mas eu creio em sua oração, pois, pelo que conheço de sua vida, Deus escuta suas orações, senão você não estaria em pé. Peça sua oração por essa pessoa.” Essa é uma atitude de alguém que realmente sabe viver a Religião, e, para mim, isso é tudo.

Como profissional, é dotado de uma ética ímpar, e o que dizer do intelectual que é? Pesquisador incansável, sempre em busca de respostas aos seus questionamentos, e, por isso mesmo, excelente semanticista, área de sua paixão, mas, também, profundo conhecedor da morfologia e da sintaxe de nossa língua. O que aprendi com ele? É necessário fazer novo parágrafo para contar essa história.

Como fui formada na Gramática Normativa, comecei ensinando sintaxe da língua portuguesa na graduação, minha primeira experiência nessa área, seguindo minha formação: altamente normativista e convicta disso. Só que, ao mesmo tempo, eu e Celso começamos a ministrar cursos de Especialização em Língua Portuguesa, e, então, ao orientar uma especializanda, comecei a me questionar sobre alguns aspectos da sintaxe da língua que não batiam com o que eu seguia. Conversando a respeito com quem já tinha adotado como meu “orientador” em sintaxe, ele me convidou para uma tarefa ousada: escrever uma gramática do português, a que, sem hesitar, aceitei, pois sabia que, assim, iria aprender cada vez mais sobre nossa língua. À medida que ele ia construindo sua teoria sobre o funcionamento de nossa língua, eu a ia testando, em sala de aula, verificando as mudanças que estavam sendo feitas, sobretudo na área da Sintaxe. E foi assim que construímos a Gramática do Brasileiro³: a teoria ligada à prática, após uma experiência de quase sete anos. E a normativista se transformou, com esse aprendizado, em uma funcionalista. O que dizer mais de uma caminhada frutífera de quase quatorze anos? Aprendi muito mais do que ensinei!

Obrigada Mestre Celso, que continua sendo meu mestre *on line*, além de amigo de todas as horas.

3 FERRAREZI Jr., C.; TELLES, I. M. *Gramática do Brasileiro*. São Paulo: Editora Globo, 2006.

... OS AMIGOS, AS PALAVRAS ...

Maria Cristina Ramos Borges

Iniciarei a minha fala buscando Alexander Pope, quando diz: “Os que merecem elogios são os que melhor sabem suportar as censuras”.

Celso Ferrarezi Jr., amigo de longa data, pessoa maravilhosa, lúcida, um companheiro incrível, de uma inteligência sem tamanho, um estudioso contumaz, dono de um coração da dimensão do mundo, ele, com certeza, saberá suportar a censura que lhe faço agora:

- Deixou-nos! Privou-nos de sua agradável companhia.
Sim, eu entendo, sua ida deve ter tido algum propósito.

Acho que ele nem soube do que vou dizer agora: aprendi com ele (após assistir uma aula sua, sobre *Sintaxe*, dada a uma banca de concurso público para ingressar na carreira do Magistério Superior, em nossa universidade – *Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR* - que a única coisa da qual nosso cérebro nunca se cansa é aprender; que nunca devemos ter receio de aprender e sempre devemos querer aprender mais e mais.

O seu texto “Educação” mostra uma posição firme em relação ao futuro da família, do amor conjugal, da política brasileira, enfim, de tudo que deve passar por um processo educativo sério e comprometido. Tudo isso pincelado com seu humor irresistível.

Assim, finalizo corroborando com a frase de **Eça de Queiroz**: “*Para ensinar há uma formalidade a cumprir: saber*” - *Celso Ferrarezi Jr.* sabe. Sabe da vida, do que é a verdadeira amizade, de suas metas e objetivos, é um religioso convicto. Mas, *Celso* sabe, acima de tudo, sabe fazer pensar os que podem pensar.

Brinde-nos sempre com suas publicações. Faça-nos saber do que anda te inquietando, escreva. E não mude. Seja sempre o ser humano excepcional que sempre foi.

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

... UM OLHAR ALÉM...

Marinho Celestino de Souza Filho

Falar sobre o Professor Pós-Doutor Celso Ferrarezi Júnior, é tarefa agradável e superfácil.

Primeiro, porque o Professor Celso já foi meu professor de Semântica na Pós-Graduação *Lato Sensu* na UNIR – Universidade Federal de Rondônia – Campus de Ji-Paraná em 1998 e ainda lecionou em 2003 no Mestrado em Linguística na UNIR – Universidade Federal de Rondônia - Campus de Guajará-Mirim, onde novamente eu tive o privilégio de ser aluno desse brilhante cientista, professor e, sobretudo, uma pessoa super-humana, sempre bem humorado.

Além disso, o Celso está sempre pronto a orientar seus alunos seja no campo da ciência, seja no campo das relações humanas.

Assim, não tenho muitas palavras para descrever um ser humano tão digno, ético, respeitador, sério quanto o Professor Pós-Doutor Celso Ferrarezi Junior. Esse Cientista, Filósofo, professor e, acima de tudo, amigo.

Celso meus sinceros parabéns por mais essa publicação e que Deus continue lhe abençoando sempre e cada vez mais você e toda a sua família.

Afinal de contas, você merece, porque sabemos que para chegar onde você está você lutou bravamente.

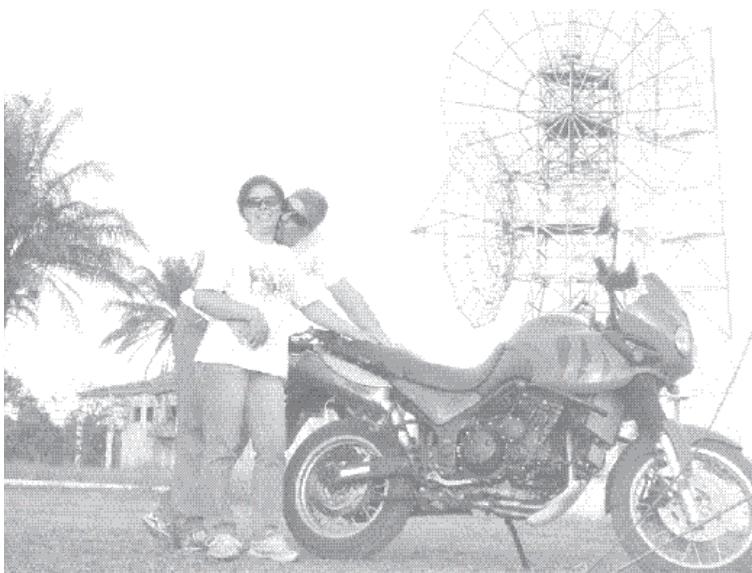
Parabéns pelo sucesso!

DE CORAÇÃO.

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

... COM A PALAVRA, O MESTRE ...



Três anos e meio de Artefato – 2008-2011

Os três primeiros anos de coluna semanal no Artefato constituíram uma das mais intensas experiências pelas quais passei como escritor. Só alguém que tenha a responsabilidade de produzir um novo texto de opinião relevante, interessante, sugestivo a cada semana se dá conta do tamanho da encrenca que tem nas mãos. Como tive a oportunidade de escrever algumas vezes ao longo desses pouco mais de três anos, passei a admirar - como heróis - esses articulistas de grandes jornais que produzem um texto novo a cada dia! Bem sei que não dei conta de fazer coisas boas a cada semana. Então, o que faria se tivesse que fazê-las a cada dia?!

Muitas vezes, faltava a “inspiração”: simplesmente não sabia o que escrever. Outras vezes, faltava o tempo: muitos dos textos foram escritos nas madrugadas, com os olhos quase fechando... E, depois, eu recebia e-mails reclamando que havia erros de gramática

nos textos! E eu nem lembrava do conteúdo, que se dirá dos erros de gramática?! Foi muito bom tudo isso!

Aliás, uma das coisas que mais me inspiravam era essa receptividade das pessoas. Algumas semanas chegamos a ter mais de três mil acessos no portal. Sobre alguns textos, cheguei a receber mais de uma centena de e-mails, alguns elogiando, alguns descendo o pau! Eram o estímulo para pensar, para reconstruir as ideias, para um novo texto na semana que ousava chegar ainda mais rapidamente. Foi esse contato semanal com os leitores de todo o país – e, de outros países, informava-me semanalmente o Google Statistics – que me motivou a usar muitas madrugadas para amar... Mas não uma mulher: agora, as letras, as ideias, as provocações, a birras, as dores minhas e alheias que precisavam ser tratadas; as que, muitas vezes, não tinham tratamento, mas precisavam ser expostas; as que, outras vezes, não podiam ser expostas nem tratadas, mas que tinham que ser fingidas como curadas e as que, simplesmente existiam e, por existir, acabavam caindo ali - teimosas, insistentes! - no papel digital das telas de computador de leitores que, me amando ou me odiando, transformaram essa experiência virtual em uma experiência real, viva, muito significativa. Deles, vinham sugestões de temas, pedidos de opinião, saudações, bênçãos e maldições. Foram três anos que valeram por uma década de livres pensares!

Sou grato ao Portal Artefato Cultural, à pessoa maravilhosa da Cristiane Carvalho, jornalista responsável pelo portal, e aos leitores que acompanharam esses três anos de trabalho por me permitirem fazê-lo. Como cresci com ele! Só posso ser grato.

Quero concluir com uma experiência que passei em São Paulo (ainda quando morava em Rondônia) e que, a meu ver, revela um pouco do muito que foi essa temporada de escritos semanais em minha vida, em minha construção pessoal. Estava em uma festa de casamento em uma cidade próxima a Campinas, SP. De repente, um toque em meu ombro: olhei e era uma mulher desconhecida para mim, dessas pessoas às quais a gente se refere dizendo “nunca vi mais gorda... nem mais magra”:

- Sim?

- Você que é o Ferrarezi, não é?

- Sim... Eu fiz alguma coisa e não estou sabendo? Perguntei com cara de preocupação.

Ela riu e emendou:

- Fez e está fazendo! Mas é muito bom!

- Ufa! Que alívio! E o que é?

- Eu sou professora de Educação Básica e assídua leitora de seus artigos semanais no Artefato. Um amigo enviou um deles para mim e, depois disso, nunca mais parei de ler. Espero ansiosa, a cada semana, que venha um novo. Eles têm me ajudado muito a repensar minha vida de professora, minha participação na vida dos meus alunos e até minha vida pessoal mesmo, minha vida como alguém que deseja ser feliz.

- Que bom! Mas como você sabia que era eu aqui?

- Reconheci pela foto que aparece na coluna do portal e vim dar os parabéns... E agradecer... Quero agradecer muito por tudo que aprendo com você a cada semana.

- Oras! Não é nada! Fico feliz que os textos sejam úteis!

Ela se despediu com um aperto de mãos e eu fiquei pensando: “Agradecer”? Sinceramente, não esperava por essa! Quando muito, um entorpecente, envaidecedor e imerecido voto de “parabéns!”, mas nunca gratidão. Afinal, quem mais aprendeu ali fui eu! Se alguém deveria ser grato, esse alguém, sem dúvida alguma, seria eu... E como sou!

Versão final

SOBRE O LIVRO

Tiragem: 1000

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 10 X 17 cm

Tipologia: Times New Roman 10,5/12/16/18

Arial 7,5/8/9

Papel: Pólen 80 g (miolo)

Royal Supremo 250 g (capa)

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização